

BAU DE UM REKATER



DADU



Stella Galvão é jornalista, Doutora em Educação pela UFRN e autora de 'Calos e Afetos' e 'Entre-atos', cronista e colaboradora do **blogdobarbosa**

Um baú lotado de memórias, por Stella Galvão

O criador e editor deste blog teve a feliz ideia de criar uma seção de memórias batizada de “Baú de um repórter”. Esta modalidade de memorialismo jornalístico responde por um magote de histórias saborosas, relatadas com o entusiasmo de um eterno repórter. Como as memórias se perdem nas brumas do tempo, estas foram resgatadas e publicadas no blog sem preocupação de serem atuais. São recordações, ponto, inscrições permanentes na poeira que nos move temporal e diariamente. A maioria delas fala de um tempo que já é passado – a do jornalismo impresso, saudoso e inesquecível noticiário que deixava marcas de tinta preta em leitores diários. Barbosa é egresso deste tempo. Mas não se deu por vencido. Prova dessa resistência é o número que celebra a vida deste blog – são 16 anos ininterruptos nos quais o velho jornalista brinda seus leitores com registros noticiosos e análises perspicazes. Atualizadas todos os dias.

No meio eletrônico, as histórias perenizam, ao tempo em que trazem o registro de um jornalismo feito com rigor e também com humor. Como no Baú, não me reportarei a datas específicas. São, afinal, fatos e recordações que merecerem figurar como registros de um tempo passado. Como quando Barbosa relata o papel decisivo dos repórteres fotográficos, em dupla com repórteres, para compor o painel noticioso do dia. A foto da descida do caixão de Aluizio Alves à sua morada final, cujo ângulo, de cima de uma árvore, sinalizava a descida ao pó da existência. Fortemente simbólica, ganhou a primeira página, claro. Ou quando o repórter relata ter sido testemunha ocular de uma cena ocorrida em um banheiro público da capital potiguar. Um candidato a presidente recebe uma camiseta com seu nome e o cargo desejado, e não reluta em vesti-la sem cerimônia e à vista de quem estivesse ali. Era Lula, agora três vezes presidente.

Barbosa presta homenagem ao bar que acolheu mais de uma geração de jornalistas que trabalhou no Diário de Natal/O Poti, entre os quais orgulhosamente me incluo. O bar do Lourival, sucursal de uma redação movimentada que se permitia bebericar uma cerveja entre a apuração e a redação do texto, sucursal ética e alimentícia do melhor jornalismo praticado em terras potiguares nas décadas de 1980 e 90. Também homenageia o jornal laboratório do curso de Jornalismo da UFRN, cujo nome lembrava a de um grêmio patriótico, “Nossa voz”. Neste Baú, não faltam outras vozes jornalísticas como a de Rubens Lemos Filho, que narra mais de um fato pitoresco quando ele e Barbosa estavam encarregados de fazer a cobertura da Câmara Municipal de Natal. “Ficávamos, eu e Barbosinha, caçando notícia e imitando menino na praia, catando búzios e conchas expulsas pelo mar para transformá-los em brinquedos considerados inúteis pelos adultos.” Nada inúteis, estas histórias constituem o registro de uma época, e que época!

Histórico

Com o título Baú de um Repórter, o E-Book tem a pretensão de relembrar coisas que presenciei ou até mesmo participei nas redações que atuei como repórter ou editor. Tenho guardado informações dignas de serem reveladas agora. Uma espécie de bastidor da notícia. Conversas que presenciei, informações que não puderam ser divulgadas - na época - situações curiosas, enfim, uma gama de assuntos que reportarei no E-Book.

O objetivo maior é resgatar a memória jornalística que muitos desconhecem, até mesmo como surgiram certas reportagens, inclusive, editoriais extemporâneos. O jornalismo proporciona a quem é profissional da mídia vivenciar histórias que muitas vezes não são relatadas, ou por o momento não permitir, ou por se considerar um fato irrelevante.

O jornalista é por se só um contador de histórias e o Baú de um Repórter nos faz voltar ao tempo com causos pitorescos e até hilários guardados nos bastidores da notícia. Interessante se observar, por exemplo, como surgiram certas pautas que acabaram virando notícias e até mesmo manchete de jornais.

O jornalista não só produz a notícia, mas ele é parte também da notícia, ou seja, faz parte da história. Na hora em que nasce uma notícia o jornalista está fazendo parte desse processo. É nesse contexto que o Baú de um Repórter produz as narrativas que se seguem.

Uma boa leitura!

**** A capa do E-book deve-se a arte do meu neto Luiz Eduardo, Dudu para os íntimos, de apenas 6 anos.***

***** A Produção Gráfica do E-Book, que conta com 142 páginas, é do Analista de Sistemas, Jônata Marcelino***
<https://about.me/jonata.marcelino>.

CAUSOS

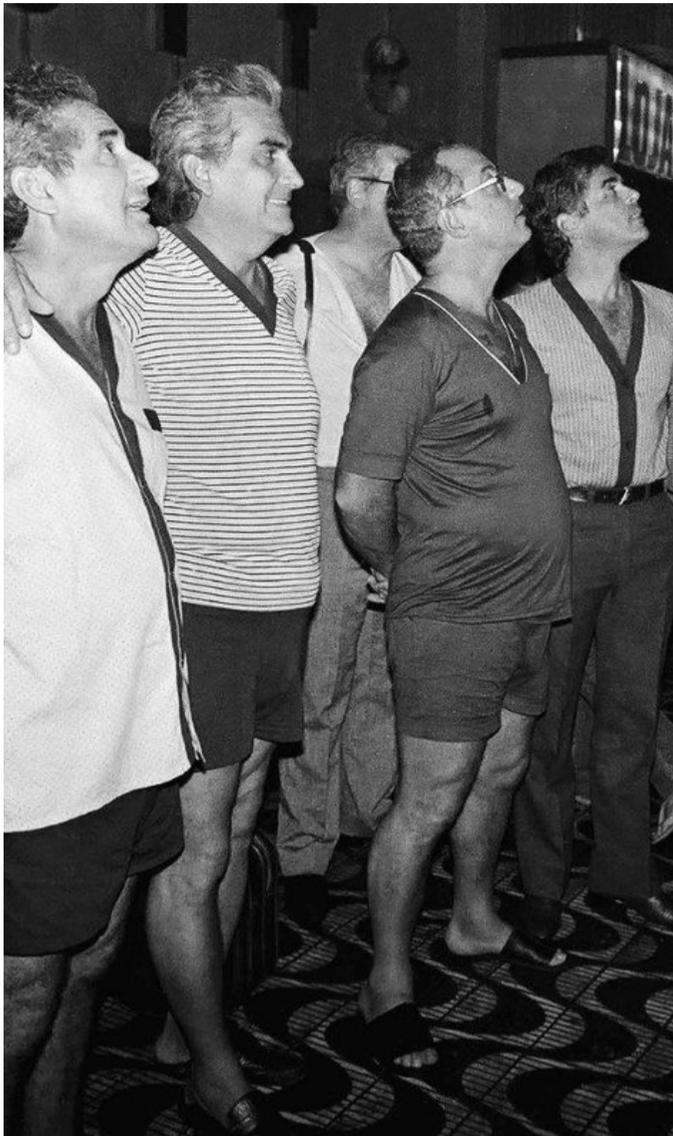


Foto: **Marcos Ottoni**

Maluf de pijama na Avenida Rio Branco em Natal

Era eu chefe da sucursal da extinta EBN [Empresa Brasileira de Notícias] que depois passou a ser Radiobrás no Rio Grande do Norte nos anos de 1980. A sucursal funcionava em quatro salas alugadas no Edifício Cidade do Natal, esquina da rua João Pessoa com av. Deodoro, centro da cidade.

Marcus Ottoni nessa época trabalhava no Correio Brasileiro e estava em Natal acompanhando o então governador de São Paulo, Paulo Maluf, que viajava pelo Brasil em busca de votos dos convencionais que decidiriam o nome do candidato do PDS a ser levado ao colégio eleitoral para a disputa à Presidência da República. O PMDB tinha Tancredo Neves como seu candidato.

A comitiva de Maluf, junto com o pessoal de apoio e os correspondentes dos jornais que o acompanhava nas viagens pelo país ficou hospedada no antigo Hotel Ducal, hoje alojando as secretarias municipais de Educação e Saúde.

Após um dia acompanhando as visitas de Paulo Maluf aos correligionários em Natal e entrevistas à imprensa, os correspondentes ficaram com a noite livre. Marcus Ottoni e o colega Nelson Pantoja, também do Correio estavam hospedados no oitavo andar do antigo Hotel Ducal, centro de Natal. Haviam jantado no restaurante do hotel e decidiram dar uma volta. Afinal o material da visita de Paulo Maluf a Natal já tinha sido encaminhado ao Correio Brasileiro. Tanto a reportagem de texto, como as quatro fotos enviadas através de máquina de telefoto da UPI, depois de reveladas e ampliadas no laboratório improvisado no banheiro do quarto do hotel. Naquele tempo era assim.

Depois de algumas cervejas na praia do Meio, Marcus Ottoni e Nelson Pantoja, um paraense, decidiram retornar ao hotel. Segundo me contou Ottoni, ele e Pantoja estavam conversando no quarto – já era altas horas da noite – quando ouviram gritos de “fogo, fogo...”. Quando olharam pela janela, enormes labaredas projetavam-se pela escuridão da noite. Pantoja abriu a porta do quarto e saiu ainda se vestindo. Ele – Marcus Ottoni – também repetiu o gesto do colega. Conta que começaram a descer as escadas junto com outros hóspedes. Quando já estavam no quinto andar, lembrou que havia deixado o equipamento fotográfico no quarto do hotel. Voltou correndo, abriu a porta e apanhou a bolsa com o equipamento.

Já na praça Kennedy, um caminhão do Corpo de Bombeiros tentava apagar o incêndio nas Casas Pernambucanas que funcionava próximo ao Hotel Ducal. Marcus Ottoni então retirou a máquina fotográfica da bolsa, equipou-a com o flash e começou então a documentar o incêndio e o trabalho dos bombeiros. Depois de algumas fotos, atravessou a Rio Branco e foi encontrar Nelson Pantoja junto com várias pessoas que observavam o incêndio na calçada em frente as antigas Lojas Brasileiras.

Foi então que ao olhar para o povo ao lado, viu o governador Paulo Maluf só de pijama, também na calçada da Rio Branco. Focou e começou a disparar o flash. Acredita ter feito umas dez fotos. Depois do primeiro flash, os deputados que acompanhavam Maluf o cercaram tentando protegê-lo das fotos. Já era tarde.

Pois muito bem: onde é que entro na história: Como a máquina de telefoto da UPI danificou-se com o corre-corre do incêndio, Marcus Ottoni apelou para a sucursal da EBN que ficava próximo ao Ducal. A EBN era a agência oficial do governo federal, cujo presidente era o general Figueiredo e seu candidato preferencial era o ministro Mário Andreazza, adversário derrotado por Maluf na convenção do PDS. Foi justamente a mim que Marcus Ottoni pediu para passar as fotos.

Conclusão da história: Passadas as fotos através da EBN para o Correio Braziliense, elas também chegaram a outros jornais pela Agência Anda, a agência de notícias dos Diários Associados. No dia seguinte as fotos de Maluf só de pijama no meio da rua estavam estampadas nos principais jornais do país.



Foto: Arquivo DN

O dia em que Lavô rompeu com Agripino

O hoje deputado estadual Lavoisier Maia, então no PDT, e na época casado com a prefeita de Natal (RN), Wilma de Faria, atual governadora do estado, almejava também voltar ao governo. Lavoisier já havia sido governador biônico. Dessa vez queria testar as urnas. Aliados, Agripino e Lavoisier Maia divergiam quanto a quem deveria postular o cargo. Se ele [Agripino] ou Lavoisier. Muitas foram as con-

versas nesse sentido. O PMDB do clã Alves, comandado nessa época pelo ex-governador e ex-ministro de Estado Aluizio Alves – já falecido – não tinha nome para disputar o pleito. Foi aí que começaram as conversas com Lavoisier Maia, uma opção fora do partido mas que agradava aos Alves.

Pois muito bem: Numa terça-feira – salvo engano – por volta das 11h, Lavoisier foi à casa do jornalista Cassiano Arruda, amigo pessoal do senador José Agripino. Antes havia tido uma longa conversa com seu correligionário. Lavô, como é chamado carinhosamente pelos amigos, foi a Cassiano se queixar de Agripino, a quem sabia que o hoje senador depositava toda confiança.

Como moro próximo a Cassiano Arruda no bairro Tirol, em Natal – os fundos de sua casa dão para a frente do meu edifício – e de tão alto que Lavoisier Maia falava, apesar de morar no oitavo andar, deu para escutar toda a queixa de Lavô com relação a Agripino. Fui à janela e ouvi perfeitamente as queixas de Lavoisier contra Agripino. Dizia ele que o primo só dava atenção ao então deputado Flávio Rocha – herdeiro da empresa de confecções Guararapes e das Lojas Riachuelo – porque Rocha tinha dinheiro e ele não. Nesse fim de manhã, no terraço à beira da piscina da casa de Cassiano Arruda, Lavoisier Maia tanto gesticulava como lamentava muito a posição de Agripino que não abria mão de ser o candidato do sistema ao governo estadual.

Aguardei Lavoisier Maia ir embora – passou mais ou menos uns 40 minutos conversando com Cassiano – e toquei o telefone para o psiquiatra Maurilton Moraes, dirigente do PDT do Rio Grande do Norte nessa época. Moraes era sempre uma boa fonte. Disse o que havia presenciado. Ele me respondeu: Se você quer uma boa matéria corra agora pra casa de Lavô. Ele está disposto a romper com Agripino e sair candidato apoiado pelo PMDB. Nem pensei duas vezes. Sequer almocei. Peguei o gravador e toquei o carro pra casa do casal Lavô/Wilma no bairro Candelária. Eles residiam numa casa numa rua que fica localizada em frente ao Campus Universitário da UFRN.

Chegando lá, Lavô e dona Wilma estavam almoçando. Me identifiquei e a empregada da família me pediu para aguardar. Lembro como se fosse hoje. Terminado o almoço Lavô, só de bermudas e sem camisa, veio me atender no terraço, onde me encontrava. Sempre solícito, Lavoisier Maia, com aquele seu jeitão, foi logo me perguntando:

– O que é que você quer Barbosa?

– Fui direto ao assunto: Estou sabendo que o senhor acabou de romper com Agripino.

– Ele perguntou como eu sabia daquilo, mas ao mesmo tempo como quase uma confirmação: Como é que você sabe disso?

– Lhe disse: Tenho boas fontes.

Ele sentou-se no sofá ao meu lado e iniciamos a entrevista. Lavô confirmou tudo o que dissera a Cassiano e disse que a partir daquele momento estava rompendo com Agripino e saindo candidato a governador com o apoio do PMDB dos Alves.

De lá voltei pra casa para almoçar e seguir pra redação. Cheguei no jornal por volta das 14h. Luciano Herbert, editor de Política, ainda não havia chegado ao DN. Aproveitei então para fazer a decupagem – transcrever a entrevista. Quando Luciano chegou, como sempre, me perguntava: Alguma novidade Barbosa? Foi então que eu lhe disse: Teho uma bomba. Lavô rompeu com Agripino e será candidato com o apoio do PMDB. Luciano vibrou. Só a gente tinha essa matéria.

Resultado: Manchete do Diário de Natal no dia seguinte com grande repercussão no meio político do Rio Grande do Norte. Os bastidores dessa notícia pouca gente sabia, até hoje.



Foto: **Moraes Neto**

O dia em que o avião do governo atolou no aeroporto de Caicó

Corria o ano de 1987. O governador do Rio Grande do Norte, Lavoisier Maia, foi a cidade de Caicó, distante cerca de 300 quilômetros de Natal na região Seridó. A visita era administrativa, mais tinha cunho político também. Como a cidade dispunha de um pequeno aeroporto, o governador decidiu ir no avião do governo, um bimotor com capacidade salvo engano para 8 passageiros. Secretários de Estado foram acompanhando o governador. Vamos ao fato:

Uma das lembranças mais hilárias que tenho do meu tempo de redação quando trabalhava no Diário de Natal, é a do avião do governo que atolou no pequeno aeroporto de Caicó. Na época, isso em meados de 1987, a pista do aeroporto era de chão batido e como chovia muito na hora da decolagem, a pista ficou enlameada criando dificuldades para a aeronave se posicionar para alçar voo. As pessoas que estavam presentes tiveram que empurrar o avião, inclusive jornalistas que estavam fazendo a cobertura da visita governamental.

Após a ajuda das pessoas para tirar a aeronave do atoleiro, enfim, o avião do governador conseguiu decolar. A foto me foi passada anos depois pelo fotógrafo Moraes Neto. Na época ainda se trabalhava nos jornais com fotos em preto e branco

O saudoso jornalista Jurandy Nóbrega e Moraes Neto foram escalados para cobrir a viagem do governador Lavoisier Maia. Lembro que Jurandy chegou na redação contando o ocorrido o que gerou risos.



Foto: Arquivo

O dia em que fui a Fernando de Noronha para fazer uma reportagem e acabei deixando o colega Flávio Marinho numa saia justa

O colega e amigo Flávio Marinho me convidou para fazer uma matéria sobre Fernando de Noronha. Na época era editor de Economia do jornal Diário de Natal. A viagem foi custeada por uma agência de turismo de Natal (RN), interessada em divulgar o potencial turístico do arquipélago, pois que vendia pacotes pra lá. Marinho foi com a sua esposa e seus dois filhos – na época menores – e eu com a minha mulher. Como iria trabalhar fiquei isento da taxa diária que se paga por permanência na ilha. A minha esposa eu a coloquei como sendo fotógrafa, para também ser isenta da taxa.

Ao chegarmos a Noronha fomos distribuídos em pousadas diferentes. Eu e a minha companheira ficamos hospedados numa pousada cuja dona era uma pernambucana, presidente do Conselho de Mulheres da ilha e muito bem politizada. Fiz logo amizade com ela. No dia em que chegamos – era uma sexta-feira a tarde – tinha um paulista hospedado lá. Mas ele iria viajar no sábado de volta à São Paulo. No jantar fomos seus convidados. O sujeito tinha comprado um monte de lagostas para levar e nos brindou com algumas delas. Foi uma outra amizade que fiz.

Flávio Marinho entusiasmado com a reportagem que eu iria fazer combinou que ouvisse os ilhéus, gente com representatividade em Noronha, como a própria dona da pousada em que fiquei e o presidente do Conselho Comunitário. Pois muito bem: essa viagem foi em meados de agosto, salvo engano. Em dezembro do ano anterior o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso tinha estado na ilha e prometera fazer o recapeamento asfáltico do CAUSOS

acesso do aeroporto para as pousadas. Passados oito meses nada disso tinha sido feito. Observei logo a burocracia no trajeto que fizemos do aeroporto até a pousada. Como ouvi os ilhéus a reclamação era muita. Não só isso, mas também o fato da desatenção do governo de Pernambuco com o arquipélago. O governo pernambucano é quem administra a ilha.

Claro que como manda o bom jornalismo fomos ouvir o lado oficial também. Agendamos uma entrevista com o administrador da ilha – o representante do governo de Pernambuco – que, ao contrário dos ilhéus falou bem dos governos de Pernambuco e federal, e de supostos investimentos que estariam pra chegar ao arquipélago, como no caso o recapeamento asfáltico.

Retornamos a Natal na segunda-feira à tarde. Na quarta-, ao chegar na redação do DN combinei com o editor de Cidades, Gerson de Castro para a matéria sair no domingo, no antigo O Poti. o colega Moura Neto era sub-editor de Cidades. Como eu era editor de Economia fiz apenas o texto e entreguei a Moura encarregado de editar a matéria na sexta-feira para sair no domingo.

Passei o texto e indiquei as fotos para ele. Fiquei tranquilo, sabedor da competência do amigo e colega. A matéria incluía um serviço com informações sobre as agências e a empresa aérea que atuavam em Fernando de Noronha. No domingo fui surpreendido com uma ligação de Flávio Marinho logo as primeiras horas da manhã. Pensei, claro, se tratar de um elogio pela reportagem. Qual nada. Puto da vida, Marinho me pergunta: “Já leu o jornal?” Eu disse não, por que? “Porra”, diz ele. “No serviço da matéria não saiu o nome da agência de turismo que patrocinou a nossa viagem. E o pior: Saiu o nome da concorrente. Tô fudido. Os caras amanhã vão tirar o resto de cabelo que ainda tem na minha cabeça”, sentenciou. Tratei então de pegar o jornal na portaria do meu edifício e ler detalhadamente a matéria. Flávio Marinho estava coberto de razão.

Liguei pra Moura Neto pra saber o que havia ocorrido. Ele me disse que por falta de espaço e para não prejudicar o conteúdo da reportagem, teve que cortar uma parte do serviço oferecido, e que no caso, como ele não sabia – e aí faço uma mea culpa – tirou o nome exatamente da agência que patrocinou a viagem. Desde esse dia sempre que encontro Flávio Marinho pergunto a ele quando ele vai me chamar pra fazer outra reportagem em Noronha. Ele brinca e diz: “Daquelas que você fez nunca mais”.



Foto: **Arquivo**

O dia em que o secretário colocou uma saia justa no governador na frente de servidores da Saúde

O governador Robinson Faria insatisfeito com as críticas que vinha recebendo nas redes sociais sobre o seu governo direcionadas principalmente a saúde, convocou uma reunião com o secretário Ricardo Lagreca e todo o corpo diretivo da pasta, mais coordenadores e diretores de hospitais. A reunião ocorreu num fim de tarde no auditório da Sesap (Secretaria Estadual de Saúde Pública), centro de Natal.

Com o auditório completamente lotado, Robinson e alguns auxiliares de governo, juntamente com o secretário Ricardo Lagreca, anfitrião da reunião, sentam-se lado a lado na mesa de frente para os servidores. Eu, nessa época, era o assessor de imprensa da Sesap e acompanhei com a minha equipe toda a reunião.

Ao tomar a palavra, o governador foi logo se queixando da saúde dizendo que as redes sociais estavam detonando o seu governo e cobrou melhorias na pasta. Entre olhares os servidores demonstravam total insatisfação com as queixas e dava pra ouvir alguns dizendo que Robinson foi a casa deles – no caso a Secretaria de Saúde – para fazer uma reprimenda numa total desconsideração ao quadro funcional e ao próprio secretário de Saúde.

Ricardo Lagreca ao lado de Robinson Faria ouviu atentamente as suas palavras. Quando o governador acabou a sua fala, o secretário educadamente pediu o microfone e de forma elegante e sutil foi direto e objetivo: “Governador, se o Sr for governar por redes sociais o Sr não governa”, arrancando aplausos dos servidores da Saúde.

No dia seguinte a Assessoria de Comunicação do governo entra em contato comigo para saber a repercussão da reunião. Não tive como negar que foi a pior possível.



Foto: Arquivo

Alves e Maia num mesmo palanque após anos como adversários políticos

Eleições municipais de 2004. Nessa época trabalhava na assessoria de imprensa do senador Garibaldi Alves (PMDB-RN) no escritório de apoio do mandato em Natal (RN). Garibaldi sempre nos finais de semana quando estava em Natal, percorria o interior do estado para participar das campanhas dos candidatos do PMDB ou dos partidos aliados. Vamos aos fatos:

Era um domingo, quando as convenções municipais homologariam as candidaturas dos candidatos a prefeito nas eleições de 2004 no Rio Grande do Norte. Em Natal, o PMDB estava coligado com o DEM e o PSDB que tinha como candidato a prefeito o deputado Luiz Almir. A convenção dos tucanos estava prevista para o início da noite numa casa de shows na zona norte da capital potiguar. Daria tempo então de Garibaldi percorrer alguns municípios durante o dia para participar de outras convenções. Fui convocado pelo jornalista José Wilde, seu assessor de imprensa, a acompanhar o senador nessa peregrinação.

Uma convenção despertava a atenção da imprensa. A do PMN, em São José de Mipibu, região Agreste do Rio Grande do Norte. A candidata do partido, Norma Ferreira, tinha o apoio do presidente da Assembleia Legislativa, deputado Robinson Faria, também presidente da legenda, do senador José Agripino Maia (DEM-RN) e de Garibaldi Alves. A expectativa era sobre o provável encontro de Agripino, Garibaldi e do deputado Henrique Eduardo Alves (PMDB-RN) no mesmo palanque.

Os jornais de Natal na época não circulavam às segundas-feiras, exceto o vespertino O Jornal de Hoje, portanto, as matérias sobre as convenções só iriam circular na terça-feira. Com uma caderneta de anotações na mão e uma máquina fotográfica a tiracolo lá fui eu registrar as convenções da qual Garibaldi iria participar. Já no final da

tarde, antes de retornar para Natal a tempo de participar da convenção do PSDB, Garibaldi foi a São José onde iria acontecer a convenção que homologaria a candidatura de Norma Ferreira pelo PMN. Como disse, a expectativa era sobre o encontro entre Agripino, Garibaldi e Henrique.

Quando chegamos ao local, um palanque armado em praça pública, uma multidão aguardava os políticos. Olhei para os lados e não vi nenhum colega. Apenas a equipe de produção da campanha de Norma estava postada no palanque para registrar o grande acontecimento. Agripino e os Alves eram até então adversários políticos. Dá a expectativa gerada nesse encontro.

Começa as falas antes da homologação da candidatura de Norma Ferreira. Dentre os três principais políticos a ocupar o microfone, Agripino é o primeiro. Lembra logo de um encontro de carreatas que houvera na campanha de 1982 em que derrotou o ex-governador e ex-ministro de Estado Aluizio Alves (já falecido). O encontro aconteceria numa estrada que liga São José de Mipibu a Monte Alegre, município também localizado no Agreste potiguar. Disse que apesar de adversários se respeitavam. “Nesse dia, quando as carreatas se cruzaram os carros de som pararam de tocar as músicas das duas campanhas. Ninguém provocou ninguém”, disse Agripino. Depois falou que aquele encontro entre ele, Garibaldi e Henrique era um “encontro histórico”. Garibaldi e Henrique retribuíram e disseram que a aliança em Natal se fortalecia ainda mais tendo em vista que pelo interior PMDB e DEM também davam apoio a candidatos comuns aos dois partidos. O presidente da Assembleia Legislativa não chegou a tempo de participar do grande encontro.

Feito o registro, inclusive com fotos, a orientação era oferecer a matéria aos jornais no dia seguinte, já que só eu tinha essa matéria. Foi o que fiz. Entrei em contato com o colega Ivo Freire, editor de Política de O Jornal de Hoje, que circulava sempre a tarde na capital potiguar, e ele se interessou pelo material. Em primeira-mão o vespertino deu a notícia com direito a chamada de capa. A matéria marcou por ser um fato histórico, como bem disse o senador José Agripino na época.



Foto: Arquivo

O dia em que Wilma rompeu com os Alves

Em janeiro de 2002 após ter participado da inauguração da nova sede do TCE [Tribunal de Contas do Estado], uma sexta-feira, final de tarde, o governador Garibaldi Alves tinha agendado em seu gabinete um importante encontro com a prefeita da capital, Wilma de Faria (PSB). Nessa reunião Wilma ia comunicar oficialmente a Garibaldi a sua disposição de sair candidata à sua sucessão. A imprensa já especulava sobre essa possibilidade. Wilma, que até então apoiava a candidatura do deputado Henrique Eduardo ao governo do estado, comunicaria ao governador e ao próprio deputado que tinha uma pesquisa em mãos que lhe dava condições favoráveis de disputar o pleito. Queria pra isso também o apoio do PMDB.

O secretário de Comunicação do governo do estado, jornalista José Wilde, me chama e fala para eu acompanhar a reunião que possivelmente iria entrar pela noite. Nessa época eu era coordenador de imprensa da Assessoria de Comunicação do Governo. Tudo certo. Fico eu na Governadoria à espera do governador que fora a inauguração da nova sede do TCE. Por volta das 18h Garibaldi e Henrique chegam à Governadoria. A prefeita, que também estava na solenidade do TCE, não havia chegado ainda. A Governadoria quase que deserta. A pedido de Wilde dispensei o pessoal da assessoria, inclusive, os dois fotógrafos: Ivanízio e Jaime. O governador não queria cobertura da imprensa, tanto é que a reunião não foi divulgada.

Enquanto aguardávamos a chegada da prefeita na Governadoria, Garibaldi, Henrique e eu, especulávamos sobre o que Wilma tinha a dizer. Garibaldi foi claro e disse que se a prefeita viesse com a conversa de que queria ser a candidata ao governo apoiado pelo PMDB, isso estava totalmente descartado. O que Henrique concordou. O deputado chegou até a comentar uma conversa de pé-de-ouvido que teve com o senador José Agripino Maia sobre essa possibilidade.

CAUSOS

Por volta das 18h30 chega a prefeita acompanhada da sua secretária particular e mais dois secretários que não lembro quem eram. Garibaldi então convida a prefeita e os secretários dela para írem para a sala de reuniões. Me chama e pede para sair da sala junto com a secretária particular de Wilma. A reunião não demorou 40 minutos. Wilma confirmou a sua intenção de disputar o governo com base na pesquisa que tinha em mãos. Garibaldi e Henrique ponderaram. Achavam que a prefeita deveria continuar dando apoio à candidatura de Henrique. Nada feito. Deu-se então o rompimento.

Acabada a reunião, Garibaldi e Henrique entram na sala de despachos do governador com as caras amarradas, coisa de quem não estava nada satisfeito. A prefeita foi embora e naquele momento oficializava-se o rompimento político-administrativo entre a prefeita Wilma de Faria e o governador Garibaldi Alves.

Em tempo: Em 1998, Wilma rompe politicamente com José Agripino Maia e em 2000 recebe o apoio do então governador Garibaldi Alves na sua reeleição para a prefeitura de Natal. Em abril de 2002, renuncia à prefeitura depois de romper com os Alves para disputar o governo do estado, sendo eleita com 820.541 votos, correspondentes a 61,05% dos votos válidos.



Foto: Arquivo

O dia em que os jornalistas do RN entraram em greve

Eu era foca – estudante de jornalismo – e o presidente do Sindicato da categoria era o saudoso jornalista e professor Rogério Cadengue. Isso lá pelos ídos de 1980. Cadengue além de excelente professor do curso de Comunicação da UFRN [Universidade Federal do Rio Grande do Norte] era também um grande profissional. Pois muito bem: A categoria dos jornalistas estava reivindicando melhoria salarial e das condições de trabalho. Naquela época o sindicato era atuante.

Numa das assembleias decidiu-se parar as redações porque os meios de comunicação do estado não estavam atendendo o pleito. As negociações estavam empancadas. Os patrões não sediam as reivindicações. Greve geral e por tempo indeterminado. Foi marcado então um Ato Público na praça Kennedy, centro de Natal. Muitos estavam lá. Entre jornalistas profissionais e estudantes de comunicação. O Ato Público organizado pelo sindicato foi um sucesso.

Mas aí o superintendente do Diário de Natal, Luiz Maria Alves – também já falecido – usou da estratégia para enfraquecer o movimento. Chamou a Redação do DN para conversar em separado. Ofereceu um reajuste – não o que a categoria estava pedindo –, mas conseguiu o seu intento. O jornal Tribuna do Norte logo depois também ofereceu o mesmo porcentual de reajuste aos jornalistas. Tudo combinado entre as direções dos dois jornais.

A greve que chegou a durar, salvo engano, três dias, foi a primeira e única já realizada pela categoria dos jornalistas do Rio Grande do Norte. Aquilo marcou o Sindicato dos Jornalistas que se fortaleceu. São coisas que estão na minha memória e que nunca esquecerei.



Foto: Arquivo

De deputado a sorveteiro

Relembro aos leitores uma reportagem que fiz como sub-editor de Cidades do jornal Diário de Natal. A matéria tem sua importância pelo lado humano que ela representou na época. Foi com o ex-deputado Júnior Souto (PT), com quem fiz uma grande amizade quando cobria a Assembleia Legislativa do Rio Grande do Norte como repórter de Política. Segue o fato:

“De deputado a sorveteiro”. Esse foi o título que escolhi para dar a essa matéria. Júnior Souto já não era mais deputado e eu já não era mais repórter de Política do DN. No meu caso fui levado a condição de sub-editor de Cidades do jornal, como disse anteriormente. No caso de Júnior Souto ele fez o inverso de qualquer político. Deixou de ser deputado – não porque quisesse, mas porque não foi reeleito – e para ajudar na renda familiar foi vender sorvete. Isso mesmo: Souto virou vendedor da Sorveteria do Chapinha entregando sorvetes em domicílios numa moto.

Como surgiu a matéria:

Fazia alguns anos que não me encontrava com Júnior Souto. Um dia caminhando pelas imediações da Assembleia Legislativa, exatamente na parada metropolitana próximo a Sorveteria do Chapinha no centro de Natal, me encontrei com Júnior Souto. Começamos a conversar e perguntei a ele o que estava fazendo na vida. Surpreso recebi a resposta de que estava vendendo sorvete. Disse ainda que estava decepcionado com a política. Indaguei dele se topava dar uma entrevista sobre o que me dizia. De pronto ele aceitou.

Combinamos tirar também umas fotos dele sentado na moto que tinha a logomarca da sorveteria para ilustrar a matéria. Dia e hora agendados lá estava ele na frente do Diário para tirar as fotos e depois ser entrevistado. Fiz uma

grande matéria com Júnior Souto de perguntas e respostas – um ping-pong no jargão jornalístico. A entrevista, que considero uma das melhores que já fiz foi publicada no domingo em O Poti e teve uma grande repercussão.

O lado humano foi muito valorizado nessa entrevista. Eu que já o admirava como deputado passei a admirá-lo muito mais depois das declarações dele ao entrevistá-lo. Até hoje guardo no meu baú de memórias essa entrevista. Ninguém jamais imaginou que uma pessoa que um dia tinha sido deputado virasse depois vendedor de sorvetes. Não que um vendedor de sorvetes não mereça o nosso respeito. Mas normalmente a coisa se daria inversamente. Daí a importância dessa matéria, a valorização do lado humano do entrevistado.

O valor que dei a matéria estava exatamente aí, pelo fato dele [Souto] não ter vergonha de vir a público e dizer que um dia tinha sido deputado, mas que naquele momento por uma questão de sobrevivência passara a vender sorvete sem perder a dignidade. Acho que Júnior Souto deve lembrar dessa entrevista.



Foto: Arquivo

O dia em que Rogério Marinho e sua claqué armaram um barraco na Convenção do PSB de Natal

Corria o ano de 2008 em que haveria eleições municipais. O então deputado federal Rogério Marinho, que era do PSB comandado no Rio Grande do Norte pela ex-governadora Wilma de Faria (in memoriam), queria porque queria ser o candidato do partido a prefeito de Natal. Wilma não deixou.

Na convenção do PSB, Rogério Marinho e sua claqué armaram um barraco gerando muita confusão, e ele e seus correligionários deixaram o local sob protesto.

Descontente pelo partido ter preterido sua candidatura para apoiar Fátima Bezerra (PT), então deputada federal, à sucessão municipal, Rogério Marinho deixou o PSB em maio de 2009 para filiar-se ao PSDB.

Dias depois, numa entrevista a uma emissora de rádio, Marinho chegou a questionar a liderança de Wilma ao dizer que “um líder que não escuta seus líderes não é líder”, numa referência a decisão da governadora de apoiar a candidatura da deputada Fátima Bezerra.

Eu era editor de política do jornal JH Primeira Edição, matutino có-irmão do Jornal de Hoje que circulava no início da tarde. Como a convenção foi por volta das 15h, e o barraco de Rogério Marinho só ocorreu durante o evento, após muitas discussões, ficou para o JH Primeira Edição reportar o acontecido e dá a manchete.

O repórter Alex Viana foi pautado para fazer a cobertura e mantinha a redação informada sobre o que estava
CAUSOS

ocorrendo na convenção. O colega e amigo Edilson Braga era o editor-geral do JH Primeira Edição e conforme as informações de Viana nos chegava, combinamos eu e Braga que se não surgisse um fato mais relevante, o barraco de Rogério Marinho seria a manchete do jornal. Dito e feito!



Imagem Ilustrativa

O dia em que o marqueteiro do candidato teve que resolver um problema conjugal

para não abalar o seu casamento.

Campanha para governador. Um belo dia chega um problema para um marqueteiro de um candidato resolver. Não era um problema comum de campanha, mas uma crise conjugal que caiu no colo do marqueteiro.

Estava nesta campanha também trabalhando no marketing. A sala em que trabalhava foi solicitada pelo marqueteiro para atender as personagens, que por questão de ética me reservo no direito de não revelar os nomes. Aqui vai o milagre sem o nome dos santos ou das santas, no caso.

Pois muito bem: a primeira personagem foi se queixar ao marqueteiro que estava sendo traída pelo marido, então candidato a governador, e que o marqueteiro tinha que tirar a outra personagem da campanha

O marqueteiro, agindo mais como um psicólogo do que propriamente como marqueteiro, disse pra esposa do can-

didato que iria resolver o problema. Passaram-se mais de 40 minutos a conversa entre o marqueteiro e a esposa do candidato.

No dia seguinte foi a vez da outra personagem, esta a “causadora” do problema em meio a campanha. Vai o marqueteiro e solicita novamente a minha sala para a conversa a dois, ele – o marqueteiro –, e a personagem causadora do problema que deixou atordoada a esposa do candidato. Mais 40 minutos de conversa e sai a personagem chorando da sala. Obviamente negou tudo.

O marqueteiro, já sobrecarregado com os problemas normais de campanha, teve que resolver um problema “xoxotal”. Assim ficou conhecido no meio do pessoal do marketing. A solução encontrada foi que a personagem não mais iria acompanhar o candidato em suas viagens pelo interior, mas também não seria afastada da campanha. Ficaria no QG de campanha sob quatro paredes sem contato nenhum com o candidato, mas cuidando de outros afazeres do marketing. Missão cumprida e tudo reinou na mais perfeita harmonia. O problema “xoxotal” havia sido solucionado para o bem do marketing e do candidato.



Foto: Arquivo

O dia em que me emocionei ao cobrir o impeachment de Collor como repórter do Diário de Natal

Em 26 de agosto de 1992 o relatório final da “CPI do PC” foi aprovado e nele constava a informação de que o presidente da República e seus familiares tiveram despesas pessoais pagas pelo dinheiro recolhido ilegalmente pelo “esquema PC” que distribuía tais recursos por meio de uma intrincada rede de “laranjas” e de “contas fantasmas”. Como exemplos materiais desse favorecimento foram citadas a reforma na “Casa da Dinda” [residência de Fernando Collor em Brasília] e a compra de um automóvel Fiat Elba. Cópias do relatório foram entregues para a Câmara dos Deputados e para a Procuradoria Geral da República e um pedido de impeachment foi formulado tendo como signatários o o saudoso jornalista Barbosa Lima Sobrinho, presidente da ABI [Associação Brasileira de Imprensa], e o advogado Marcelo Lavenére, presidente da OAB [Ordem dos Advogados do Brasil]. Entregue ao deputado Ibsen Pinheiro, presidente da Câmara dos Deputados, o pedido de abertura do processo de impeachment foi aprovado em 29 de setembro por 441 votos a favor e 38 votos contra, com uma abstenção e 23 ausências.

Sobre o dia da votação [transmitida para todo o país pelos meios de comunicação] vale registrar que a mesma transcorreu sob a égide do voto aberto e isso fez com que os deputados pensassem em sua sobrevivência política

dada a proximidade das eleições municipais de 1992 e o desejo de reeleição em 1994, assim muitos parlamentares optaram pelo “sim” no momento decisivo apesar de promessas em sentido contrário, ou seja, votos que eram contabilizados para o governo migraram para o bloco do impeachment, dois dos quais merecem destaque o caso do deputado Onaireves Moura (PTB – PR), que dias antes organizara um jantar de desagravo ao presidente e a seguir o voto do alagoano Cleto Falcão, ex-líder do PRN na Câmara e amigo íntimo de Collor, demonstrando assim o total isolamento do presidente. Para aprovar a abertura do processo de impeachment seriam necessários 336 votos e o sufrágio decisivo ficou a cargo do deputado Paulo Romano do ex-PFL mineiro, hoje DEM.

Afastado da presidência da República em 2 de outubro, foi julgado pelo Senado Federal em 29 de dezembro de 1992. Como último recurso para preservar seus direitos políticos, Collor renunciou ao mandato antes do início do julgamento, mas a sessão teve continuidade. O julgamento foi polêmico e alguns juristas consideraram que o julgamento, após a renúncia, não deveria ter acontecido. Foi condenado a perda do cargo e a uma inabilitação política de oito anos pelo placar de 76 votos a 5 numa sessão presidida pelo ministro Sidney Sanches, presidente do STF [Supremo Tribunal Federal]. Retificando o resultado do julgamento, foi publicada a Resolução nº101 do Senado Federal, no DCN [Diário do Congresso Nacional], Seção 11, do dia 30/12/1992, Art. 1º, que considerou prejudicado o pedido de aplicação da sanção de perda do cargo de presidente da República, em virtude da renúncia ao mandato. Seu desgosto com o afastamento foi tamanho que ele chegou a pensar em suicídio, conforme entrevista dada ao programa Fantástico da Rede Globo em 2005.

Naquele 29 de dezembro de 1992 as ruas do centro de Natal estavam tomadas de gente. Sobre a carroceria de um caminhão-truncado um grande telão no calçadão da rua João Pessoa retransmitia a sessão histórica do Senado. A cada voto favorável ao impeachment de Collor era uma vibração e a cada voto contrário uma sonora vaia. Eu e meus colegas repórteres do DN – não só da editoria Política mas como de Cidade fomos escalados para a cobertura. Cada um com uma pauta diferente. A minha era exatamente acompanhar a votação e a manifestação do público. Na minha memória ainda guardo a festa cívica que tomou conta da cidade após o resultado da votação que levou Fernando Collor de Melo ao impeachment.



Foto: Arquivo de Nicolau Frederico

Um pouco da história de Juscelino contada por um mineiro radicado em Natal

Nicolau Frederico é uma dessas pessoas que adora a música popular brasileira. Tem um blog, inclusive, que fala sobre a MPB divulgando as novidades. Um dia trabalhando como editor de Política do extinto JH Primeira Edição me deparei com uma nota na coluna do jornalista Vicente Serejo no Jornal de Hoje em que falava que a família de Nicolau teve uma certa aproximação com o ex-presidente Juscelino Kubsthek. Me interessei pela informação e liguei para Nicolau pra saber de sua disponibilidade em me dar uma entrevista. De pronto ele aceitou.

Dia e hora marcados ele chegou à Redação do JH com uma pasta a tiracolo e com um verdadeiro arquivo fotográfico. Eram fotos de Araxá, terra onde sua família morava e onde o ex-presidente costumava passar férias. Na verdade Kubsthek passava férias no conhecido Hotel Araxá. Hotel esse que fez grande sucesso na década de 1950, os “anos dourados”. Pois muito bem: A aproximação da família de Nicolau começou exatamente no Hotel Araxá, onde seu pai era funcionário.

Com a construção de Brasília, segundo contou Nicolau na entrevista, seu pai foi convidado por Juscelino Kubsthek para montar um restaurante lá. A família foi pouco depois. Sua mãe acabou também arranjando um emprego no Palácio da Alvorada. Nicolau chegou a mostrar fotos da época, algumas delas cheguei a publicar para ilustrar a reportagem.

Essa sem dúvida foi uma das entrevistas mais interessantes que já fiz principalmente do ponto de vista histórico. No dia seguinte Nicolau ligou para me dar os parabéns pelo texto. Pena não ter guardado algumas fotos para publicar no Blog. Trata-se de um retrato de uma época de glamour na vida social e política brasileira, e Nicolau conta isso com bastante presteza.

A denúncia de Rubens Lemos e a demissão de Flávio Marinho do DN

O futuro ministro da Aeronáutica é um ex-torturador do DóI-Codi. Brigadeiro Sócrates é o seu nome. A denúncia partiu do jornalista Rubens Lemos, preso e torturado pela ditadura militar de 1964-84 sob a acusação de pertencer ao PCBR [Partido Comunista Brasileiro Revolucionário], de que alguns preferiam traduzir o “R” de sua sigla como “do Recife”, cidade onde a organização teve origem.

Rubens Lemos – pai do jornalista Rubens Lemos Filho – foi prisioneiro do DÓI-Codi em Pernambuco durante a última ditadura. Na prisão, foi interrogado por um meirinho de trajes civis. Os interrogadores e torturadores da ditadura apresentavam-se anônimos e, às vezes, encapuçados diante de suas vítimas. Rubens Lemos gravou a fisionomia daquele “civil” que o interrogou nas dependências do DÓI-Codi, no Recife, assim como sua voz.

Pois muito bem: A denúncia de Rubens Lemos foi feita ao jornalista Flávio Marinho, então repórter político do Diário de Natal, em uma conversa informal num fim de semana na praia de Búzios, litoral sul do Rio Grande do Norte, na casa do também jornalista Rogério Cadengue – já falecido. Era aniversário de Cadengue, salvo engano, e tanto Lemos como Marinho estavam por lá. Isso era um sábado. Eu era também repórter de Política do DN. No domingo Flávio me ligou dizendo ter uma bomba. Perguntei do que se tratava e ele me falou.

Nessa época o Diário não circulava na segunda-feira. A matéria foi editada para sair na terça-feira. Realmente ela estourou como uma bomba. Teve inclusive repercussão nacional. Collor estava para nomear o brigadeiro Sócrates para ser ministro da Aeronáutica. Diante da denúncia recuou da decisão. No entanto, a direção dos Diários Associados tomou partido e determinou ao diretor geral do Diário, Albimar Furtado, demissão imediata de Flávio Marinho. A denúncia de Rubens Lemos também sobrou para o editor geral do jornal Aluísio Lacerda que foi afastado do cargo.

Essa lembrança hoje é contada de uma forma até engraçada, mas na época Flávio Marinho ficou receoso tamanha foi a repercussão do fato. A imprensa nacional se mobilizou para ouvir outros torturados. O brigadeiro Sócrates, claro, negou a denúncia, mas mesmo assim Collor não o nomeou.

* Lendo o texto o colega e amigo Aluísio Lacerda, um dos personagens na tumultuada reportagem de Flávio Marinho que redundou na sua demissão e no afastamento do cargo de editor geral do DN do próprio Lacerda, ele fez as seguintes observações:

1 – Collor não recuou. Sócrates foi nomeado sim. Lá adiante, meteu os pés pelas mãos e foi afastado.

2 – Toda a chamada grande imprensa caiu de pau no DN. “Denúncia de um jornal de província”, publicava-se.

3 – Apenas a revista IstoÉ não embarcou na baboseira. “Calma, gente. A fonte mora em Natal”, alertou a revista.

4 – Ai a IstoÉ retoma o assunto: “Não é a primeira vez que este ministro é acusado de torturador”. E cita a matéria do DN.

5 – Dois meses depois, a mulher do ministro muda todo o mobiliário do apartamento funcional. Uma fortuna. Só ai o ministro cai.

O dia em que meu trabalho foi reconhecido pelo diretor de Redação

Era repórter de Cidades do jornal Diário de Natal. O Instituto Ayrton Senna lançou um Prêmio para comemorar os 13 anos do ECA [Estatuto da Criança e do Adolescente]. Decidi concorrer ao Prêmio fazendo um caderno especial sobre a problemática infanto-juvenil onde tratei de vários assuntos desde a exploração sexual infanto-juvenil até a questão das drogas e da recuperação de jovens em casas de apoio. Fiz um caderno com 16 páginas. Eu mesmo redigi os textos, fiz as fotos e editei o material.

Isso foi em meados de 2000 quando foi lançado o Grande Prêmio Ayrton Senna de Jornalismo 2000-2001. Não ganhei o Prêmio, mas recebi do Instituto Ayrton Senna, promotor do Prêmio, um certificado em que dizia que o meu trabalho conseguiu provar que a imprensa tem o poder de transformar até aquilo que parece sem solução. E o resultado da soma do trabalho de todos os jornalistas que pensam como eu qualquer criança sabe: um Brasil mais justo. Isso me deixou muito gratificante.

Mas mais gratificante ainda foi o reconhecimento do meu trabalho pelo então diretor de Redação do jornal Roberto Machado. Quando cheguei para trabalhar à tarde do dia em que o caderno circulou encartado no DN, estava os parabéns dele pelo meu esforço e trabalho pregado na porta de acesso à Redação. Até hoje lembro disso com muita satisfação.

Alfredo Lobo, um jornalista com quem aprendi muito

Alfredo Lobo era um desses sujeitos carrancudos – digo era porque ele já faleceu –, e quem não o conhecia parecia chato. Conheci Lobo na Redação do jornal Diário de Natal. Embora não tivéssemos muita empatia – eu era secretário de imprensa do Sindicato dos Jornalistas – e ele não simpatizava muito com sindicalista, aprendi muito com ele.

Exigente no trabalho Lobo lutou pela melhoria dos salários dos repórteres na época em que esteve como diretor de Redação do DN. Era um cara que não admitia erros. Chamava qualquer repórter de jornalista. Não chamava pelo nome. Algumas regras básicas no texto jornalístico devo a ele. Exemplos. Quando você se refere a um determinado mês não precisa colocar em mês tal aconteceu... Segundo ele ao se relacionar a janeiro subentende-se que janeiro é um mês, e aí não precisa colocar a palavra mês.

Outra coisa que aprendi com Lobo. Nunca numa matéria a foto deve vir abaixo do texto. A foto tem que ser ou à esquerda ou acima do texto. Outra: Se houver necessidade de mais de uma foto na página a ser editada estas devem ser equilibradas, ou seja, se forem bonecos – aquela foto só com a cabeça do entrevistado – elas têm que estar de forma proporcional para a página não ficar desequilibrada. Enfim, foram regras simples que aprendi e que procuro sempre colocá-las em prática quando estou numa Redação.

Além disso, Alfredo Lobo que era irmão de Luiz Lobo, outro grande profissional que chegou a dirigir a TV-U em Natal na década de 1980, era um desses jornalistas perfeccionistas. Para o jornal sair, tudo, absolutamente tudo, tinha que está de acordo como manda o figurino de modo a agradar o leitor. Se alguma coisa saísse errada no outro dia era bronca na certa. De Lobo, apesar de não haver empatia entre a gente, guardo boas lembranças como profissional.

O dia em que choveu ligações na Redação do Diário de Natal

A profissão de jornalista leva a que a gente seja frio para enfrentar determinadas situações. A de repórter de Polícia então o sujeito tem que ter uma frieza absoluta. Ainda bem que hoje os jornais impressos não dão mais destaque ao noticiário policial com aquelas fotos horrendas na capa.

Me lembro que quando trabalhei no Diário de Natal na época em que Luiz Maria Alves – já falecido – era o superintendente do jornal, as principais manchetes eram policiais com fotos abertas e estampadas na capa. Segundo ele isso vendia jornal. Achava aquilo um equívoco. Despertava a atenção apenas nas bancas de jornais. Mas o leitor de jornal, aquele que assina, repudiava isso como repudia até hoje.

Infelizmente quiz o destino que Luiz Maria Alves sentisse isso na pele. Seu filho mais novo morreu de acidente de carro na via Costeira. No dia seguinte a Redação do DN quase não parou de receber ligações. Motivo: Os leitores perguntavam o por que do jornal não ter dado destaque ao acidente que vitimou o filho de Luiz Maria Alves com a foto do carro estampada na capa. Não só a Redação recebeu ligações questionando isso, mas o próprio Luiz Maria Alves, segundo informou sua secretária na época.

Faço o registro desta triste lembrança pra ressaltar que não se pode transformar tragédias em notícias espetaculosas. Claro, jornalismo é informação, contudo não se pode apelar como se fazia antes. Lembro que o jornal carioca Última Hora tinha fama no Rio por explorar de forma apelativa as notícias policiais. Dizia-se que se expremessemos o impresso só saia sangue. O jornal criou fama por isso.

Carlos Marchi, o homem que acabou com o jornalismo chapa-branca na EBN

Fazia pouco tempo que tinha sido contratado pela EBN [Empresa Brasileira de Notícias] para trabalhar na sucursal do Rio Grande do Norte. O jornalista Albimar Furtado era então gerente do escritório da empresa que funcionava em quatro salas no Edifício Cidade do Natal, centro da capital potiguar. Acho até que só tinha uma semana que estava trabalhando na EBN.

Nesta semana em que fui contratado Albimar Furtado reuniu os funcionários da sucursal onde tinha três repórteres – eu, Luiz Antônio Felipe e Roberto Machado, três teleptistas e dois outros funcionários da parte administrativa – e nos disse que o novo presidente da EBN estava para visitar o escritório de Natal. Era uma visita que estava fazendo a todas as sucursais. Carlos Marchi o nome dele.

No dia de sua visita Albimar Furtado me apresentou como o mais novo repórter da sucursal da EBN no Rio Grande do Norte. Simpático, Marchi me desejou boa sorte. Na conversa que teve com a gente disse de seus planos para a empresa. Colocou que a EBN estava fazendo um convênio com a Agência Tass – estatal da antiga União Soviética – para troca de informações. Informou também que a partir de sua administração a frente da EBN a empresa não iria mais fazer o jornalismo chapa-branca, ou seja, iria se ter os dois lados da notícia. O lado do governo e o outro lado.

Sem dúvida o gaúcho Carlos Marchi com seus ideais socialistas revolucionou a maneira de fazer jornalismo na EBN, uma agência de notícias do governo que havia herdado a maneira chapa-branca de produzir informações da antiga Agência Nacional, a mesma que produzia a Voz do Brasil.

Infelizmente a gestão de Carlos Marchi durou pouco. Certamente pela sua maneira de vê a notícia, o que ocorre até hoje nos governos. Contudo, Carlos Marchi marcou época na EBN pela sua maneira de encarar o jornalismo.

O deputado que não perdia a classe, mesmo às vezes estando errado

Paulo de Tarso Fernandes era desses políticos que, digamos, hoje não se faz mais. Homem educado, sempre solícito à imprensa, debatia os assuntos na Assembléia Legislativa em alto nível. Aliás, uma Casa em que se tinha também um deputado do quilate de um Márcio Marinho os debates só poderiam ser de alto nível.

Me lembro bem. Estava no início da carreira de repórter político. Quando Paulo de Tarso, então líder da oposição ao governo José Agripino pedia a palavra, o plenário ficava em silêncio. As galerias como que extasiadas observavam a fala do parlamentar. Mas o bom mesmo era o debate entre ele e Márcio Marinho. Dava gosto presenciar. Quem foi repórter setorista da Assembléia Legislativa do Rio Grande do Norte naquela época – meados dos anos 1980 – deve lembrar muito bem do que estou falando.

Paulo de Tarso liderava uma bancada onde se tinha também o hoje senador Garibaldi Alves. Todos lhe ouviam. Aliás, Paulo de Tarso é um dos principais consultores do senador Garibaldi Alves. Qualquer questão na área jurídica Garibaldi recorre ao seu ex-líder. E não é pra menos. Conhecedor profundo da legislação eleitoral Paulo de Tarso domina o assunto.

As entrevistas com Paulo de Tarso eram sempre boas. Homem de fala fácil e também um grande conhecedor das causas regimentais, qualquer dúvida que os repórteres tinham recorriam logo a ele. Certamente Paulo de Tarso junto com Márcio Marinho foram dois deputados que deixaram saudades na Assembleia Legislativa potiguar.

O dia em que representei o governador numa solenidade da Maçonaria

Era eu coordenador de imprensa no final do segundo governo Garibaldi Alves (PMDB) no Rio Grande do Norte. Garibaldi havia sido convidado para uma homenagem ao jornalista Ticiano Duarte, maçom e grande amigo do governador. Impossibilitado de ir escalou o secretário de Comunicação Social jornalista José Wilde. Averso a festas e badalações Wilde me chama e diz: Barbosa você foi escalado para representar o governador. Fui pego de surpresa. Argumentei que tinha outro compromisso, mas não houve jeito.

Era um jantar num hotel na Via Costeira, em Natal. Podia levar acompanhante. Fomos eu e minha esposa para a missão que me foi passada por Wilde. A única coisa que sabia era que Ticiano Duarte iria ser homenageado. Chegamos ao local e sentamos numa mesa isolada. Não esperava ser chamado para compor a mesa do homenageado.

A solenidade tem início e o locutor vai chamando os representantes de cada órgão público convidado para sentar-se na mesa principal ao lado do homenageado e do presidente da maçonaria. Como representante do governador, claro, fui convocado – eu e minha mulher – a compor a mesa. Nessa hora me veio um calar frio. Pensei: Será que vou ter que falar alguma coisa. Não tinha nada por escrito e muito menos na cabeça sobre a eventualidade de ter que falar.

Mas o tempo foi passando e os únicos que falaram, salvo engano, foram alguns maçons e o homenageado, jornalista Ticiano Duarte. O jantar começou a ser servido e escapei de pagar um mico. Até hoje não esqueço o calar frio que tive naquele momento em que fui convidado a compor a mesa.

O dia em que fiz uma palestra para agropecuaristas do RN

Eu tinha um projeto na cabeça. Fazer um caderno mensal sobre a agropecuária do Rio Grande do Norte tendo em vista o grande potencial que o estado é nesse setor. Exemplo disso é a Festa do Boi, realizada anualmente em outubro e já inserida no calendário nacional de exposições agropecuárias no país.

Falei desse projeto para Kleber Bezerra. Ele achou interessante e combinamos uma palestra na Anorc sobre o assunto. Dia e hora marcados lá estava eu. Num pequeno auditório acho que com capacidade para umas trinta a quarenta pessoas, comecei então a falar sobre o projeto. Claro, o caderno teria que ter publicidade para ser viabilizado. O jornal condicionava a implantação do projeto a isso.

Quando iniciei a explanação a platéia atenta achou muito interessante. Falei da importância de se divulgar o potencial agropecuário do Rio Grande do Norte e para isso nada melhor que um veículo específico como um caderno mensal onde se teria reportagens especiais, tabela de cotações, calendário de exposições agropecuárias, enfim, tudo o que interessava ao setor. Até aí tudo bem!

Quando comecei então a falar que para viabilizar o projeto necessitava de aporte publicitário e pedi a contribuição de quem tivesse empresa, o pessoal chiou. Começaram a me questionar sobre se o jornal não poderia implantar o caderno agropecuário sem a necessidade de publicidade. Expliquei que não, pois o custo do papel era muito alto e o Diário não iria emplacar um projeto sem nenhum retorno financeiro.

Quando terminei a palestra alguns dos agropecuaristas vieram falar comigo sobre a importância do projeto, mas infelizmente como jornal é uma empresa e vive principalmente da publicidade o caderno agropecuário se tornou inviável. Lamentei, mas mesmo assim continuei a editar semanalmente uma página destinada a agropecuária intitulada de DN/Rural. Ainda cheguei a editar dois cadernos especiais sobre a Festa do Boi.

Saudades do JH Primeira Edição



O exercício do jornalismo não é uma tarefa tão fácil quanto se pensa. Em primeiro lugar tem que se ter o jornalismo na alma, o faro do repórter, a astúcia do jornalista. E quando se trata de jornalismo investigativo então é que é preciso mais ainda tudo isso somado. Era o que tínhamos no JH Primeira Edição na editoria de Política. Daí o nosso diferencial. Trabalhei com dois repórteres jovens: Alex Viana e Daniela Freire, mas nem por isso o nosso trabalho deixou de render elogios. Me lembro que certa vez Alex Medeiros me parabenizou pelo trabalho que estávamos fazendo no jornal e principalmente pela atuação dos dois jovens repórteres.

Me orgulho disso. Pena que o JH Primeira Edição teve um fim melancólico. Aliás antes mesmo de fechar quando passou a sair em tamanho stander, já em sua segunda fase, já não era o mesmo. A melhor fase do JH Primeira Edição foi sem dúvida quando ele ainda era tablóide. Depois disso perdeu o seu elã.

O jornalismo que fazíamos no JH Primeira Edição acima de tudo era ousado e exercia a vigilância sobre o poder. Talvez por isso incomodasse tanto e certamente por isso fazia sucesso.

O bordão que ficou conhecido quando correspondente da Radiobrás

Quando eu era correspondente da Radiobrás no Rio Grande do Norte participava de um programa matinal chamado Revista Nacional, da Rádio Nacional, comandado pelo colega Walter Lima direto de Brasília. O programa era ao vivo e em sua primeira parte os correspondentes eram acionados para comentar os destaques dos jornais locais. Era coisa de um minuto e meio a nossa participação. Ao final encerrávamos nossa participação com a nossa assinatura. Ou seja: dizíamos o local de onde estávamos falando e o nosso nome. No meu caso assinava da seguinte forma: De Natal, Carlos Barbosa (pausadamente e com entonação de voz).

Pois muito bem: Outro dia conversando com o colega e amigo Iranilton Marcolino – tive o prazer de trabalhar com ele no jornal Diário de Natal – ele me dizia que não esquece desse bordão – uma expressão comumente usada por alguém, sempre em uma determinada situação. E brincando ele sempre que me encontra repete o bordão.

Isso de certa forma é gratificante. É sinal de que tinha sempre alguém a nos ouvir. Aliás, o Revista Nacional na época em que trabalhava na Radiobrás tinha uma grande audiência. Acredito que até hoje. Amigos meus que moram em Brasília me diziam que quando queriam saber notícias de Natal e do Rio Grande do Norte bastava sintonizar a Rádio Nacional e ouvir o Revista Nacional.

Essas e outras memórias estão muito bem guardadas no Baú de um Repórter. O bordão “De Natal, Carlos Barbosa”, certamente marcou na minha época como correspondente da Radiobrás. Uma época que deixou saudades. Além dessa participação no Revista Nacional eu fazia textos também para a Agência Brasil, do mesmo grupo. Lembro bem que naquele tempo não se trabalhava ainda com computador. Os textos eram enviados por telex. Tinha um dinossauro enorme no meu quarto. Fora as matérias do dia-a-dia, às vezes chegavam pautas extras. Como o telex era o tempo todo ligado, quando era enviada alguma mensagem pra mim o aparelho disparava. Fosse a qualquer hora do dia ou da noite.

Garibaldi costuma baixar o vidro do carro para ser visto pelas pessoas

Quando trabalhei como assessor de imprensa do senador Garibaldi Alves (PMDB) em seu escritório de apoio em Natal (RN), sempre viajava com ele acompanhando em suas costumeiras andanças pelo interior do estado. Raro era o final de semana que não tinha que acompanhá-lo. Sempre ia eu, José Maria Melo, que também fazia parte do escritório de apoio, o próprio senador Garibaldi e, claro, Fernandes, seu motorista.

De tanto viajar com Garibaldi comecei a observar que quando entrávamos em algum trecho urbano durante a viagem ele costumava baixar o vidro do carro para que as pessoas o reconhecessem. E dava aquele adeusinho com um sorriso para os transeuntes. Sempre correspondido!

Isso pode até ser uma coisa boba, sem interesse nenhum para o web-leitor. Mas o que me chamou a atenção é que esse simples gesto de Garibaldi fez com que ele cativasse as pessoas durante anos. Um simples aceno de mão para um cidadão humilde ainda mais partindo de um homem público reconhecidamente carismático é uma coisa gratificante. É como você estivesse dando um bom dia.

Isso realmente me chamou a atenção. Onde quer que passássemos na estrada, tivesse apenas duas ou três pessoas conversando, ou até mesmo uma única pessoa, Garibaldi acenava como que cumprimentando o cidadão. Acredito que até hoje ele proceda assim.

Já contei que certa vez, e aí eu trabalhava na assessoria de imprensa do seu segundo governo no Rio Grande do Norte como coordenador, ao desembarcar no hangar do governo do estado da Paraíba, onde foi participar em João Pessoa de uma reunião da Sudene, Garibaldi cumprimentou um por um os três funcionários do hangar. Não eram seus eleitores, claro, pois que eram da Paraíba, mas o então governador do Rio Grande do Norte, hoje senador da República, fez questão de cumprimentá-los.

Estou relatando novamente este fato porque esse gesto é da sua pessoa. Não importa se é ou não seu eleitor, Garibaldi está sempre a cumprimentar.

O dia em que tive que emprestar um paletó a um colega maior do que eu

O presidente Fernando Collor visitava Natal (RN). A imprensa potiguar foi toda mobilizada para fazer a cobertura. Como repórter de Política do DN, eu e o colega Gérson de Castro fomos escalados para a cobertura pelo jornal. Pela Rádio Poti, empresa que pertencia também aos Diários Associados no Rio Grande do Norte, foi escalado Juliano Freire. Detalhe: Era exigido credencial e paletó para os repórteres que iriam fazer a cobertura.

Eu, Gérson e Moraes Neto, repórter fotográfico que nos acompanhou estávamos pronto para sair para o aeroporto. Já dentro do carro da reportagem no estacionamento do Diário de Natal, chega Juliano Freire todo apressado dizendo que ia pegar uma carona com a gente. Estranhamos o fato dele não estar de paletó, conforme exigia o cerimonial da Presidência da República para os jornalistas que fossem fazer a cobertura da chegada do presidente a Natal.

Pergunta daqui, pergunta dali, Juliano Freire queria saber quem tinha um paletó para emprestar. Como eu era o que morava mais próximo ao Diário de Natal, combinamos que iríamos passar na minha casa para pegar um paletó que coubesse nele. Ora, Juliano é mais alto do que eu. Mas, tudo bem, o importante naquela hora era arranjar um paletó. O resto a gente cuidava depois.

Passamos no meu apartamento e peguei um que achava que poderia caber em Juliano. Ao chegar no carro ele já estava de fora do automóvel pronto para colocar o paletó. Foi um verdadeiro sacrifício. Mas o paletó deu pra quebrar o galho, embora Juliano Freire parecesse mais um Jeca Tatu, com um paletó curto e apertado.

São lembranças como esta da Redação que nos faz rir um pouco e recordar as amizades. Tempos depois eu e Juliano Freire trabalhamos na coordenação da Assessoria de Comunicação do segundo governo Garibaldi. Eu como coordenador e ele como chefe de reportagem.

Festa de Padroeira, um bom momento para se encontrar políticos

O mês de janeiro de um ano sem eleições, de certa forma dificulta a vida dos repórteres de Política. Nesse período o repórter tem que tirar “leite de pedra” para fazer uma matéria. Mas como a cidade do Natal comemora o Dia de Reis – 6 de janeiro – essa era sempre a saída para se encontrar algum político. Tem aqueles que são “piolhos”, que não perdem nem funeral quanto mais Festa de Padroeira. É o caso do senador Garibaldi Alves (PMDB-RN). Se estiver no Rio Grande do Norte é sagrado ele comparecer a Festa de Santos Reis. Hoje alguns outros políticos seguem o seu exemplo, como a governadora Wilma de Faria (PSB), por exemplo. Outros são eventuais principalmente em anos eleitorais.

Pois muito bem: Sempre nessa data se não estivesse de férias era escalado para cobrir a Festa de Santos Reis. Não a festa em si, mas para observar aqueles que compareceram a festa e os faltosos e fazer matérias com os políticos que lá estivessem. Político que não vai a Festa de Padroeira está esnobando o voto do eleitor principalmente se esse eleitor for católico e ainda por cima devoto do Santo Padroeiro. Marcar presença nessas ocasiões é sempre importante para se mostrar simpático diante dos eleitores. Para o padre da paróquia que tem o nome do Santo Padroeiro então é tudo. É nesta hora, diante do Santo Padroeiro, que ele consegue as promessas de ajuda à igreja por parte dos políticos.

Mas, como sempre, as matérias não costumam render lá muita coisa. Fala daqui, fala dali, acena pra todo mundo e o político vai seguindo com a procissão. Nos anos em que tive a oportunidade de cobrir eventos como esses pouca coisa rendia em termos de matéria política. Se fosse ano de eleição os candidatos a governador estavam todos lá, como deve ser até hoje. Ao dar entrevistas, curtas e rápidas, as promessas de campanhas eram sempre repetidas. O detalhe é que era diante do Santo Padroeiro. Muitas vezes pecando, claro, porque sabiam que o que estavam dizendo certamente metade não iria ser cumprido se se elegeisse governador ou governadora.

Contudo, o importante era voltar para a Redação com uma ou umas declarações que pudessem render uma matéria para o dia seguinte. De resto, a gente já sabia de antemão o que iria sair no caderno de Cidades como manchete: “Festa da Padroeira arrasta centenas de pessoas. Boa parte da classe política compareceu ao evento”, ou algo parecido. É aquela velha história. Muitos dos políticos vão a esse tipo de evento para não levar falta da imprensa. Entra ano e sai ano é tudo a mesma coisa!

Quando escrevi a matéria nas escadarias da Assembléia Legislativa

Cobria a Assembléia Legislativa do Rio Grande do Norte como repórter setorista. Como as sessões são sempre à tarde e normalmente acaba por volta das 18h, nesse dia o carro da reportagem demorou a chegar. Como eu saía com os repórteres de Cidades e ficava na Assembléia Legislativa, era de praxe que o motorista fosse me pegar por último, após pegar todos os repórteres. Sempre por volta das 18h o motorista ia me pegar, exceto quando a sessão se prolongava um pouco mais aí eu ligava pra redação.

A sessão tinha acabado eram quase 18h. Como de costume fui esperar o carro da reportagem na frente da Assembléia. O tempo passava e nada do motorista aparecer. Liguei pra Redação e informaram que o motorista já tinha saído pra ir me pegar. Que nada! Os minutos passavam e nada do motorista aparecer. Foi então que pensei em adiantar o material. Peguei a minha caderneta de anotações e comecei a escrever. Com o lead já na cabeça comecei a produzir o que seria a primeira matéria de uma série de três que tinha pra escrever. Terminei o texto e nada do motorista. Liguei novamente pra Redação. E me pediram pra aguardar.

Quando já estava pensando em fazer o segundo texto aparece o motorista. Não o que havia me deixado na Assembléia, mas outro. Indaguei o que tinha ocorrido, pois desde às 18h estava aguardando o carro. O motorista me respondeu que o seu colega havia esquecido que tinha que me pegar. Esse que foi me apanhar era o motorista da noite.

Resultado. Quando cheguei na Redação já tinha uma matéria feita só faltava escrever na máquina. Nessa época ainda não tinha computador era tudo na velha Olivetti. As outras duas também já tinha o lead na cabeça, o que de certa forma fez com que não prejudicasse o deadline do jornal, previsto para às 19h. A partir desse dia sempre que o carro atrasava para me pegar na Assembléia comecei a adiantar o material escrevendo na caderneta de anotações. Como costumava colocar um asterisco naquilo que considerava mais importante na fala do entrevistado, ficava fácil de identificar o lead e desenvolver o restante do texto. Aliás, coisa que faço até hoje como repórter.

O dia em que Ulysses Guimarães surpreendeu Natal com um grande comício em Ponta Negra

Era um domingo. Antes do comício em Ponta Negra estava previsto um almoço do candidato Ulysses Guimarães com a cúpula do PMDB do Rio Grande do Norte no Aero Clube. O líder maior do partido no estado Aluizio Alves, salvo engano, era ministro da Administração do governo Sarney e comandou toda a festa para receber Ulysses Guimarães. Enquanto o PMDB nacional abandonara ao relento a candidatura de Ulysses Guimarães, o comandante da Constituinte, personagem mais importante da história do PMDB, porque ele não tinha chances de chegar ao segundo turno, no Rio Grande do Norte a família Alves – Aluizio, Henrique e Garibaldi – ficaram ao seu lado.

Fui escalado então para cobrir a vinda de Ulysses Guimarães à Natal pela EBN. Para não perder tempo fui direto para o Aero Clube onde iria acontecer o almoço com a cúpula do PMDB local e lideranças partidárias. O Aero estava lotado. Assim que Ulysses Guimarães acabou de almoçar sentei ao seu lado e comecei uma entrevista. Não lembro bem, mas acho que só tinha eu e o repórter Paulo Roberto da Rádio Cabugi presente. A entrevista rendeu. Ulysses Guimarães apesar de não acreditar que fosse ao segundo turno devido a própria divisão do partido, achava que era preciso a legenda ter candidatura própria para se fortalecer. Certamente o Senhor Diretas tinha razão!

Encerrada a entrevista Ulysses foi convocado para subir numa camioneta que iria conduzir ele e os líderes do PMDB no Rio Grande do Norte, em carreata, para um comício na praia de Ponta Negra. Eu e Zezinho – motorista da EBN – entramos no Fusca da reportagem e seguimos a carreata. Me impressionou o volume de carros tendo em vista que Ulysses Guimarães não estava bem nas pesquisas de intenção de voto. Em Ponta Negra, já no palanque, Ulysses Guimarães foi saudado por uma multidão que se aglomerava na beira da praia. O palanque foi montado próximo a orla.

Quando saiu o resultado das eleições veio a surpresa: Foi no Rio Grande do Norte que Ulysses Guimarães, apesar de não ter ido ao segundo turno, teve o melhor desempenho na primeira eleição Presidencial pós redemocratização.

O dia em que Padre Penha se vestiu de escoteiro para uma entrevista

Repórter da editoria de Cidades do Diário de Natal fui escalado para fazer uma matéria com o Padre Penha, que era capelão da UFRN [Universidade Federal do Rio Grande do Norte] e do movimento do escotismo no estado. No dia seguinte a entrevista comemorava-se o Dia Mundial do Escotismo. A reportagem versava exatamente sobre o tema. Como Padre Penha fazia parte do escotismo foi agendada uma entrevista com ele.

Dia e hora marcados fomos à sua residência – ele morava próximo a Igreja de São Pedro, no Alecrim –, eu e o fotógrafo Carlos Santos, salvo engano. Chegamos à sua casa por volta das 14h30. Padre Penha nos recebeu e nos pediu licença para ir trocar de roupa. Demorado alguns minutos subitamente aparece Padre Penha vestido de escoteiro. De bermuda, meião, camisa e lenço no pescoço, além do boné. Uniforme completo. Foi logo pedindo a Carlos Santos para fotografá-lo. Nem precisava: Carlinhos já estava com a máquina na mão pronto para bater as fotos.

Deu vontade de rir. Na hora, confesso, olhei para Carlinhos, mas tanto eu como ele nos contemos. Deixamos para rir e fazer os comentários quando entramos no carro da reportagem. Aquilo, de certa forma, foi uma coisa inusitada. Não esperávamos que o Padre Penha fosse se vestir a caráter para conceder a entrevista. Mas, claro, Padre Penha vestido de escoteiro enriqueceu ainda mais a matéria que foi ilustrada com a foto dele em traje à caráter. A reportagem acabou rendendo uma página e mereceu destaque na edição do dia seguinte do jornal.

O dia em que o editor-geral rasgou a minha matéria e jogou na lata do lixo

Estava iniciando a minha vida de jornalista no jornal Diário de Natal na condição de foca. Antes, havia passado pela Redação da antiga Rádio Poti, hoje Rádio Clube. Comecei no DN na editoria de Cidades. No primeiro dia de estágio fui pautado para fazer uma matéria. Não lembro o assunto. Entusiasmado com o primeiro dia de trabalho na Redação de um jornal sai para apurar o assunto que havia sido pautado. Na verdade tratava-se mais de uma reportagem com entrevistas com três pessoas.

Retornando à Redação sentei na minha mesa e comecei a datilografar o texto. Naquela época ainda se usava a velha Olivetti. Aliás, até hoje tenho uma Remington portátil em casa como lembrança daqueles tempos. Faz parte do meu “museu do jornalismo”. A Remington e uma máquina fotográfica semi-automática Yashica FX-D Quartz. São duas grandes relíquias.

Bem, voltando ao assunto: Empolgado com a matéria fiz o texto todo em caixa alta [letras maiúsculas]. Acostumado a escrever para o Rádio onde os textos são em caixa alta, não me lembrei que estava escrevendo para o jornal. Conclusão: Quando acabei de escrever toda a reportagem entreguei o texto à colega Margarethh Martins – Megue, como era carinhosamente conhecida na Redação a chefe de reportagem. Ela olhou e disse que tinha que ser em caixa baixa [letras minúsculas], mas, mesmo assim resolveu mostrar o texto para o editor-geral, João Neto, já falecido. Ele assim que olhou e viu que o texto estava em caixa alta nem leu mais a matéria. Rasgou a folha e jogou na lata do lixo e disse pra refazer tudo o que tinha feito em caixa baixa.

Esse fato faz parte das minhas memórias de Redação que guardo até hoje. Isso, no entanto, não me desestimulou. Na verdade, aprendi muito com João Neto, um profissional experiente e um dos responsáveis pela minha indicação para a editoria de Política, quando passei a cobrir a Assembleia Legislativa do Rio Grande do Norte.

O dia em que a imprensa “desrespeitou” à Justiça Eleitoral

Era repórter de Política do jornal Diário de Natal nas eleições de 1990. Fui escalado pelo editor o meu amigo Luciano Herbert para cobrir o TRE [Tribunal Regional Eleitoral] no dia da eleição. O TRE como todos sabem no dia do pleito fica em plantão permanente. Praticamente toda hora tem ações para julgar. Pois muito bem: Estávamos eu, pelo DN, Edilson Braga pelo jornal Tribuna do Norte, e Aldemar de Almeida – não lembro por qual órgão de imprensa ele estava cobrindo – à espera de informações da Justiça Eleitoral na sala de Totinha – na época diretor-geral do TRE/RN. Isso já era pra mais de 16h. Nada de novidade. Foi quando Almeida, um sujeito gozador, perguntou pra mim e pra Braga: “Vamos tomar uma?”

Eu e Braga surpresos – todos os bares são proibidos de vender bebida alcoólica até às 18h no dia de eleição – perguntamos aonde. Aldemar de Almeida cochicha e diz: “Aqui vizinho tem uma pousada e eu conheço a dona. Lá atrás tem um lugarzinho que a gente pode beber tranquilo que ninguém vai perturbar”. Batemos em retirada. Chegamos na pousada, uma casa antiga próxima a antiga sede do TRE, no centro de Natal, a dona nos atendeu e Almeida foi logo perguntando: “Tem uma geladinha aí pra gente?”. Sem nenhuma cerimônia a mulher disse que sim e nos encaminhou para o quintal da casa.

Essa história eu nunca mais esqueci. Talvez Edilson Braga e Aldemar de Almeida nem se lembrem mais, mas por se tratar de um caso pitoresco, pois que a gente como jornalista e trabalhando estávamos burlando a lei eleitoral, é merecedor de estar na memória do Baú de um Repórter.

Na verdade tomamos apenas duas cervejas para refrescar e voltamos para o TRE à espera da finalização do pleito. Sim, ia esquecendo: Totinha chegou a dizer que se não fosse o problema de ter que sair do TRE iria também com a gente.

As conversas gravadas dos poderosos de plantão

Às vésperas das eleições de 1990, o governador do Rio Grande do Norte, Geraldo Melo, então no PMDB – hoje está filiado ao PPS – estava num evento do governo no Hotel Termas, em Mossoró, cidade localizada na região oeste do estado. Como se tratava de um evento público muitas pessoas tiveram acesso ao local.

Em determinado momento, o governador conversando entre amigos, teria dito que “o bom do poder era comer mulher e viajar para o exterior”. A conversa foi gravada por militantes do PT na época e espalhada aos quatro cantos do estado.

Por se tratar de uma declaração muito forte de um governador a imprensa não deu destaque. Saíram algumas notas em colunas, mas somente isso. O PT ainda chegou a explorar o assunto durante a campanha para a sucessão estadual, mas não obteve os resultados esperados.

A gravação, apesar de grave, apagou-se no tempo e ninguém hoje mais fala ao contrário do “rabo de palha” do também então governador biônico José Agripino Maia (DEM) nas eleições municipais de Natal em 1985, quando a hoje governadora do Rio Grande do Norte Wilma de Faria (PSB), e então no mesmo partido de Agripino, o extinto PDS, concorria ao pleito com o hoje senador Garibaldi Alves (PMDB).

O rabo de palha ficou marcado após uma reunião convocada por José Agripino com prefeitos do interior no Centro de Convenções da capital potiguar, onde foi decidido que no dia da eleição seriam distribuídas feirinhas em troca de votos. A reunião, assim como a conversa de Geraldo Melo, foi gravada por uma pessoa infiltrada e no mesmo dia levada ao ar no programa Fantástico da Rede Globo.

Certamente por ter sido divulgado em rede nacional o rabo de palha vez por outra é lembrado, ao contrário da conversa de Geraldo Melo.

O dia em que o Papa João Paulo II celebrou uma missa campal em Natal

Era eu correspondente da Radiobrás no Rio Grande do Norte. Uma equipe da Rádio Nacional de Brasília, emissora pertencente a estatal de comunicação do governo, veio para a cobertura da chegada do Papa João Paulo II ao Brasil, com a primeira visita em Natal para encerrar o 12º Congresso Eucarístico que se realizava na capital potiguar. A equipe da Rádio Nacional era comandada pelo jornalista Walter Lima.

Junto com a equipe de 12 profissionais – entre técnicos e jornalistas – fui também escalado para a cobertura da missa campal que João Paulo II iria realizar no Papódromo – local construído no Centro Administrativo do governo do estado especialmente para essa missa. Para se ter uma idéia da dimensão da cobertura jornalística, foram 600 profissionais brasileiros e estrangeiros credenciados, que utilizaram a sede do América F.C [no bairro Tirol] como Centro de Imprensa. Toda uma estrutura foi montada para atender contatos via telefax, telefone, telex e correio postal. Os profissionais do Vaticano tiveram uma sala separada dos demais jornalistas.

A TV RAI da Itália operou com um sistema próprio de transmissão no Centro de Imprensa. A Embratel instalou aparelhos de fácil utilização e de última geração para transmissões diretas para qualquer país, como França, EUA, Uruguai, Chile, Portugal e

Reino Unido. As ligações DDD e DDI foram feitas através de 20 cabines telefônicas com capacidade de receber, cada uma, 47 chamadas simultâneas. No Centro de Imprensa, os jornalistas utilizavam 20 máquinas de datilografia manuais para escrever as matérias – na época ainda não se operava com computador em Natal.

Cardeais, cerca de 200 bispos, centenas de padres, freiras e uma multidão de aproximadamente 100 mil pessoas estiveram presentes no encerramento solene do 12º Congresso Eucarístico Nacional, no domingo, 13 de outubro de 1991. A missa celebrada pelo Pontífice João Paulo II durou 2h20.

No espaço destinado ao público ficou também a imprensa. Minha missão era entrevistar as pessoas. Saber de suas reações, emoções, Enfim, o significado para elas presenciar uma missa celebrada pelo Papa João Paulo II. Walter Lima comandava de uma cabine instalada atrás do altar onde João Paulo II celebrou a missa campal toda a equipe. Quando ele chamava, o repórter tinha que dar um flash. Foi sem dúvida nenhuma uma das coberturas jornalísticas mais emocionantes que fiz nesses meus 25 anos de jornalismo.

O dia em que os computadores do Diário de Natal deram um apagão geral

Eu era editor de Economia do DN nesta época. O editor-geral do jornal era o colega e amigo Aluísio Lacerda. Tudo caminhava tranquilo na Redação. Parecia um dia normal de trabalho. Estressante como sempre, mas normal. Por volta das 15h eis que todos os computadores da Redação apagam. A princípio pensou-se tratar de falta de energia. Que nada! O problema era no sistema que alimentava a rede de computadores.

O pessoal que trabalhava no sistema de imediato disse para Aluísio Lacerda que aquilo se resolveria em meia hora. Passados os primeiros trinta minutos e nada. Uma hora e nada. A hora começava a avançar para o deadline [fechamento do jornal] que normalmente se dá por volta das 19h. Conclusão, o problema só veio a ser sanado às 17h. Ou seja, o deadline do jornal atrasou em duas horas. O fechamento aconteceu por volta das 21h e com isso atrasou também a impressão do jornal.

Nunca se teve tantas saudades da velha máquina de escrever. Até Aluísio Lacerda, uma pessoa calma e tranquila, a quem a gente costuma chamar de “professor” perdeu a paciência. Como disse, o estresse que já é comum numa Redação, nesse dia foi à estratosfera. Os repórteres chegavam na Redação com as matérias apuradas mas não tinham como produzi-las. Foi uma pane geral. Quando voltou ao normal, foi uma alívio. Todos vibramos de alegria. Enfim, tudo voltou ao normal numa tarde de cão.

O dia em que Henrique pagou um mico

O deputado Henrique Eduardo Alves estava sendo entrevistado na antiga Rádio Poti pelos colegas Juliano Freire e Roberto Medeiros. Em dado momento da entrevista foi feita uma pergunta ao deputado-candidato sobre se sabia quanto estava custando o preço da passagem de ônibus.

Henrique pensou, pensou e com a demora em responder seu assessor soprou no seu ouvido. Foi então que Henrique conseguiu responder. Mas acabou pagando um mico porque, salvo engano, Roberto Medeiros disse no ar para os ouvintes que o assessor do candidato tinha soprado no seu ouvido o valor da tarifa.

Mas isso, no entanto, não tirou o deputado Henrique Eduardo do sério. Ele acabou levando a coisa na esportiva. Mas são situações que as assessorias devem estar preparadas e orientar os candidatos para perguntas desse tipo, que muitas vezes podem parecer banais, mas que para o eleitor é importante.

Essa história me foi contada por Juliano Freire anos depois, e sempre que ele lembra a gente morre de rir com a situação.

O dia em que um repórter do DN foi sorteado para fazer uma pergunta a FHC na ECO 92

Nas minhas lembranças de Redação costumo contar fatos que aconteceram não só comigo, mas também com colegas e que não viraram notícias. Dentre estas memórias está o fato de um repórter do Diário de Natal, jornal ao qual trabalhei durante bons 12 anos ter sido sorteado para fazer a única pergunta destinada ao então presidente Fernando Henrique Cardoso durante uma coletiva na ECO Rio 92. Seu nome? Vagner. Só lembro o primeiro nome.

Na ECO 92, II Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, também conhecida por RIO 92 foi apresentado o documento Estratégia Global para a Biodiversidade, elaborado pelo World Resources Institute, dos EUA, e pela União Mundial para a Natureza, da Suíça.

O documento, que continha 85 propostas para a preservação da diversidade biológica no planeta e um plano para o uso sustentado de recursos biológicos, foi aprovado pelo Programa de Meio Ambiente da ONU e pelas Organizações Não-Governamentais que participam do Fórum Global.

A partir de 1994, teve início o Programa Piloto para a Proteção das Florestas Tropicais do Brasil (PPG-7), assinado pelo governo brasileiro e pelo Grupo dos Sete Países mais Ricos do Mundo (G7), durante a ECO 92.

Pois muito bem: Vagner foi escalado pelo Diário de Natal para cobrir esse evento. Era um jovem repórter na época, mas uma grande promessa no jornalismo. Sabia inglês e se destacava pelo seu texto. No seu primeiro dia no Rio de Janeiro, segundo ele mesmo falou pra gente na Redação quando retornou, houve um sorteio entre os profissionais de imprensa promovido pela coordenação do evento para saber qual repórter brasileiro iria fazer uma pergunta ao presidente Fernando Henrique Cardoso na coletiva que iria dar juntamente com outros chefes de Estado. Vagner foi o sorteado.

De acordo com ele todos os outros profissionais de imprensa do Brasil que estavam lá o cercaram depois propondo que abrisse mão da pergunta para passar para um repórter de um “grande” jornal. Estavam lá profissionais da Folha, Estadão, O Globo, JB, Correio Braziliense, enfim, a chamada grande imprensa. Vagner nos disse que os colegas do centro-sul do país alegavam ser ele repórter de um pequeno jornal e, portanto, desconhecido na imprensa nacional para fazer a pergunta ao presidente. Ele resistiu e encarou o desafio.

Não lembro qual foi a pergunta que foi feita ao presidente, só sei que anos depois Vagner que namorava uma colega de Redação – Sarita – de família polonesa, salvo engano, casou-se com ela e os dois foram embora morar na Polônia. De lá pra cá não tive mais notícias sua. O Diário de Natal perdeu sem dúvida um grande repórter.

O dia em que troquei a foto da reportagem de capa do Caderno de Economia

Eu era editor de Economia do Diário de Natal. Era uma sexta-feira, dia de pescoção na redação. Pra quem não sabe pescoção no jargão jornalístico é aquele dia da semana que praticamente se fecha dois jornais, no caso a sexta-feira. Nesse dia se fecha o jornal que vai circular no sábado e praticamente 90% do que vai circular no domingo. Pois muito bem: Era dia de pescoção no DN e o meu colega e amigo Roberto Machado, na época secretário de Redação decidiu fazer o jornal O Poti – que circulava somente aos domingos – todo colorido. Naquela época os dois principais jornais do Rio Grande do Norte – Diário de Natal e Tribuna do Norte – já saiam com a capa e a contracapa coloridos. Mas Machado tomou pra si o desafio de sair com O Poti todo colorido.

A matéria principal do caderno de Economia de O Poti era sobre uma grife de perfumaria que estava se instalando em Natal. O repórter autor da matéria era Luciano Kleiber. A reportagem rendeu uma página inteira com direito a abertura de foto, ou seja, uma foto grande pegando as quatro colunas da página em tamanho stander. Começávamos a fechar o jornal, claro, pelo o que iria circular no sábado pra só depois pegar O Poti. Como Roberto Machado decidira sair com O Poti todo colorido, isso certamente poderia atrasar um pouco a impressão do jornal. Já era previsto.

Naquela época ainda não se trabalhava com câmeras digitais. A foto era feita em papel e o repórter-fotográfico enviava o print das fotos para os editores escolherem a melhor. Por volta das 11h da sexta-feira Machado fechou a Editoria de Brasil – ele era também editor do Caderno Brasil – e foi pra casa, certo de que tudo estava caminhando bem. Qual nada! O atraso na impressão de O Poti que já começava a ser rodado na madrugada do sábado foi maior do que se esperava.

Para complicar a minha parte, já muito cansado acabei trocando a foto da perfumaria por uma outra de uma drogaria. A foto foi feita no interior das duas. A matéria sobre a farmácia era uma outra que iria para a editoria de Cidades. Procurei o fotógrafo para tirar a dúvida mas ele já tinha ido embora. Conclusão. Sai do DN por volta das 6h da manhã do sábado. Machado, que chegava muito cedo à Redação ainda me encontrou por lá. Surpreso ele me perguntou o que ocorrera. Expliquei que houve um grande atraso na edição das matérias.

Na segunda-feira o representante da franquia da dita perfumaria liga para o jornal para reclamar da foto errada. Expliquei o que acontecera e ele me pediu que repetisse toda a reportagem com a foto certa. Disse-lhe que não era possível, até porque fora uma reportagem espontânea pautada pelo jornal. Não se tratava de matéria paga. O que poderíamos fazer era colocar uma nota com o famoso “ERRAMOS”. Foi o que fiz. Assumi assim o meu erro.

O dia em que sugeri ao vereador Olegário Passos entrar com uma ação contra a invasão do Parque das Dunas

Quando era assessor do vereador Olegário Passos, então no PT, sugeri a ele provocar o MP [Ministério Público] do Rio Grande do Norte sobre a invasão do Parque das Dunas, em Natal, área de preservação ambiental considerada o segundo maior parque urbano do país, perdendo apenas para a Floresta da Tijuca no Rio de Janeiro.

Pois muito bem: Passos acatou a minha sugestão e entrou com uma ação junto ao MP para que fossem retiradas as 76 famílias que invadiram o parque. Na época a promotora de Justiça e do Meio Ambiente Rossana Sudário ficou encarregada do caso. Foi feita, inclusive, salvo engano, duas reuniões com as partes envolvidas. O governo do estado, que coordena o Parque das Dunas, a prefeitura de Natal pelo fato da área de preservação ambiental está localizada dentro do município, e representantes da Associação de Moradores de Mãe Luiza, comunidade próximo ao Parque das Dunas.

Rossana Sudário determinou então que as famílias fossem relocadas. Ou seja: as 76 famílias residentes no Parque das Dunas teriam que sair de lá o mais breve possível. O governo do estado se encarregaria de doar o material para a construção das casas que seria em regime de mutirão entre os beneficiados e a prefeitura de Natal doaria o terreno. Isso já faz mais de seis anos. Atualmente a promotora encarregada do processo é Gilka da Mata.

Na ação Olegário alegava o fato da área ser de preservação ambiental, existindo inclusive um decreto estadual, e que estava sendo devastada. Além disso o ex-vereador argumentou que o processo de devastação da fauna e flora estava bastante acentuado com o perigo também das casas que ficam na encosta do Morro do Tirol desabarem em caso de chuvas fortes. Outro problema era a contaminação do lençol freático da cidade, já que as dunas que formam o parque fazem uma espécie de filtro da água das chuvas. Mesmo assim, nada foi feito até hoje. Ao contrário, as invasões só fazem aumentar e o poder público não toma nenhuma providência. Até quando isso vai permanecer? Fica a pergunta!

Como se “fabrica” um candidato

Eleições para prefeito de 2004. Em Natal (RN), praticamente a eleição era plebiscitária disputando o cargo o prefeito Carlos Eduardo Alves, então no PSB, candidato a reeleição, e o deputado estadual Luiz Almir, também então no PSDB. Os outros candidatos eram nomes inexpressivos na política natalense e potiguar.

Foi então que o dono dos jornais JH Primeira Edição e O Jornal de Hoje, jornalista Marcos Aurélio de Sá resolveu investir no que se pode chamar de um “anti-candidato”. Miguel Mossoró, do Partido Trabalhista Cristão (PTC), sargento reformado do Exército, e que acumulou experiência atuando em conselhos de bairros da capital e que resolveu sair candidato a prefeito de Natal naquela eleição. Com propostas mirabolantes tipo construir uma ponte ligando a capital do Rio Grande do Norte ao arquipélago de Fernando de Noronha de tanto ter espaço nos dois jornais de Marco Aurélio – um matutino outro vespertino – acabou ganhando a simpatia do eleitorado. Todos os dias saíam matérias com Miguel Mossoró nos dois jornais.

O JH Primeira Edição e O Jornal de Hoje começaram então a pautar a imprensa natalense que se viu obrigada a dar espaços também a Mossoró, embora em menor número. A “brincadeira” de Marcos Aurélio acabou surtindo efeito. O anti-candidato passou a ser o preferido dos eleitores que não simpatizavam com as candidaturas de Carlos Eduardo Alves e Luiz Almir.

Miguel Mossoró passou então a ser chamado para entrevistas em emissoras de rádio e televisão. Sempre bem humorado e com suas propostas absurdas conquistou os eleitores. Resultado: Mossoró acabou provocando o segundo turno com a soma dos seus votos levando a Carlos Eduardo Alves e Luiz Almir a uma disputa final, que acabou dando a vitória a Carlos Eduardo Alves. Mossoró ficou em terceiro lugar nesta eleição onde disputavam oito candidatos. Na eleição de 2006 para governador Miguel Mossoró tentou uma cadeira na Assembléia Legislativa, mas acabou tendo uma votação pífia.

Anos depois conversando com colegas de redação do JH Primeira Edição, jornal que trabalhei durante dois anos, soube que Marcos Aurélio se empolgava pelo fato dos seus jornais terem “criado” o anti-candidato e que acabou tendo uma grande repercussão, inclusive, nacionalmente. Anti-candidato esse que provocou o segundo turno numa eleição que tinha tudo para ser decidida em primeiro turno.

Esse fato já é de conhecimento público, mas faço questão de lembrar porque muitas pessoas principalmente aquelas que não são jornalistas, desconhecem como surgiu o “fenômeno” Miguel Mossoró. Isso é o que se pode chamar dos bastidores da notícia.

O jornal que inovou a maneira de fazer jornalismo no RN

Atuei na redação do JH Primeira Edição com um dos mais experientes jornalistas do Rio Grande do Norte, Edilson Braga: Braga era editor geral do jornal, hoje está na Tribuna do Norte, onde já trabalhara por longos anos. Um profissional empolgado com o que faz. Braga vibrava com o JH Primeira Edição falando sempre que o tablóide revolucionara o modo de fazer jornalismo no Rio Grande do Norte. E tinha razão.

Como editor de Política propus fazermos um jornalismo diferenciado, um jornalismo investigativo. E deu resultado. Lembro uma vez que o deputado José Dias, líder da bancada do PMDB na Assembléia Legislativa, me disse que o JH Primeira Edição quando chegava ao seu gabinete desaparecia tamanha era a procura dos seus funcionários para ler o jornal, e ele mesmo só conseguia lê-lo no final da manhã.

Foram inúmeras as coberturas jornalísticas que fizemos com conotação investigativa que despertaram a atenção dos leitores. Coisa que até então raramente acontecia no jornalismo potiguar principalmente na Política onde as matérias costumam ser pautadas pelo disse-me-disse. No JH não. Mudamos essa concepção.

Esse jornalismo diferenciado fez com que o jornal criasse credibilidade. Durante o tempo em que fui editor de Política nunca houve uma ação contra o jornal por algum tipo de matéria política que pudesse criar embaraço. Questionamentos sim, mas ação judicial nunca. O jornal era pautado pela veracidade dos fatos. Quando as matérias eram investigativas tomávamos sempre o cuidado de apresentar documentos. Raro era a reportagem que não saia com um fac-símile de documentos, quando se tratava de um assunto delicado e que estava sob investigação.

Infelizmente o nosso trabalho não teve continuidade e hoje o JH Primeira Edição é apenas uma lembrança do bom jornalismo que se fez no Rio Grande do Norte. Um jornalismo sério e sem amarras. Talvez por isso o seu fim!

O dia em que PMs foram deslocados do Carnatal para enfrentar o bando dos Carneiros

Eu era coordenador de imprensa do governo Garibaldi no Rio Grande do Norte – isso já no final do seu segundo mandato. Tinha um motorista na assessoria de imprensa que me servia que era da PM à disposição do governo do estado. Um dia conversando ele me fez uma revelação: PMs haviam sido deslocados do policiamento do Carnatal – carnaval fora de época que acontece em dezembro na cidade de Natal – para enfrentar o bando da família Carneiro – hoje quase todos os seus membros morreram em confronto com a Polícia – que estava numa fazenda próximo a cidade de Caraúbas, interior do estado.

Salvo engano isso foi no final de 2002. De acordo com esse policial, ele soube disso dias depois através de um outro colega que participou da operação. Segundo relato seu, os PMs que estavam fazendo o policiamento do Carnatal foram chamados às pressas para uma reunião na Academia de Polícia. A operação foi tão sigilosa que até a hora de chegar a fazenda onde estava o bando dos Carneiros ninguém sabia do que se tratava. Apenas uma operação que requeria o máximo sigilo.

Ele me disse que a informação que lhe foi passada é de que a PM cercou a fazenda para tentar fazer o bando se render. De acordo ainda com o seu relato, passados alguns minutos saiu uma senhora de dentro da casa grande para falar com o responsável pela operação. Ela dissera que não adiantava a Polícia tentar entrar porque os carneiros estavam armados até os dentes com armas de grosso calibre inclusive uma metralhadora. A Polícia ainda tentou um diálogo com a mulher no sentido de fazer com que ela levasse um recado ao bando mas ela apenas disse: “É melhor vocês irem embora porque senão vai haver muita morte por aqui!” E retornou para a casa grande. E os policiais acabaram acatando a sugestão da mulher.

Essa operação nunca foi levada ao conhecimento da imprensa. Acredito até que pouca gente saiba, mas como faz alguns anos decidi contar, mesmo assim preservando a fonte por se tratar de um policial militar.

PS: Anos depois soube por um jornalista de Mossoró que o fazendeiro dono da propriedade onde os Carneiros estavam ligou para o governador pra pedir que ele determinasse o recuo da Polícia.

O adeus a Alírio Guerra e Glênio Sá

Acho que já falei sobre isso uma vez, mais sem detalhes. No dia 26 de julho de 1990, os comunistas Glênio Sá e Alírio Guerra perdiam a vida num acidente de carro no Rio Grande do Norte. Glênio fora guerrilheiro no Araguaia, preso pelos militares em 1972 e libertado apenas em 1975. Naquele ano de 1990, percorria o estado para fazer sua campanha para senador, juntamente com o seu companheiro de lutas Alírio Guerra.

A notícia do trágico acidente surpreendeu o mundo político do Rio Grande do Norte. Me encontrava na hora, por volta das 14h30 na sede do PC do B, em Natal, à procura de informações sobre a campanha de Salomão Gurgel quando a notícia da morte dos dois chegou. Foi uma grande correria. Checa aqui, checa dali e veio a confirmação. Todos ficaram transtornados. No dia seguinte o destaque dos jornais era a morte de Glênio Sá e Alírio Guerra. Não poderia ser outro.

Fui escalado para cobrir o velório e o sepultamento dos dois comunistas. O velório aconteceu no antigo Centro de Velório, na avenida Hermes da Fonseca, e o sepultamento simultâneo no Cemitério de Nova Descoberta, localizado no bairro de mesmo nome. O cortejo fúnebre ocupou as duas vias da Hermes da Fonseca – mão e contramão – tantos eram os carros acompanhando até o local dos sepultamentos.

Próximo ao cemitério, os automóveis começam a ser estacionados e as pessoas saem em direção ao local já cantando a música “Canção da América”, de Milton Nascimento. Em uníssono a música aos poucos vai tomando conta da rua que dá acesso ao cemitério. Um momento raro e de grande emoção. Nunca tinha presenciado um momento como aquele antes.

Até a hora das urnas baixarem as sepulturas as pessoas continuavam cantando “Canção da América”. Realmente, nessa minha vida de jornalista jamais esquecerei esse momento. Um momento de tristeza mas ao mesmo tempo um momento bonito, de amizade, de fraternidade, raro nos dias de hoje. Pra mim uma coisa inesquecível que guardo até hoje entre as minhas lembranças de redação.

Gilson Moura pegava sinópsse na EBN porque não tinha dinheiro pra comprar jornal

Era eu então gerente da extinta sucursal da EBN no Rio Grande do Norte. Isso foi no governo Sarney. A empresa ocupava quatro salas do edifício Cidade do Natal, centro da capital potiguar. Gilson Moura acho que sequer pensava em ser político. Ainda não havia entrado no curso de Jornalismo. Todos os dias de manhã cedo lá estava Moura para pegar a sinópsse dos principais jornais do país que a EBN distribuía gratuitamente. Foi quando conheci Gilson Moura.

Ele me dizia que não tinha dinheiro para comprar jornal. Como sabia desse serviço da EBN começou então a pegar as sinópses com as principais notícias nacionais na empresa. Dizia também que o seu sonho era ser jornalista. Anos depois, com a EBN já extinta, Gilson Moura se elege vereador de Natal. Numa carreira meteórica na política se elegeu deputado estadual e já nas eleições para prefeito em 2008 tentou chegar a prefeitura de Parnamirim, um dos municípios que formam a Grande Natal. Gilson Moura também acabou realizando seu sonho, ou seja, de ser jornalista, chegando até a ter um programa de televisão.

Essa história poucos sabem, mas quando encontro Gilson Moura ele faz questão de lembrar isso. Um fato que para muitos pode parecer sem importância, mas acho que do ponto de vista jornalístico se torna interessante contar. São coisas que acontecem nos bastidores do jornalismo que não vêm à público. Trata-se de uma história de perseverança e por que não dizer até de êxito de uma pessoa que um dia pensava em ser apenas mais um jornalista, mas que acabou enveredando para a política e hoje é deputado.

O dia em que soube que houve um quebra-pau na usina de Geraldo Melo e não fiz a matéria

Era eu repórter de Cidades do Diário de Natal. Estava saindo para cumprir a pauta num sábado de manhã. O motorista do carro que conduzia eu e o fotógrafo – salvo engano Carlos Santos – me disse que logo cedo alguns trabalhadores da usina do então senador Geraldo Melo, na época no PSDB, tinham ido ao jornal para fazer uma denúncia: Atraso no pagamento dos salários e o quebra-pau que houve devido a isso. Mas como foram logo às primeiras horas da manhã não encontraram ninguém na Redação, mas deixaram um número telefônico para contato.

Fui cumprir a minha pauta e de volta ao jornal falei para o diretor de Redação Aluizio Lacerda sobre o ocorrido na usina de Geraldo Melo. Como testemunha o jornalista e amigo Ricardo Rosado, que visitava à Redação naquele dia. Lacerda perguntou ao editor de Política, na época Gérson de Castro se já tinha conhecimento. De Castro disse que sim. Lacerda perguntou se tinha a matéria. De Castro disse que não. Lacerda então pediu para que a matéria fosse levantada para publicar na edição de O Poti que circularia no domingo. Gerson de Castro disse então que não tinha mais nenhum repórter de Política na Redação e que isso poderia ser feito por mim, já que tinha a informação.

Aluizio Lacerda – nos chamava de professor – sempre com aquele seu jeito educado de falar olha pra mim e pergunta: Professor, dá pra você apurar o assunto? Olhei para Aluizio – já eram por volta de meio dia – e disse que não pois às 13h tinha curso sobre informática. Na época o Diário estava se informatizando e todo o pessoal da Redação, dividido em turmas, estava fazendo esse curso. Naquele sábado era um dos dias do curso que a minha turma estava escalada.

No dia seguinte sai a matéria na página 4 do jornal em duas colunas num canto de página e com pouco destaque. A matéria foi feita com base numa reportagem da TV Ponta Negra. Desde esse dia aprendi que no jornalismo se você tem um assunto importante na mão não se recuse a fazer a matéria. Vá lá e apure o assunto. Deixe as outras coisas que tem pra fazer depois. Corra atrás do fato. Jornalismo é isso. Mas como costume dizer, jornalista está sempre aprendendo. Foi o meu caso.

O dia em que eu e o colega Carlos Roberto pregamos uma peça em José Wilde

Na época em que era correspondente da Radiobras no Rio Grande do Norte sempre passava mais tempo na redação da Assessoria de Comunicação do Governo do Estado do que propriamente na sala que fora disponibilizada pra mim na Governadoria, numa permuta entre Radiobras e o governo estadual. O governo cedia o espaço físico e eu como correspondente da estatal divulgava as ações do Executivo estadual. Isso foi no primeiro governo Garibaldi. A redação contava com colegas e amigos dos tempos do Diário de Natal. Carlos Roberto, uma figura maravilhosa e brincalhão, tinha atuado comigo na redação do DN. Ele como editor de Economia e eu como repórter. Robertão, como a gente o chama, estava na Assessoria de Comunicação do governo do estado como chefe de reportagem. No dia em que José Wilde fazia aniversário resolvemos fazer uma brincadeira com ele.

A sala de Wilde fazia parede com a redação. Todos os dias de manhã eu participava, por telefone, do programa Revista Nacional da Rádio Nacional, em Brasília. Dava os destaques dos jornais e comentava as notícias. Nesse dia, eu e Robertão combinamos de que na hora do Revista Nacional eu simularia a notícia do aniversário de José Wilde, e Robertão abriria a porta da sala de Wilde e eu daria a notícia do seu aniversário no Revista Nacional. Claro, que tudo seria de mentira. Mas como Wilde não estava sabendo iria pensar que era verdade.

Com aquele seu jeito sempre discreto José Wilde é avesso a badalações. Sabendo disso é que combinamos pregar a peça nele. Dito e feito: Era por volta de 8h e 8h30, horário em que sempre entrava no ar para ler as manchetes dos jornais locais. Wilde sabia que nesse horário eu entrava no ar para participar do programa. Peguei o telefone e fingi estar ligando para Brasília. Robertão abre a porta da sala de Wilde e ensaia perguntar alguma coisa a ele de interesse do governo. Isso para manter a porta aberta e dar condições de Wilde ouvir eu “falando” para o Revista Nacional.

Resultado: José Wilde ficou vermelho de vergonha certo de que o seu aniversário estava sendo noticiado em rede nacional. Todos na redação riram.

O dia em que sugeri uma carta de criança para ser capa do JH Primeira Edição

Era o final de 2006. Nessa época trabalhava no JH Primeira Edição como editor de Política. Na véspera do Natal o colega e amigo Edilson Braga, então editor-geral do jornal pediu sugestões para fazer uma capa diferente para o jornal que circularia na data natalina. Eu e o colega João Ricardo – editor de Cidades – fomos consultados.

Como faz todos os anos na época do Natal os Correios promovem uma campanha para doação à crianças carentes. Elas enviam cartas para a agência central da empresa e qualquer pessoa pode ir pegar para fazer a doação que pode ser de um brinquedo, uma roupa usada ou nova e até alimentos. Depende do que a criança pedir na carta. Pois muito bem: Foi aí que me surgiu a ideia de colocar na capa do JH Primeira Edição uma dessas cartas.

Braga e João Ricardo compraram a ideia. Um repórter foi designado para ir a agência central dos Correios conseguir a carta. Salvo engano o gerente da ECT em Natal sugeriu uma cartinha de uma criança que pedia um emprego para o pai como presente de Papai Noel. Algo de certa forma inusitado. Quando a carta chegou na Redação a gente foi discutir a melhor maneira de colocá-la na capa do jornal que iria circular no dia de Natal.

Conversa daqui, conversa dali, disse a Edilson Braga que se era pra fazer diferente porque não colocar a carta inteira na capa, já que ela vinha acompanhada de um desenho. Braga ponderou, mas acabou concordando depois que João Ricardo achou a ideia ótima. Mas Braga ainda queria colocar algumas chamadas de matérias na capa. Aí eu disse que a carta perderia o impacto. O bom seria só a carta. Ele aceitou a sugestão.

O JH Primeira Edição, que na época ainda era tabloide, circulou no dia 25 de dezembro de 2006 com a carta de uma criança pedindo um emprego para seu pai como presente de Natal, ocupando o espaço da capa de ponta a ponta. Sucesso total. O que choveu de cartas de leitores depois elogiando a iniciativa do jornal foi uma coisa impressionante. A capa mexeu com o emocional das pessoas. Nunca mais esqueci desse fato.

O dia em que a segurança do governador parou um carro suspeito na estrada

Eu e a minha equipe estávamos voltando de uma viagem ao interior do estado junto com a comitiva do governador Garibaldi Alves. O carro que levava o governador ia no meio, entre dois carros da segurança. Logo atrás do último carro da segurança ia o pessoal da assessoria de imprensa.

Salvo engano ao passarmos pela cidade de Santa Maria – a cidade corta a estrada ao meio – o primeiro carro da segurança observou que havia um carro em zigue-zague na rodovia. Isso era mais de 23h. De repente um freio brusco do carro da segurança que ia na nossa frente. Eles pararam o carro que estava zigzagueando na estrada e armados fizeram os três homens que estavam dentro do automóvel descer. Colocaram os três com as mãos pra trás e começaram a revistá-los. Enquanto isso o outro carro da segurança e mais o carro do governador seguiram viagem.

Após a revista os três homens foram liberados pela segurança do governador. Só tinham bebido um pouco além da conta, mas não eram assaltantes. O nosso medo é que podia se tratar de assalto. Passado o susto seguimos viagem. Não sei nem se o governador veio a saber disso porque a coisa aconteceu tão repentinamente que acho que Garibaldi não soube do ocorrido.

O carro com os homens embriagados só foi parado pelos seguranças que estavam atrás do carro do governador. Daí acreditar que Garibaldi não tenha nem percebido o que aconteceu. Só o pessoal da assessoria de imprensa que estava por último viu todo o movimento dos seguranças para parar o carro suspeito.

O dia em que vazou a informação do aumento dos vencimentos dos deputados

Eu era repórter de Política do Diário de Natal. Era uma sexta-feira e precisava de uma matéria bombástica para O Poti que circulava aos domingos. O jornal estava promovendo no final de semana um seminário sobre eleições – era um ano eleitoral. A sessão na Assembleia Legislativa na sexta-feira ocorre pela manhã. Nesse dia não houve sessão. Foi então que na própria Assembleia Legislativa conversando com uma dessas minhas fontes consegui uma informação bomba. Os deputados estavam para dar um reajuste em seus vencimentos. A coisa estava sendo guardada a sete chaves. Os membros da Mesa Diretora fizeram uma reunião com os líderes partidários e ficou tudo acertado. Mas a informação não podia chegar à imprensa. Naquela época os reajustes dos deputados estaduais não tinha vinculação com os dos deputados federais como ocorre hoje. Era a notícia que precisava.

A tarde já na Redação disse ao editor de Política, o colega e amigo Luciano Herbert – já falecido – que tinha uma informação quente e que iria preparar a matéria para o domingo. Ele disse pra mim meter bronca. Foi o que fiz. Peguei a minha caderneta de anotações com todas as informações que conseguira sobre o aumento dos deputados, inclusive com o percentual, e caprichei no texto.

Como O Poti circulava às primeiras horas da noite do sábado – apesar de ser um jornal dominical – a reportagem estourou como uma bomba no Centro de Convenções onde estava se realizando o seminário promovido pelo jornal. A classe política em peso lá. Governador, senadores, deputados federais e estaduais, prefeitos, o escambau. A repercussão da matéria foi grande. Os deputados jamais imaginariam que a decisão de aumentar seus vencimentos pudesse vazar para a imprensa. O único jornal a dar a matéria foi O Poti. O repórter fotográfico Eduardo Maia, salvo engano, estava cobrindo o evento e chegou a fazer fotos com as pessoas lendo O Poti. A matéria foi capa do jornal e teve grande repercussão.

Repórteres combinam foco de cobertura jornalística

Acontecia um evento no interior do estado – salvo engano o lançamento da adutora Sertão/Cabugi na cidade de Angicos – e o Governo do Estado tinha montado um escritório de apoio próximo ao palanque onde iriam acontecer os pronunciamentos com toda a estrutura para a imprensa. Pouco antes de se iniciar o evento, já com a presença do presidente Fernando Henrique Cardoso e do governador Garibaldi Alves na cidade, escutei a conversa de três repórteres de jornais de São Paulo e do Rio a respeito dos textos que iriam fazer. Os três combinavam que iriam dar a mesma conotação para o discurso do presidente.

Guardei aquilo comigo e fiquei a imaginar que o leitor, de certa forma, no dia seguinte ao abrir os jornais em que os jornalistas trabalhavam iriam acreditar que os repórteres que escreveram os textos tinham a mesma leitura. Ledo engano! Não sabiam os leitores que tudo havia sido combinado. Ou seja, dar o mesmo tom as matérias. Certamente para não deixar dúvidas de que estiveram cobrindo o mesmo evento. Ou, na pior das hipóteses: Não deixar passar algo despercebido por um ou por outro. Daí a combinação de textos.

Achei aquilo um absurdo. Até porque o presidente poderia falar uma coisa que de repente um determinado repórter achasse interessante e colocasse no lead de sua matéria. Mas como haviam combinado de dar o mesmo enfoque aos textos, claro e óbvio que depois da solenidade os três voltaram a conversar para discutir o gancho da matéria. Acredito que isso deva ocorrer até hoje. Basta comparar os textos dos principais jornais do país quando o assunto é algum pronunciamento do presidente Lula. Algo inimaginável para o leitor leigo, mas infelizmente acontece isso na grande imprensa.

O dia em que chamei o diretor de Redação de ditador

Eu era editor de Economia do Diário de Natal quando o jornalista Alfredo Lobo – já falecido – assumiu o cargo de diretor de Redação do jornal. O Diário passava por mudanças de ordem estruturais e na sua feição gráfica. Lobo estava vindo do Correio Braziliense para processar estas modificações e ser efetivado como diretor de Redação.

Não sei por que cargas d'água mas senti logo ao sermos apresentado que ele não fora com a minha cara. Nem eu com a dele, confesso. Seu jeito sisudo e a maneira como se dirigia aos repórteres – uma vez uma repórter chegou a chorar – não me agradava, embora fosse um grande jornalista. Comprovou isso durante o tempo em que esteve a frente da Redação do DN. Aliás, aprendi muito com ele no jornalismo.

Contudo, apesar de não ter ido com a sua cara profissionalmente nos dávamos muito bem. Mas um dia sem mais nem menos chego à Redação para trabalhar e me vem a informação do editor do Caderno Brasil, o colega e amigo Roberto Machado, de que a partir daquele dia por ordem de Alfredo Lobo não mais passaria a editar o Caderno de Economia. Seria sub-editor de Brasil. O meu salário continuaria o mesmo, mas não teria mais o cargo de editor. Questionei com Machado e ele me disse que era uma decisão de Alfredo Lobo.

Pois muito bem: Fui auxiliar Machado no fechamento do Caderno Brasil. As horas passavam-se e eu não conseguia entender a posição tomada por Lobo. Já passavam das 18h, hora do pique na Redação e decidi então ir falar com Lobo para saber dele quais foram os motivos que o levaram a tomar tal decisão.

Fui até a sala onde ele se encontrava – apenas uma vidraça dividia o espaço entre a Redação e sua sala – e indaguei dele porque não continuava mais como editor de Economia. Com a atenção para o seu computador, onde estava editando a primeira página do jornal, ele sequer olhou pra mim e respondeu secamente: Foi uma decisão que tomei, só isso. Insisti para saber os motivos. E ele continuou sem olhar pra mim e reafirmou o que dissera. Não satisfeito com a resposta o sangue me subiu à cabeça e disse a ele que era um ditador em alto e bom som para toda a Redação ouvir. Afirmei que não era criança para ser tratado daquela maneira e que merecia uma satisfação. Que ele tivesse pelo menos a consideração de olhar pra mim, afinal não estava falando com um cachorro. Puto da vida sai de sua sala sem mais condições de continuar a trabalhar. Falei com Machado e disse que iria pra casa esfriar a cabeça e só retornaria no dia seguinte.

Dias depois soube que Alfredo Lobo me retaliara simplesmente porque não gostava de sindicalista. Na época era dos quadros do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Rio Grande do Norte. Estranhei porque durante o tempo em que pertenci a direção do Sindicato fiz qualquer movimento dentro da Redação. Mas a partir daquele momento passei a entender o porque de Lobo não ter ido com a minha cara desde o dia em que fomos apresentados. Certa-

mente alguém buzinou no seu ouvido que eu era sindicalista.

Mas Alfredo Lobo teve o seu lado positivo. Brigou pela melhoria salarial dos profissionais da Redação do DN e além disso, como já disse, aprendi muita coisa no jornalismo com ele.

O dia em que o grande deputado Márcio Marinho passou mal

Acontecia uma sessão ordinária na Assembleia Legislativa. Naquela época, no segundo governo Agripino Maia, a bancada governista era composta por grandes parlamentares como o saudoso Márcio Marinho, filho do deputado federal Djalma Marinho, também já falecido, e tio do deputado federal Rogério Marinho (PSDB-RN). Boêmio e fumante inveterado, apaixonado por Pirangi, sua praia de veraneio, Marinho tinha uma excelente oratória – certamente dividia com o ex-deputado Paulo de Tarso Fernandes a posição de melhores oradores do Legislativo – e foi sempre uma boa fonte e uma pessoa de papo muito agradável.

Adoentado devido ao alto consumo de uísque – só ia para as sessões depois de umas boas doses –, numa dessas sessões Márcio Marinho sai inesperadamente do Plenário. Preocupados os colegas de bancada vão à sua procura. Marinho estava no banheiro passando mal e vomitando sangue. A sessão foi dada por encerrada. Nós repórteres até então não sabíamos o que estava acontecendo. Só depois veio a informação de que Márcio Marinho estava passando mal e tinha sido levado ao hospital.

Márcio Marinho, até pelo seu comportamento conciliador era um político que tinha a simpatia até dos adversários. Até mesmo nas discussões acaloradas em Plenário Marinho não perdia a diplomacia. Era um homem admirado por todos.

Dias depois o grande parlamentar Márcio Marinho veio a falecer. O Rio Grande do Norte perdera ali um grande político de uma sabedoria sem igual. A Assembleia Legislativa certamente perdeu um de seus melhores quadros. Um homem público que costumava dizer sempre que a Casa era o convívio dos contrários.

Lembro desse fato como um dos episódios mais triste na minha vida de repórter. Mas, por outro lado devo dizer que o convívio diário com o deputado Márcio Marinho, eu ainda jovem, me fez conhecer melhor a política do Rio Grande do Norte.

O dia em que Olegário Passos disse que o PT estava na “vala comum”

Era eu editor de Política do JH Primeira Edição e semanalmente tínhamos uma entrevista tipo ping-pong (perguntas e respostas). As entrevistas ping-pong eram marcadas com antecedência para que não falhassem. Nessa semana havíamos contatado um político conhecido no Rio Grande do Norte – não lembro quem era. Ou melhor; prefiro não revelar o nome – para fazer a entrevista. Marcamos para a quinta-feira. Na quarta-feira ele ligou para a redação dizendo não ser possível naquela semana. Tínhamos – eu e os repórteres Daniela Freire e Alex Viana – de pensar num substituto. Foi aí que me ocorreu de convidar o ex-vereador Olegário Passos.

Como já tinha assessorado ele quando foi vereador pelo PT na Câmara Municipal de Natal fizemos uma grande amizade e aí liguei para ver se topava conceder a entrevista. Adiantei o assunto: Os motivos que o levaram a deixar o PT. Ele topou. Salvo engano foi na época em que estourou o escândalo do mensalão que fizemos essa entrevista.

Fazia meses que não encontrava com Olegário quando ele chegou a redação e foi logo me abraçando. Uma grande figura. Batemos um papo para relaxar e sentamos os três num canto da redação para a entrevista: eu, Daniela Freire e Olegário. Começamos a série de perguntas quando Olegário Passos ao justificar a sua saída do PT disse que o partido estava na “vala comum” das outras legendas. Ou seja, Olegário comparou o PT aos outros partidos que tanto os petistas criticavam como o DEM, por exemplo. Foi a manchete do jornal na segunda-feira. A repercussão foi grande.

Na segunda-feira mesmo os dirigentes do PT procuraram o jornal para rebater Olegário. Foi uma das grandes entrevistas que tive a oportunidade de participar enquanto editor de Política do JH Primeira Edição. Anos depois Olegário Passos fez as pazes com o PT.

O dia em que fui surpreendido por uma proposta indecente

Nas minhas memórias como repórter tem algumas que infelizmente estão registradas no meu baú. Sempre prezei pela ética e pela moral não só como profissional de jornalismo, mas acima de tudo pelas lições de vida que aprendi com o meu velho e querido pai, Francisco das Chagas Barbosa.

Pois muito bem: Já tive oportunidade de relatar nessas minhas memórias o “escândalo das atas” ocorrido na Câmara Municipal de Natal quando era presidente da Casa o ex-vereador Sid Fonseca. O escândalo basicamente aconteceu por fraudarem uma ata para beneficiar o ex-vereador Marcílio Carrilho que havia acusado o então governador do Rio Grande do Norte Geraldo Melo de tentar “comprar” deputados na Assembleia Legislativa para aprovar matéria de seu interesse. Bem, isso eu já contei. O que não contei é o que vou relatar agora.

O escândalo rendeu pelo menos por uns três meses. Era dezembro e na véspera da Câmara entrar em recesso Sid Fonseca liga pra redação do Diário de Natal – jornal o qual eu trabalhava e era repórter de política – perguntando se dava para ir até o seu gabinete. Isso era por volta das 19h. Disse a ele que estava redigindo uma matéria e tão logo saísse do jornal iria até a Câmara. Fonseca disse então que me aguardava.

Cheguei na Câmara devia ser por volta das 19h30. Quase ninguém no prédio. Só os vigilantes e a secretária de Sid na ante-sala do gabinete. Assim que cheguei como ela – a secretária – já me conhecia falou para entrar direto na sala. Sid Fonseca me cumprimentou e começou a falar sobre o escândalo das atas. Me perguntou se ia ter continuidade durante o recesso da Câmara e eu disse que sim. Afinal muita coisa precisava ser ainda esclarecida. Ele então me disse que não tinha mais nada para ser esclarecido e que o jornal deveria parar com as matérias sobre o assunto. Respondi que não caberia a mim continuar ou não fazendo matérias sobre o caso. O jornal é que determinava a pauta.

Fala daqui fala dali Sid disse que estava de viagem para Gramado (RS) onde iria passar o Natal com a família e gostaria que o assunto morresse porque estava sendo muito desgastante para ele. Voltei a dizer que não dependia de mim. Foi aí que ele parou de rodeios e me perguntou qual o número da minha camisa porque gostaria de me presentear. Que estava indo ao Sul e traria uma camisa pra mim. Esperei ele acabar de falar, agradei, desejei a ele uma boa viagem e me retirei de seu gabinete. Nunca mais ele tocou no assunto.

O dia em que a governadora deu entrevistas aos concorrentes e não ao JH

Nas minhas lembranças do jornal JH Primeira Edição, quando durante dois anos exerci o cargo de editor de Política, tenho gravada na memória a negação da governadora do Rio Grande do Norte, Wilma de Faria, em dar uma entrevista ao jornal. Vamos ao fato:

Era um final de ano. Normalmente os jornais convidam o prefeito (a) ou o governador (a) da hora para dar uma entrevista e fazer um balanço de suas administrações. Isso é de praxe. É uma entrevista ping-pong [perguntas e respostas]. Pois muito bem: Wilma de Faria havia sido reeleita governadora do estado. O fim do primeiro ano de governo já em seu segundo mandato estava chegando. Queríamos fazer uma longa entrevista com a governadora. Falei com a repórter Daniela Freire para manter contato com a assessoria de imprensa do governo. Alegavam sempre problema na agenda da governadora para que pudesse encaixar a entrevista.

Na semana que antecedia o final do ano soube que tanto o jornal Tribuna do Norte como o Diário de Natal iriam sair com entrevistas com a governadora no mesmo estilo proposto pelo JH Primeira Edição. Dito e feito. No último domingo do ano os dois matutinos saíram com as entrevistas. Diante do descaso do governo para com o JH Primeira Edição, decidi fazer um editorial. Nessa época estava escrevendo interinamente a coluna do colega Túlio Lemos, que ocupava duas colunas de cima a baixo da página 4 do jornal. Como o espaço era auspicioso aproveitei para fazer o editorial.

Expliquei já na edição do sábado, me antecipando, portanto, as edições da TN e do DN que iriam sair com as entrevistas da governadora no domingo, que o JH Primeira Edição estranhava o fato da governadora não dar entrevista ao jornal sabendo que na edição de domingo dos dois concorrentes iria sair uma entrevista com ela. Aproveitei e coloquei algumas perguntas que certamente os leitores do JH gostariam que a governadora do RN respondesse. A coisa deu Ibope. Na segunda-feira recebi inúmeras ligações dando os parabéns pelo editorial.

Detalhe: O prefeito de Natal Carlos Eduardo Alves, que também era do mesmo partido da governadora na época, não fez barreiras para conceder uma entrevista ao jornal.

O dia em que Collor veio à Natal fazer comício

Era uma sexta-feira. O comício aconteceu no Alecrim, bairro mais populoso da capital potiguar, acho que na avenida 10 – não conheço bem os nomes das avenidas do bairro pelos números. Estava previsto para começar às 17h, mas houve um atraso de 1 hora. Um grande palanque foi armado de ponta-a-ponta da avenida impedindo o trânsito de veículos no local. As cores verde e amarela predominavam no palanque.

Por volta das 18h chega Fernando Collor acompanhado de José Agripino. Com passo apressado Collor se dirige ao palanque. Olhos esbugalhados, voz pausada, o candidato cumprimentava os eleitores presentes ao ato antes de subir no palanque. Em seu discurso com punhos cerrados, como costumava fazer, prometera um governo moderno e atuante se eleito presidente da República. O resultado todos sabem.

A imprensa toda lá aguardando a oportunidade para falar com o candidato. Encerrado o comício Collor saiu também às pressas do local cercado de seguranças. Falou algumas palavras rapidamente para os jornalistas e pronto. Foi a primeira vez que tive um contato direto com Fernando Collor. A minha impressão foi a pior possível. Um sujeito arrogante, prepotente e inibidor.

Não lembro bem, mas acho que Collor pernitoou em Natal e no sábado teve uma reunião com o governador José Agripino e lideranças políticas na granja do então vereador Marcílio Carrilho na Lagoa de Extremoz. A imprensa não teve acesso. Depois soube-se que o Morcego Negro, jatinho de PC Farias, homem do dinheiro da campanha de Collor, esteve por aqui poucos dias antes da eleição presidencial.

O dia em que o gravador falhou

Era eu editor de Economia do Diário de Natal e o governo Garibaldi – primeiro governo – estava prestes a privatizar a Cosern [Companhia de Serviços Energéticos do Rio Grande do Norte]. A empresa ia a leilão, mas havia especulações na época que isso poderia não ocorrer. Marquei então uma entrevista com o governador Garibaldi Alves, através do seu secretário de Comunicação jornalista José Wilde.

Dia e hora marcados lá fui eu para entrevistar o governador. De gravador em punho – esqueci de testar as pilhas pra saber se estavam totalmente carregadas – entrei na sala de Garibaldi acompanhado por Wilde. A entrevista ocorreu pela manhã na Governadoria e durou uns 40 minutos. Fiz uma boa entrevista onde todas as dúvidas foram tiradas a respeito da privatização da Cosern que iria ocorrer através de um leilão realizado na Bolsa de Valores do Rio de Janeiro.

Acabada a entrevista Wilde ainda me sugeriu que ouvíssemos parte da entrevista ali mesmo na sala do governador para saber se tinha ocorrido tudo bem. Que nada. Disse a Wilde que não precisava e qualquer dúvida tiraria com ele à tarde quando chegasse ao jornal. Fui pra redação por volta das 14h30 para fazer a decupagem – ouvir a gravação e tirar a entrevista – para editar a matéria. Pra surpresa minha quando liguei o gravador nada. Sequer a fita rodava. As pilhas estavam descarregadas. Minha sorte é que – seguro morreu de velho – anotei os principais tópicos da entrevista. Costumo fazer isso mesmo nas entrevistas com gravador. Em cada palavra do governador que achava que merecia ser anotado eu anotava e colocava um asterisco quando achava importante. Foi a minha salvação.

No outro dia a matéria mereceu chamada de capa e foi destaque no caderno de Economia. Wilde ainda me ligou para me dá os parabéns não sabendo ele que passei um certo sufoco para editar o material. Mas como tinha anotado os pontos principais o texto saiu sem nenhuma ressalva ou correção a ser feita pelo secretário de Comunicação do governo. A partir daí todas as entrevistas com gravador que ia fazer pedia pilhas novas na redação e testava o aparelho antes.

O dia em que o som dos grilos substituiu a pauta

Dentre tantas lembranças boas e engraçadas que eu tenho da redação essa é uma delas. Eu era repórter de cidades do Diário de Natal e na época o meu amigo e colega João Bezerra Júnior também trabalhava na mesma editoria no DN. Era comum na época o carro da reportagem sair com três repórteres e cada um com pelo menos três pontos de pauta. Vamos ao fato:

Trabalhávamos de tarde no Diário de Natal. Normalmente chegávamos à redação por volta das 14h. Margareth Martins – Meg como é mais conhecida pelos colegas era a chefe de reportagem. Exigente como ela estava sempre cobrando o cumprimento da pauta aos repórteres. Pois muito bem: Nesse dia uma das pautas de João Bezerra era no campus universitário da UFRN [Universidade Federal do Rio Grande do Norte]. Não lembro bem qual era o ponto de pauta.

O esquema de saída dos repórteres se dava da seguinte forma: O primeiro a ser deixado para cumprir a pauta deveria aguardar o carro da reportagem que retornaria ao local assim que deixasse o terceiro repórter na pauta. E assim sucessivamente até que se cumprisse as três pautas. Ocorre que quando o motorista voltou para pegar João Bezerra o seu entrevistado não havia chegado. O motorista então ficou de retornar para pegá-lo.

Pouco mais das 18h ele aparece na redação puto da vida. Meg pergunta se a pauta foi cumprida. Ele ironicamente ligou o gravador e mostrou o barulho dos grilos no campus. E disse que estava ali a entrevista que havia feito. Claro, João Bezerra tinha razão. O motorista esquecera de lhe pegar no campus. Conclusão: a pauta da UFRN furou e as outras duas não puderam ser feitas. Daí veio a ideia genial dele gravar o som dos grilos enquanto aguardava o carro da reportagem. Detalhe: o motorista que foi pegá-lo foi o motorista da noite. O que saíra na reportagem à tarde fora rendido pelo colega da noite que fora avisado que ainda faltava pegar um repórter. Justamente João Bezerra.

O dia em que o jornal em que trabalhava censurou uma entrevista minha

Quando editor de Política do JH Primeira Edição na época da campanha eleitoral para as eleições de governador em 2006 passei por uma experiência negativa de auto-censura da direção do jornal. Naquelas eleições disputavam o governo do estado sete candidatos. Nada mais democrático do que dar espaço a todos eles.

Como não tínhamos repórteres suficientes na editoria para acompanhar cada um dos sete candidatos decidi que iríamos fazer a cada semana uma entrevista de perguntas e respostas, um ping-pong, no jargão jornalístico. Como os dois principais candidatos no pleito eram o senador Garibaldi Alves (PMDB-RN) e a governadora Wilma de Faria (PSB), candidata a reeleição, deixei que ouvíssemos os dois por último. O número de perguntas teria que ser o mesmo para cada candidato. Claro que as perguntas não poderiam ser as mesmas para todos, óbvio.

Todos os seis primeiros candidatos contatados pela editoria de Política do JH Primeira Edição foram receptivos a proposta e deram entrevistas, exceto a governadora Wilma de Faria. As entrevistas eram veiculadas sempre às segundas-feiras. Pedi a repórter Daniela Freire para entrar em contato com a assessoria da candidata Wilma de Faria, o que foi feito. Foram realizadas três tentativas para marcar a entrevista. Na última pediram ao jornal para mandar as perguntas por e-mail. O que mesmo contrariando o que havíamos combinado mandamos assim mesmo.

Nessa última tentativa para a entrevista e aceitando as condições impostas pela assessoria da candidata demos um prazo para resposta com uma semana de antecedência. O prazo se expirava num sábado, dia para editar o material para que a entrevista saísse na segunda-feira. Tínhamos uma página e meia destinada a entrevista.

Pois muito bem: No sábado, dia em que se expirava o prazo, mantivemos um novo contato. A assessoria da então candidata Wilma de Faria já estava com as perguntas em mãos. Só cabia a candidata respondê-las e sua assessoria enviá-las para o e-mail do jornal. Eis que para minha surpresa a sua assessoria diz que Wilma não iria responder por que tinha perguntas que não diziam respeito a eleição. Uma delas falava na questão do foliaduto – desvio de recursos da ordem de R\$ 2,1 milhões na Fundação José Augusto para pagar bandas de carnaval que não chegaram a se apresentar em alguns municípios do interior do estado. Argumentei que a candidata responderia essa pergunta se quisesse, mas que seria interessante ela responder as outras. Nada feito.

Já com a hora avançada e com limite de deadline para o fechamento do jornal no sábado decidi, em consideração aos leitores, publicar as perguntas mesmo não estando elas respondidas. Para que os leitores soubessem o que ocorrera coloquei ainda uma Nota da Redação justificando o fato da candidata Wilma de Faria não ter concedido a entrevista ao jornal, afinal todos os outros seis candidatos foram ouvidos.

Qual surpresa minha na segunda-feira ao abrir o jornal tinha uma matéria nacional no lugar das perguntas feitas a então candidata Wilma de Faria. Quando cheguei ao jornal questionei com a diretora de Redação Silvia Sá e ela me explicou que a assessoria da candidata tinha entrado em contato justificando o fato de Wilma não ter concedido a entrevista. Foi usado o mesmo argumento que me deram. Infelizmente muitos leitores ficaram sem saber o que tinha ocorrido. Sequer pude explicar na edição da terça-feira o que houve. A “tesoura” funcionou na redação do JH Primeira Edição. Deviam ter feito como na época da ditadura: ter colocado uma receita de bolo.

O dia em que Tancredo morreu

Já passavam das 23 h do dia 21 de abril de 1985 – um domingo – quando a Globo, em edição extraordinária noticiou a morte de Tancredo Neves. Em 15 de janeiro do mesmo ano fora eleito presidente por um Colégio Eleitoral recebendo 480 votos contra 180 de Paulo Maluf, mas não chegou a tomar posse, pois na véspera teve que ser internado para depois de 38 dias hospitalizado e sofrer sete cirurgias, morrer sem realizar o sonho de uma vida inteira.

Estava em casa assistindo o Fantástico quando o telefone tocou. Já imaginava que fosse o colega e amigo Roberto Machado, então gerente da sucursal da EBN no RN. Atendi a ligação e Machado pergunta: “Já está sabendo Barbosa ... Não deixei nem ele completar. Respondi que já tinha conhecimento da morte de Tancredo. Machado diz pra mim ir para o escritório da EBN que ficava no Edifício Cidade do Natal, na rua João Pessoa, centro da capital potiguar. Lá íamos eu, ele e Luiz Antônio Felipe, também repórter da EBN, repercutir o falecimento de Tancredo Neves com os políticos do estado. Governador, deputados e senadores. Quem a gente pudesse ouvir. No sábado mesmo Machado já havia nos alertado da gravidade do quadro e disse para ficarmos de sobreaviso.

Peguei o meu carro e fui direto para a EBN. Começamos então a telefonar para os políticos. Embora a hora avançada, todos foram receptivos às nossas ligações já que o mundo político tinha conhecimento do ocorrido naquele domingo. Na época, o laudo médico apontava para uma diverticulite aguda perfurada a causa da morte de Tancredo, laudo que foi desmentido 20 anos depois, quando os médicos relataram que o motivo da morte do presidente tinha sido um tumor, um leiomioma benigno, mas infectado. Naquele fatídico 21 de abril o Brasil perdia o primeiro presidente eleito pós-ditadura, seu vice, José Sarney assumiu o governo.

Em entrevista à Rádio Metrôpole, em Salvador (BA), transcrita por Bob Fernandes no Terra Magazine o então governador de Minas, Aécio Neves, neto de Tancredo disse que seu avô hospitalizado na véspera de tomar posse na Presidência da República, vítima de uma aparentemente banal crise de diverticulite, não parou mais de sofrer até a morte, depois de sucessivas falhas médicas e hospitalares que beiraram o absurdo”, segundo o governador mineiro.

“Eu não merecia isso!”. Segundo Aécio foram estas as últimas palavras ditas por seu avô, segurando seu braço, nos derradeiros momentos de vida. No dia seguinte à cirurgia realizada no Hospital de Base de Brasília, o presidente pressentiu o desastre ao levantar-se do leito pela primeira vez: “Rompeu tudo”, disse Tancredo ao neto, ao sentir que os pontos da cirurgia se haviam rompido. Depois foram mais sete sofridas cirurgias nas mãos de profissionais sem competência técnica e em hospital sem controle e organização gerencial. Aécio ficou compungido até quase as lágrimas ao recordar que mais de 40 pessoas tiveram acesso à área restrita onde o presidente Tancredo estava internado em tratamento de alto risco de infecção.

Quando Tancredo estava sendo transferido de maca do apartamento para o centro cirúrgico do HB, alguém que a família não conseguiu identificar, chegou a levantar o lençol que cobria o rosto do presidente, para ver o seu estado. “Algo incrível”, falou com voz embargada o governador de Minas. Foi então que a família decidiu, a qualquer custo, transferir o presidente eleito para o Hospital das Clínicas, em São Paulo .

Mas já era tarde demais. No hospital paulista os sofrimentos de Tancredo Neves continuaram, até o suspiro final.

“O resto todo o povo brasileiro conhece”, disse Aécio Neves na entrevista na Metrópole.

Vinte anos depois da morte de Tancredo, o patologista Élcio Mizziara admitiu que escondeu o diagnóstico: “Eu, disse: ‘Eu posso fazer uma coisa, que contraria o código de ética médica. Mas, considerando a situação atual, com o medo de que nós não tenhamos a posse do presidente... Porque se for divulgado que ele tem um tumor, e não importa naquele momento se é um tumor benigno ou maligno, basta dizer para o público que é um tumor, então vão dizer que o homem está com câncer, e ele vai morrer. Então eu faço o seguinte: eu faço um outro laudo. Esse outro laudo eu faço um laudo igualzinho a esse, só que, ao invés de eu colocar: leiomioma infectado etc. e tal, eu vou colocar diverticulite aguda perfurada.”

“Eu acho que os médicos também fizeram uma leitura política. Até por serem de Brasília, eles perceberam a bomba atômica que era a não posse do doutor Tancredo. Acabou gerando um desgastante e desnecessário jogo de insegurança, de suspeição, e abriu caminho para as lendas: o tiro, o envenenamento, esse monte de lendas”, observou o jornalista Antônio Brito, ex-porta-voz de Tancredo.

A verdade é que a morte de Tancredo Neves é coberta de mistérios que até hoje ninguém sabe explicar. Diz-se até que a jornalista Glória Maria, então na Globo, sabia demais e a emissora mandou ela depois ser correspondente no exterior.

Como Albimar Furtado foi escolhido para dirigir o Diário de Natal

Dentre as minhas memórias de jornalista vou me reportar a um fato que ocorreu no Diário de Natal. Nessa época ainda não pertencia aos quadros da redação do jornal, mas meu pai – Francisco das Chagas Barbosa – era diretor de Publicidade do matutino. Isso ocorreu há longos anos. Vamos ao fato:

Luiz Maria Alves que dirigiu o Diário de Natal por longos anos havia sido demitido do cargo de superintendente do jornal. Meu pai, Francisco das Chagas Barbosa, ocupando então o cargo de diretor de Publicidade do matutino tinha sido sondado pelos diretores à época dos Diários Associados Paulo Cabral e Edilson Varela para ocupar o cargo. Não aceitou preferindo ficar aonde estava. Cabral e Varela confiaram a meu pai escolher um nome para assumir a superintendência do DN.

Nessa época eu estava iniciando no jornalismo, acho até que trabalhava na redação da antiga Rádio Poti, salvo engano. Lembro como se fosse hoje. Num sábado fui jantar na casa dos meus pais. Encerrado o jantar eu e meu pai nos sentamos no terraço para conversar e trocar idéias como sempre fazemos. Foi quando ele se virou pra mim e pediu uma sugestão de nome para ocupar a superintendência do Diário. Lembrei então de Albimar Furtado que já havia trabalhado no jornal e que naquele momento ocupava o cargo de secretário de comunicação do governo Geraldo Melo. Meu pai ponderou dizendo ser difícil ele deixar o governo, mas acatou a sugestão.

Na segunda-feira mesmo meu pai tratou de procurar Luiz Fernando Melo, primo do governador Geraldo Melo e secretário estadual de Agricultura. Ele – meu pai – tinha uma amizade muito grande com Luiz Fernando, pois era casado com a filha de um grande amigo seu – Chico Lamas – já falecido – Inês Lamas, também já falecida. Acertou com Luiz Fernando um almoço. Nesse encontro meu pai sondou com Luiz Fernando a possibilidade de marcar um novo almoço desta vez com a participação de Albimar Furtado para fazer o convite de dirigir o Diário de Natal.

Agendado o almoço, meu pai, Luiz Fernando e Albimar Furtado sentaram-se à mesa para conversar. Feito o convite, Albimar aceitou, mas faltava ainda comunicar ao governador. Comunicado então a Geraldo Melo, Albimar deixou o governo para assumir a superintendência do Diário de Natal.

Passado alguns anos meu pai deixou o Diário de Natal, mas ninguém até hoje falou sobre isso. Talvez o jornalista e colunista Paulo Macedo, que trabalha no Diário pudesse um dia tocar no assunto. Ele, mais Luiz Fernando Melo, Jurema – secretária de meu pai na época – e o próprio Albimar Furtado sabem dessa história que estou contando e que sou testemunha. Para alguns Albimar Furtado assumiu a superintendência do DN por indicação de Geraldo Melo, o que não é verdade. Albimar foi ser diretor do DN graças a meu pai, que o convidou. Infelizmente a versão que alguns dão a esse fato é outra.

O dia em que o JH Primeira Edição revolucionou o jornalismo potiguar

Estava eu para começar a trabalhar como editor de Política do JH Primeira Edição em sua primeira fase, ainda como jornal tabloide. Isso era uma segunda-feira. O amigo e colega Flávio Marinho, que me convidara para assumir o seu lugar porque iria cuidar da sua empresa de assessoria, me pediu para ir até a redação do jornal um dia antes de assumir a editoria. Ele queria conversar comigo e apresentar os repórteres – Daniela Freire e Alex Viana. Eram por volta das 15h quando cheguei ao jornal. Marinho já estava me aguardando. Conversamos, ele me detalhou todo o esquema de trabalho da editoria, tipo assim hora do deadline – prazo para a entrega das matérias – e o fechamento da edição.

Quando acabamos de conversar ainda fiquei um pouco na redação conversando com Edilson Braga, então editor-geral do JH. Sobre à mesa de Braga alguns jornais. Um deles me despertou a atenção pela manchete. Era o jornal O Metropolitano, um tabloide semanal que circula na Grande Natal. A manchete tratava de uma denúncia do então vereador Ricardo Gurgel contra o então prefeito de Parnamirim Agnelo Alves. Falava sobre cobrança de propina por parte de auxiliares diretos do prefeito. Aquilo não só me despertou a atenção como também me antecipei já à pauta que iria passar no dia seguinte para a editoria de Política. Chamei Alex Viana e já pautei ele. Disse que procurasse o vereador Ricardo Gurgel e fizesse com ele uma grande entrevista sobre as denúncias que fizera contra a administração Agnelo Alves.

Na terça-feira, já como editor de Política do JH, Alex me disse que tinha falado com ele por telefone e marcara uma entrevista naquele mesmo dia. Solicitei um fotógrafo e lá foi Alex e o fotógrafo para aquela que seria uma entrevista que renderia uma série de outras denúncias. O JH Primeira Edição na quarta-feira deu Ibope. A procura pela edição naquele dia foi tão grande que esgotou nas bancas.

Agnelo Alves tentava apagar os incêndios provocados pelas denúncias do vereador Ricardo Gurgel de que havia cobrança de propina na administração de Parnamirim. Os auxiliares do prefeito chegaram a colocar os cargos à disposição para que o caso fosse apurado livre de qualquer pressão ou influência. Na Câmara Municipal de Parnamirim, a operação-abafa entrou em curso. Poucos acreditavam na instalação de uma CEI – Comissão Especial de Inquérito – para investigar o ‘propinoduto’ denunciado por Gurgel.

Enfim, o assunto rendeu por um longo período a ponto do prefeito Agnelo Alves proibir a leitura do JH Primeira Edição nas secretarias municipais. O jornal não entrava nas repartições para que os servidores não tivessem conhecimento do que estava ocorrendo. O JH iniciava ali um novo período na imprensa potiguar. O jornalismo investigativo. O repórter Alex Viana entrou fundo nas investigações que renderam excelentes matérias.

Não posso me queixar do curto período que passei no JH Primeira Edição – apenas dois anos –, mas com toda certeza participei de uma fase histórica do jornalismo potiguar. Como dizia Edilson Braga o JH revolucionou a maneira de fazer jornalismo no Rio Grande do Norte. Pena que essa fase acabou. As pressões econômicas e políticas foram muitas e a direção do jornal acabou se rendendo.

O dia em que Garibaldi deixou o governo e se despediu dos funcionários

Nesses meus mais de 30 anos de jornalista tive a oportunidade de presenciar muitas coisas que infelizmente não foram registrados pela imprensa. Uma das cenas que vi enquanto coordenador de imprensa do segundo governo Garibaldi no Rio Grande do Norte, e que me marcou para sempre, foi a despedida de Garibaldi quando deixou o governo em meados de 2002 para concorrer pela terceira vez ao Senado. Vamos ao fato:

Era uma quinta-feira, salvo engano. José Wilde, secretário de Comunicação do governo do estado me chama na sua sala. “Barbosa”, diz Wilde, “vamos acompanhar o governador e mandar fazer fotos que ele vai se despedir dos funcionários da Governadoria”. Recebido o recado chamo Ivanízio Ramos [fotógrafo] e vamos para a ante-sala do governador. Isso era por volta das 9h. Não demora muito Garibaldi acompanhado de alguns assessores e o secretário-chefe do Gabinete Civil, professor Luiz Eduardo Carneiro Costa, começa a percorrer sala por sala se despedindo dos funcionários. Em cada sala que entrava e falava que estava naquele momento deixando o governo era um chororô. Garibaldi era muito querido na Governadoria.

O hoje senador da República não deixou de ir nem na cantina da Governadoria para se despedir da dona do estabelecimento. Todos queriam abraçá-lo e desejar sorte na sua investida ao Senado. Alguns saíam até das salas para acompanhá-lo na sua andança pela Governadoria. Parecia até que já estava em campanha. Todos queriam tirar uma foto com o governador. Foi muito trabalho para Ivanízio.

Na saída da Governadoria, Fernandes, seu motorista até hoje, já o aguardava na Pajero do governo do estado ao pé da rampa. Garibaldi, em grande estilo, desceu a rampa da governadoria acompanhado pelos funcionários. Antes de entrar no carro outros abraços e muito choro. Ao voltarmos para a sala de imprensa, os jornalistas todos da assessoria fizeram questão de ir deixar o governador na rampa.

O dia em que tive que dar uma carteirada no guarda

Algumas de minhas memórias de redação chegam a ser hilárias. Uma delas aconteceu numa viagem à Recife para fazer a cobertura de uma reunião da Sudene pelo jornal Diário de Natal, na qual o ex-governador do Rio Grande do Norte, Geraldo Melo, iria participar. Fomos eu, o repórter fotográfico Eduardo Maia, e o motorista do jornal, Fernando o nome dele. Vamos ao fato:

Era uma sexta-feira, salvo engano. A reunião da Sudene começava às 9h, em Recife (PE). Saímos de Natal (RN) por volta de umas 6h. A média de uma viagem de carro de Natal a Recife é de três horas. O automóvel que nós fomos era de locadora, um Monza com cheiro de novo ainda e placa de Curitiba (PR).

Chegamos em Recife ainda deu tempo de tomar um café antes de seguirmos para a sede da Sudene. A reunião com todos os governadores do Nordeste acabou por volta das 14h. Antes de retornarmos a Natal fomos almoçar numa churrascaria na praia de Boa Viagem. Acabado o almoço, isso já era por volta das 16h, reabastecemos o carro e seguimos viagem.

Na Paraíba existe barreiras policiais montadas na BR-101, próximo a saída de João Pessoa, nos dois sentidos. Tanto no sentido de quem vai para Recife, quanto no sentido de quem vem para Natal. A operação denominada de Marruá, é realizada em conjunto entre as polícias Rodoviária, Federal e Civil daquele estado.

Pois muito bem: De Natal pra Recife não fomos parados. No entanto, na volta, isso já era pouco mais de 17h, um dos guardas que estava participando da operação resolveu nos parar. Era um policial civil. Essa operação já é conhecida por criar problemas para os motoristas no sentido de pegar alguns trocados. Em outras palavras: subornar.

O motorista do Diário chamava-se Fernando. Um negão de 1,80 metro. Devido ao sol forte ainda na estrada estávamos todos de óculos escuros. Eu, Eduardo Maia e o negão Fernando. O guarda viu o Monza novinho, com placas de Curitiba e três “suspeitos” dentro. Resolveu parar, claro!

Fernando baixa o vidro – o carro tinha ar – e o guarda pede os documentos. O policial então começa a olhar os documentos, vistoria o carro, retorna e começa a olhar pra dentro. Eduardo Maia estava atrás com a bolsa contendo os equipamentos fotográficos. Ele – o guarda – pede então as nossas identidades. Percebendo que aquele policial iria criar caso tratei logo de puxar a minha carteira de jornalista – da Fenarj – Federação Nacional de Jornalistas. Qual surpresa nossa o policial assim que viu o nome jornalista me devolveu a carteira e liberou a gente desejando uma boa viagem.

Quando saímos da barreira começamos a rir. É que como já disse, essa operação costuma pegar dinheiro dos motoristas. Eles sempre arrumam uma coisa para complicar. Mas, como eu dei a carteirada de jornalista e eles temem qualquer denúncia na imprensa a respeito de suborno, logo fomos liberados.

Como surgiu o nome do Hotel Barreira Roxa

No primeiro governo de José Agripino Maia no Rio Grande do Norte a Emproturn – Empresa de Promoções do Turismo do estado – promoveu um concurso público para a escolha do nome do hotel-escola que iria ser inaugurado na via Costeira. O hotel era administrado pelo governo.

Eu trabalhava na Rádio Poti junto com o saudoso Alderico Leandro. Sem ninguém saber Alderico se inscreveu no concurso. Pra nossa surpresa – nós que fazíamos a Rádio Poti – no dia em que saiu o resultado do concurso o nome escolhido por ele – Hotel-Escola Barreira Roxa – foi o ganhador. Segundo ele, que morava no bairro Mãe Luiza, próximo ao hotel, a sugestão desse nome se deu porque o local onde foi construído o empreendimento hoteleiro era conhecido por barreira roxa devido a areia avermelhada que formava uma barreira antigamente na via Costeira.

Um fato que pode até não ser relevante para muitos, mas pela pessoa que era Alderico Leandro, um jornalista humilde, mas acima de tudo amigo e um grande profissional, me lembrei dessa história e revolvi prestar uma homenagem a ele. Aprendi muito no jornalismo com Alderico. Foi ele que me encaminhou para o jornalismo político me colocando como repórter setorista da Rádio Poti para cobrir a Assembléia Legislativa. Alderico também criou um espaço nas edições do jornal da Poti aos sábados que ia ao ar às 6h30 chamado de Resenha da Assembléia, salvo engano, onde eu fazia comentários sobre os principais acontecimentos da semana no Legislativo estadual.

A pesquisa para prefeito de Natal que não foi publicada

Na condição de então assessor de imprensa do vereador Hermano Moraes e seguindo uma estratégia de campanha que já começava a ser montada, foi decidido em reunião que iniciáramos uma série de visitas as redações de jornais, rádios e emissoras de televisão para dar uma maior visibilidade a sua pré-candidatura a prefeito de Natal.

Num mesmo dia do mês de abril havíamos agendado então duas dessas visitas. A primeira ao Diário de Natal e a segunda a Tribuna do Norte. A visita ao Diário fora cancelada porque o então diretor-geral do jornal Albimar Furtado estava acometido de uma gripe. Seguimos então para a Tribuna onde a visita estava agendada para às 15h30.

Ao chegar à redação do jornal fomos recebido pelo diretor de redação Carlos Peixoto. O diretor-geral da TN, Ricardo Alves, ainda não havia chegado. Ficamos conversando com Peixoto por uma boa meia hora até Ricardo Alves chegar e nos chamar à sua sala. Eu e Hermano. Ao se iniciar a conversa Ricardo foi logo dizendo que tinha conhecimento de que Hermano estava empatado tecnicamente numa pesquisa encomendada pela Tribuna com o então também pré-candidato deputado Rogério Marinho, que fazia parte na época do PSB. Fomos tomados de surpresa.

Hermano pediu para ver a pesquisa. Ricardo abriu o seu computador e nos mostrou os números e pediu para que não divulgássemos nada naquele momento. Tomamos conhecimento de que nos dias 5 e 6 de abril, dias em que a pesquisa de intenção de voto para prefeito de Natal foi realizada foram ouvidos 700 entrevistados. O levantamento foi registrado no Tribunal Regional Eleitoral, mas segundo Ricardo Alves os patrocinadores, no caso a prefeitura de Natal e a Tribuna do Norte preferiram não divulgá-lo com a alegação de que na pesquisa constava o nome do deputado Luiz Almir (PSDB) que desistiu da sua candidatura dias antes a sua divulgação.

A novidade nessa pesquisa é que já existia um empate técnico entre o deputado federal Rogério Marinho, pré-candidato do PSB à sucessão municipal, e que vinha sempre em segundo lugar nas avaliações, e o vereador Hermano Moraes, pré-candidato do PMDB. A deputada estadual, Micarla de Souza, pré-candidata a prefeita de Natal pelo PV continuava liderando a corrida sucessória.

A pesquisa trabalhou com dois cenários: no primeiro, o deputado estadual Fernando Mineiro era incluído como pré-candidato do PT. Já no segundo, era a secretária municipal de Planejamento, Virgínia Ferreira, também como pré-candidata do PT. Em ambos cenários os candidatos petistas estavam em último lugar. O maior índice de rejeição continuava com o deputado Luiz Almir e o menor com o vereador Hermano Moraes.

Hermano acreditava que se a pesquisa tivesse sido divulgada a sua pré-candidatura poderia ganhar um novo fôlego naquele momento. Tentou em vão convencer as lideranças do PMDB de que era importante a divulgação dos números que davam um empate técnico e que, de certa forma, aquilo era uma novidade dentro do processo sucessório. O empate técnico era na casa dos dois dígitos, algo em torno de 14% a 15%.

O dia em que a candidatura de Hermano Moraes (PMDB) a prefeito de Natal foi implodida

Como assessor do vereador Hermano Moraes, pré-candidato do PMDB a prefeito de Natal (RN) nas eleições municipais de 2008, participei de uma reunião fechada da cúpula peemedebista acompanhando Moraes. A reunião, que fora convocada pelo próprio Hermano Moraes, na condição de presidente municipal da legenda em Natal aconteceu no diretório estadual do PMDB, na capital potiguar. Era uma sexta-feira. A expectativa era grande sobre o seu resultado tendo em vista que já se anunciava a implosão da candidatura peemedebista a prefeitura natalense para a formação de uma aliança entre o PMDB, PSB e PT de apoio a candidatura da petista deputada Fátima Bezerra, decidida em Brasília, numa conversa entre Henrique Eduardo Alves, a governadora Wilma de Faria (PSB) e o senador Garibaldi Alves (PMDB-RN).

No encontro, o senador Garibaldi Alves chegou a receber uma ligação da governadora Wilma de Faria (PSB), que lhe passou a informação que estava encontrando dificuldades dentro do seu partido para viabilizar a aliança, cujo socialistas deveriam indicar o vice na chapa encabeçada por Fátima Bezerra.

Henrique chegou a antecipar na reunião com os peemedebistas que Wilma iria dar uma coletiva para anunciar a formação da chapa envolvendo o PT, PSB e o apoio do PMDB e também dizer que já estaria firmado desde já a sua aliança com o senador Garibaldi visando as eleições de 2010, quando ela tentaria uma vaga no Senado e Garibaldi a sua reeleição.

Henrique também afirmou que já vinha conversando com a governadora sobre a possibilidade dessa aliança no estado desde maio de 2007, mas que as conversas só tomaram um rumo após a deflagração do processo sucessório em Natal em 2008. Garibaldi afirmou que não foi ele quem procurou a governadora nem o prefeito Carlos Eduardo Alves, então no PSB, para conversar sobre o assunto, mas sim os dois, Henrique e Wilma.

A reunião teve momentos de tensão com o então vereador Renato Dantas, que defendia a candidatura de Hermano Moraes, discutindo com o senador Garibaldi Alves – Garibaldi havia lançado o nome de Hermano para prefeito de Natal pelo PMDB. Dantas não entendia o recuo de Garibaldi e o questionava sobre a sua nova posição. Garibaldi tentou explicar dizendo que Henrique havia o convencido de que naquele momento o melhor para o PMDB era apoiar Fátima Bezerra.

Renato Dantas não satisfeito com a resposta se disse decepcionado e que a partir daquele momento não votaria mais nele [Garibaldi] para senador. Afirmou ainda que até aceitaria a retirada da candidatura de Hermano Moraes, desde que fosse Henrique Eduardo Alves o candidato a prefeito e que votaria em Henrique até para governador, mas diante da situação que havia sido criada não acompanharia a decisão do PMDB.

O dia em que ouvi uma história sobre o "poder do coronelismo" exercido pelos Jereissati no CE

Era nos ídos de 1950, salvo engano, segundo esse meu interlocutor. Ele trabalhava no BNB em Fortaleza (CE) e foi designado para compor uma comissão de sindicância para apurar supostas irregularidades na compra de maquinário para produção de algodão por produtores do Ceará. Carlos Jereissati, pai do atual senador tucano Tasso Jereissati, além de político era fazendeiro dos grandes no estado. Naquela época, para incentivar o cultivo do algodão, segundo este senhor aposentado, o BNB criou uma linha de crédito especial com juros mórnicos para a compra de máquinas para facilitar a produção algodoeira no Nordeste.

De acordo com o meu interlocutor, a denúncia se baseava num grande carregamento de máquinas que um navio estava trazendo da Inglaterra. A comissão de sindicância foi procurar saber para onde estava indo esse grande carregamento. Descobriu-se que fora toda para a fazenda dos Jereissati. A missão da comissão de sindicância era saber o por que de todo o carregamento estar indo pra lá se haviam vários outros produtores de algodão no Ceará e só Jereissati comprar todo o equipamento.

Pois muito bem: O senhor aposentado do Banco do Nordeste me disse que a comissão foi até a fazenda e chegando lá encontrou um grande galpão amontado de máquinas. Carlos Jereissati havia comprado o maquinário com juros baixos através do financiamento do banco estatal e nunca pagou um centavo. Acabou que a sindicância não deu em nada. O poder do coronelismo exercido pelos Jereissati no Ceará impediu o prosseguimento da sindicância.

Me reporto a esse fato tendo em vista o bate-boca entre os senadores Renan Calheiros (PMDB-AL) e Tasso Jereissati (PSDB-CE) na última quinta-feira no plenário do Senado, onde a palavra coronelismo foi pronunciada várias vezes. Daí me veio a lembrança essa história.

O dia em que o ex-ministro Aluizio Alves convidou o vereador Hermano Moraes para assumir o diretório municipal do PMDB de Natal

Era uma sexta-feira. Hermano Moraes tinha acabado de dar uma entrevista ao Bom Dia RN, programa jornalístico da InterTV/Cabugi falando da sua insatisfação no PSB e da possibilidade de mudar de partido, entre eles o PMDB. Estava em casa quando Hermano Moraes me ligou e disse que Aluizio havia chamado ele para conversar às 11h na sede do PMDB, e me pediu para acompanhá-lo. Tudo acertado, Hermano me pegou em casa e fomos no horário combinado para o diretório estadual do PMDB.

Aluizio Alves já tinha avisado a sua secretária que assim que Hermano chegasse mandasse ele entrar na sua sala. Foi o que fizemos. Quando começou a conversar Aluizio lembrou da sua vida pública – gostava muito de relembrar o passado – e em seguida foi direto ao assunto. Disse para Hermano que o admirava e queria que ele retornasse ao PMDB – o vereador iniciou sua carreira política no partido. Antes mesmo de Hermano responder foi logo dizendo que gostaria também que ele [Hermano] presidisse o diretório municipal do PMDB em Natal que estava abandonado.

Hermano ouviu tudo e disse que se sentia lisonjeado com o convite e que tinha um projeto político que era o de se candidatar a deputado federal. Aluizio afirmou então que podia contar com o seu apoio. Em seguida o vereador pediu um tempo pra pensar na proposta.

Já no carro após a reunião, Hermano me perguntou o que achava da proposta feita por Aluizio Alves. Disse-lhe que era uma oportunidade para se fortalecer politicamente já que iria dirigir um grande partido. Afirmei ainda que dentro do PSB ele não tinha mais ambiente tendo em vista os vários acontecimentos como a eleição para a presidência da Câmara Municipal de Natal em que era candidato mas não teve o apoio dos dirigentes socialistas, por exemplo. Depois sobre a composição da Mesa Diretora que também não fora ouvido pelo presidente eleito vereador Dickson Nasser, também do PSB. Enfim, vários fatores que fizeram com que ele se desgastasse dentro da legenda.

Passados alguns dias, Hermano Moraes decidiu aceitar o convite, que já havia sido reforçado pelo senador Garibaldi Alves (PMDB-RN) e pelo deputado Henrique Eduardo Alves (RN), presidente do diretório estadual do PMDB no Rio Grande do Norte.

A ficha de Hermano Moraes, por um pedido seu ao senador Garibaldi Alves, foi abonada pelo senador Pedro Simon (PMDB-RS), a quem o vereador admira muito. O abono foi feito no plenário do Senado em Brasília. Dias depois aconteceu a filiação ao PMDB na Câmara Municipal de Natal numa solenidade muito concorrida, e até hoje Hermano Moraes permanece como presidente do diretório municipal do partido.

O dia em que fui convidado para assumir a chefia da EBN no RN

Eu era repórter da EBN [Empresa Brasileira de Notícias] no Rio Grande do Norte. Nessa época, e aí vai pelos ídos de 1985, salvo engano, o chefe da sucursal da EBN era o jornalista Roberto Machado. O jornalista Albimar Furtado, que também já havia sido chefe da sucursal da empresa tinha assumido o cargo de secretário de Comunicação do governo Geraldo Melo, então no PMDB, e convidou Machado para ser o coordenador de comunicação. Roberto Machado aceitou o convite, mas tinha que deixar a chefia da sucursal da EBN.

Estava de férias veraneando na praia de Búzios, litoral sul do Rio Grande do Norte. Era janeiro. Machado manda um recado por um irmão meu dizendo que queria falar urgentemente comigo. Meu irmão adiantou o assunto. Isso era uma sexta-feira. Na segunda-feira pela manhã peguei o carro e fui direto me encontrar com Roberto Machado no escritório da EBN, que funcionava em quatro salas alugadas no Edifício Cidade do Natal, centro da capital potiguar. Quando cheguei lá Machado já estava me esperando e foi direto ao assunto. Ele me disse que não perderia dinheiro mesmo deixando a chefia da sucursal e que seria bom para o meu currículo profissional aceitar ser o chefe da EBN no RN, além do bom salário. Não pestanejei. Aceitei de imediato o convite.

Assumi a chefia da sucursal da EBN que depois foi transformada na Radiobrás onde permaneci como chefe durante algum tempo. Em seguida fiquei apenas como correspondente da empresa, já que a sucursal foi extinta no governo Color de Melo. Pouco tempo depois voltei a trabalhar com Roberto Machado no Diário de Natal, onde fui também seu sub-editor, já que ele era editor do caderno Brasil.

O dia em que eu e meus colegas de imprensa nos sentimos “humilhados”

Era correspondente da Radiobrás no Rio Grande do Norte. Eu, e mais uma equipe de 10 profissionais da empresa, incluindo aí jornalistas da Agência Brasil e da Rádio Nacional, além de técnicos da emissora, que faziam parte do complexo Radiobrás, e que vieram a Natal para a cobertura da chegada do Papa, estávamos no aeroporto internacional Augusto Severo, em Parnamirim, distante cerca de 10 quilômetros da capital potiguar, aguardando a chegada do pontífice. Eram por volta das 17h30 quando o Junco da Alitalia, aterrizou.

Os jornalistas, como sempre em ocasiões como essa, ficaram dentro de um “curral” para evitar uma aproximação maior com o Papa João Paulo II. Eram muitos os repórteres. Tinha jornalista dos jornais locais e dos principais diários e emissoras de televisão do país. Os repórteres fotográficos dos grandes jornais manuseavam modernas máquinas com lentes de longo alcance, enquanto os daqui portavam máquinas já ultrapassadas.

Pois muito bem: Quando o avião do Papa taxou na pista da Base Aérea de Parnamirim, e o Papa João Paulo II desceu e beijou o solo potiguar – era um costume seu beijar o solo das terras que visitava – os flashes começaram a disparar. As autoridades brasileiras perfiladas esperavam os cumprimentos do Papa. Um grande tapete vermelho foi estendido desde a escada da aeronave até onde estavam localizadas as autoridades. Quando olho ao lado lá está o potiguar Emanuel Neri, repórter da Folha de S. Paulo, na época, sentado no chão e com o seu laptop já passando as informações para a Redação do jornal em São Paulo. Aquilo foi “humilhante” pra gente aqui em Natal, pois não tínhamos ainda esse equipamento que hoje facilita a vida dos repórteres principalmente numa cobertura desse tipo. Pra se ter idéia eu ainda usava um telex instalado em meu apartamento.

Considero essa uma passagem engraçada porque o comentário no dia seguinte era um só. A “humilhação” que tanto os repórteres de texto como os repórteres fotográficos dos jornais em Natal haviam passado diante do notebook de Emanuel Neri e das potentes máquinas fotográficas dos fotógrafos dos jornais como a Folha, o Estadão, O Globo, que vieram fazer a cobertura da chegada do Papa a Natal.

Detalhe: Hoje Emanuel Neri, que é natural de São Miguel do Gostoso, litoral norte do Rio Grande do Norte, mantém um site na rede mundial sobre Gostoso. Quem quiser acessar é só ir no endereço <http://www.praiadogostoso.com/colunas/emanuelneri/coluna200603.htm>

O dia em que recusei uma proposta para ser editor de Política da Tribuna do Norte

Corria o ano de 1990, salvo engano. Era um ano de eleições para governador. Os Alves – família Alves – apoiavam a candidatura de Lavoisier Maia que havia rompido com o primo José Agripino Maia ao governo do Rio Grande do Norte. Nessa mesma eleição existiam outros dois candidatos: Salomão Gurgel, do PT, e outro que não me vem a lembrança.

A campanha estava acirrada. Agripino que já havia sido eleito governador em 1982 contra exatamente o ex-ministro Aluizio Alves não aceitava o rompimento e a candidatura do primo e ainda por cima saindo ele [Lavô] com o apoio de seus maiores adversários na época – Aluizio, Garibaldi e Henrique Eduardo Alves.

Era repórter de Política do Diário. Um dia me encontrei com o colega e amigo Edilson Braga que era editor-geral da Tribuna do Norte. Começamos a conversar e Braga me fez um convite para ser editor de Política do jornal. Disse a ele que aceitava mas primeiro precisava discutir as bases do contrato com a direção da TN. Edilson Braga combinou comigo de agendar uma reunião.

No dia seguinte à conversa, Braga me ligou e disse que José Gobat – já falecido – queria conversar comigo. Marcamos a conversa para uma sexta-feira à tarde. Cheguei na Tribuna e fui direto para a redação me encontrar com Braga que solicitou à telefonista para informar a José Gobat que eu já havia chegado. Enquanto esperávamos ser chamado batemos um papo e tomamos um cafezinho.

José Gobat chamou a gente à sala dele. Quando chegamos lá estavam além de Gobat, Ricardo Alves e José Roberto. Os três faziam parte da direção do jornal. Começamos a conversar e Braga explicou que eu era repórter do DN, elogiou o meu trabalho e deixou os três à vontade para fazer a proposta de trabalho. José Gobat disse logo o valor do salário. Um pouco mais do que eu recebia como repórter do Diário de Natal. Como se tratava de um ano de eleição e percebia que a Tribuna só falava praticamente de dois candidatos – Lavosier, que eles apoiavam, e José Agripino para bater nele – indaguei se era possível também a gente levar ao conhecimento do leitor-eleitor que existiam naquela campanha outros dois candidatos e que era necessário também se falar neles.

José Gobat com a sua sinceridade disse logo: Mas o jornal já dá a agenda desses outros candidatos. No entendimento dele e da direção do jornal os outros candidatos não tinham importância. Eram meros figurantes na campanha eleitoral. Do que eu discordava. Acabou a conversa e fiquei de dar uma resposta na segunda-feira.

No final de semana aproveitei para analisar se valeria a pena ser editor de Política da Tribuna. Pensei direito e cheguei a conclusão que naquele momento não valia. Iria ser editor de Política sob censura. O que iria ganhar era

um pouco mais do que ganhava como repórter do Diário. Com um detalhe: Sem a responsabilidade de ser editor de Política de um jornal comprometido com uma candidatura. Na segunda-feira liguei para Edilson Braga, expliquei a ele a minha situação e agradei o convite. Braga entendeu a minha posição. Anos depois trabalhamos juntos na primeira fase do JH Primeira Edição. Uma experiência válida não só pra mim como para o próprio Braga, que costumava dizer que o JH tinha iniciado uma nova fase no jornalismo potiguar. Infelizmente o nosso trabalho não teve continuidade.

Um detalhe que não posso deixar de falar. Embora José Gobat não levasse em consideração as outras candidaturas, Salomão Gurgel foi quem acabou provocando o sengudo turno da eleição. Me lembro muito bem que a manchete do Diário de Natal após a realização do pleito e a contagem dos votos no primeiro turno no dia seguinte foi: “PT leva lavô ao segundo turno“. O que de certa forma retratou a importância da candidatura petista naquela eleição, quando Salomão Gurgel obteve 107 mil votos.

O dia em que Moacyr Duarte abriu as portas do seu haras para uma reportagem

Dentre as memórias como jornalista tenho como uma de minhas grandes recordações uma reportagem que fiz quando era editor de Economia do jornal Diário de Natal e editava uma página sobre a agropecuária do Rio Grande do Norte. Como existe uma feira agropecuária tradicional no estado – a Festa do Boi – realizada sempre em outubro, decidi fazer um caderno especial sobre o evento mostrando as potencialidades da pecuária potiguar. Vamos ao fato:

Nessa época fiz uma amizade muito grande com o então presidente da Faern [Federação da Agricultura do Estado do Rio Grande do Norte] Moacyr Duarte, já falecido. Um homem fino, discreto e arredio a badalações. Dificilmente concedia entrevistas. Embora agropecuarista foi suplente do saudoso senador Dinarte Mariz, tendo assumido o cargo com a passagem do titular. Foi também deputado estadual. Mas sua vida política foi anterior ao contar com a sua aproximação.

Moacyr Duarte era uma fonte de informações. Semanalmente ligava pra ele para saber das novidades no setor agropecuário. Com o propósito de fazer o caderno especial sobre a Festa do Boi, e sabedor que possuía um haras, propus a ele fazer uma matéria sobre a sua criação de cavalos árabes. Sabia da sua fama de não querer dar entrevistas. Mas arrisquei. Resultado: Moacyr Duarte aceitou.

Pra minha surpresa foi logo dizendo: “Barbosa, vou abrir meu haras porque é pra você. Uma vez uma emissora de televisão tentou fazer uma matéria sobre o haras e não aceitei. Mas como é pra você eu abro uma exceção”. Aquilo me deixou lisonjeado, ainda mais partindo de uma pessoa respeitada como era Moacyr Duarte.

Agendamos a reportagem para um sábado de amanhã. O haras de Moacyr Duarte ficava entre os municípios de Macaíba e São Gonçalo do Amarante, na Grande Natal. Não sei se a família manteve após sua morte. Por volta das 9h chegamos ao haras, eu e o repórter fotográfico Carlos Silva. Eu nunca tinha entrado num haras. Fiquei encantado com o que vi. Os cavalos, todos eles, pareciam aqueles que a gente vê no cinema. Quando chegamos estavam nas baias. Pedi a Moacyr Duarte para tirar fotos de alguns deles. Ele prontamente chamou o cocheiro e mandou que preparasse o mais bonito deles. Carlos Silva começou então a clicar sua máquina e o resultado foi fotos belíssimas.

Após a visita as baias Moacyr Duarte foi nos mostrar o resto do haras. Grande e muito bem cuidado. Carlos Silva novamente aproveitou para tirar fotos. Em seguida nos levou ao casarão para fazermos um lanche e voltou a dizer que aquela era uma oportunidade rara no jornalismo do Rio Grande do Norte. Ninguém nunca havia feito uma reportagem sobre o seu haras porque a ele não interessava. Dias depois com a publicação da matéria Moacyr Duarte me ligou parabenizando. Pena não ter nos meus arquivos as fotos.

Lembro com saudades do “Nossa Voz”, um jornal laboratório

Era foca – no jargão jornalístico é o repórter estagiário – e cursava Jornalismo na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Na época existia um jornal laboratório chamado “Nossa Voz”, criado pelos professores e jornalistas Rogério Cadengue – já falecido – e Edilson Braga, hoje ocupando a chefia de reportagem do jornal Tribuna do Norte.

Foi no “Nossa Voz” onde escrevi os primeiros textos jornalísticos. A pauta era feita por Cadengue e Braga, mas todos podiam sugerir também. A coisa funcionava democraticamente. Não era obrigado todos os alunos participar desse laboratório. Quem queria era só dar o nome e a pauta lhe era entregue. Foi uma experiência válida, pois no “Nossa Voz” a gente aprendeu na prática como fazer uma reportagem. Sem dúvida, posso dizer que tirei muito proveito desse jornal laboratório.

Lembro que colegas como João Maria Medeiros, Adriano de Souza, Ciro Pedroza, Moura Neto, Gérson de Castro, só pra citar alguns chegaram a participar desse projeto. Não sei por que o “Nossa Voz” acabou tendo um fim, mas durante o período em que cursei Jornalismo ele fez grande sucesso.

Me lembrei do “Nossa Voz” porque quando se discute se a exigência da formação em Jornalismo é válida ou não, pra mim é válida sim. Um jornal laboratório é prova maior do que estou dizendo. O “Nossa Voz”, por exemplo, levou a que muitos jornalistas hoje no Rio Grande do Norte tivessem aprimorado seus textos escrevendo para o jornal laboratório.

As pautas não diziam respeito só a Universidade. Eram pautas feitas também para noticiar o dia-a-dia da cidade e até do estado. O “Nossa Voz” era mensal, salvo engano. Na época não existia ainda computador. Era a velha máquina de escrever e lembro que como eram poucas, a disputa era grande para pegar uma das Olivetti ou Remington à disposição. Quando o jornal saía todo mundo queria um exemplar principalmente aqueles que tinham escrito alguma coisa.

O “Nossa Voz” é uma das boas lembranças que tenho dos tempos de faculdade. Pena não ter guardado nenhum exemplar, mas com toda certeza foi uma experiência gratificante que tive como aluno de Jornalismo.

O dia em que decidi fazer uma pauta extra e rendeu manchete

Eleições para governador do Rio Grande do Norte de 1990. O petista Salomão Gurgel, hoje prefeito da cidade de Janduís, interior do estado, concorria ao governo. Meu colega e amigo Luciano Herbert era o editor de Política do Diário de Natal. Me escalou para cobrir a campanha do petista. A minha missão diária era acompanhar o candidato. Numa sexta-feira a agenda de Salomão se resumia a uma visita ao pessoal do MST que havia invadido a fazenda Marajó localizada no município de João Câmara, região do Mato Grande do estado, cerca de uns 45 quilômetros de Natal. Estava acompanhado do repórter fotográfico Carlos Silva, Carlinhos como é mais conhecido.

Saímos de Natal acompanhando o candidato e a sua comitiva no carro da reportagem por volta das 14h30. Chegamos na fazenda Marajó e fomos recepcionados pelos líderes do movimento. Salomão conversou com o pessoal, fez fotos e filmagens para a campanha a ser levado ao ar no programa eleitoral do candidato e conversou com as lideranças sobre a situação deles. O MST considerava a fazenda não-produtiva daí a invasão. O Incra [Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária] tinha uma outra interpretação.

Fiz o factual sobre a presença do candidato petista numa fazenda invadida pelo MST. Não tinha muito o que falar. Foi então que vendo que Carlinhos estava clicando os sem-terra decidi fazer uma matéria extra-pauta. Comecei a ouvi-los. Suas condições – precárias – seus pleitos, enfim, tudo o que pudesse arrancar deles. As queixas eram muitas principalmente com relação ao Incra e me disseram que dali não arredavam o pé enquanto não fosse dada uma solução satisfatória a eles no caso.

Com o material que tinha em mãos, mais as fotos que Carlinhos produzira achei também – e como manda o bom jornalismo – ouvir o outro lado. Ou seja, a versão do Incra sobre a invasão. Retornamos à Natal e chegamos por volta das 17h30. Fui direto para a superintendência do órgão. Carlinhos foi pra Redação do jornal. Lá chegando me identifiquei e disse a secretária do superintendente – Roberto Tolentino, salvo engano era o nome dele – que queria uma entrevista. A secretária me perguntou de pronto qual seria o assunto. Respondi: A invasão da fazenda Marajó pelos sem-terra. Ela mandou que aguardasse que iria falar com o superintendente.

Não demorou muito ela retornou e disse: Pode entrar ele vai lhe receber. Tal a minha surpresa foi quando o superintendente pediu para sua secretária acompanhar a entrevista. De certo pensando que poderia deturpar suas declarações e escrever o que não devia na matéria. Nesse dia infelizmente não estava com o gravador. Aliás desteto gravador pois o trabalho de tirar a matéria depois é um saco. Mas pelo menos tem um lado positivo. A gravação é um documento que o repórter tem em mãos caso alguém questione o que foi escrito.

Começo a entrevista e o superintendente do Incra no Rio Grande do Norte foi logo dizendo: “Os sem-terra vão sair nem que seja na base da porrada na segunda-feira. Vou chamar a Polícia e botar eles pra fora”. Anotei suas declarações e tratei logo de colocar um asterisco ao lado – é assim que faço quando estou entrevistando alguém

e entendo que aquela declaração pode ser o lead da matéria. O restante da entrevista só serviu mais para encher linguiça. Satisfeito corri pra redação.

Chegando lá Luciano pergunta se a visita de Salomão aos sem-terra rendeu alguma coisa. Falei pra ele que do ponto de vista político só o factual, mas que tinha uma outra matéria-extra pauta que servia mais para a editoria de Cidades. Ele disse para falar com Serejo [Vicente Serejo] editor-geral do Diário nessa época. Fui direto pra falar com ele. Serejo me indagou se alguém mais tinha essa entrevista. Disse-lhe que não. Só eu acompanhei Salomão à Fazenda Marajó. Ele afirmou então que queria a matéria para ser publicada em O Poti, no domingo.

Fui pra minha Remington – nessa época não tinha computador tudo era feito na máquina de escrever – e comecei logo a fazer a matéria de política. Luciano tinha pressa em editar o material que sairia no sábado. Claro, evitei falar sobre as conversas que tive com os sem-terra. Acabei o material de política e me dediquei a fazer a matéria sobre a invasão acompanhada das declarações do superintendente do Incra.

Matéria produzida, pedi para ver as fotos, já reveladas, com Carlinhos. Ele me mostrou uma foto com os sem-terra perfilados e com foices e facões nas mãos apontando para o alto. Como que num ritual de guerra. Eram homens, mulheres e crianças. Uma foto digna de primeira página tal qual foi acompanhada de uma manchete que dizia mais ou menos assim: Incra vai retirar sem-terra nem que seja na base da porrada. Resultado: O superintendente do órgão convocou uma coletiva no dia seguinte para desmentir o que havia me dito. A coletiva foi pela manhã e o Diário mandou um repórter da editoria de cidades.

Quando chego na Redação na segunda-feira à tarde para trabalhar, Serejo me chama e fala sobre a entrevista do superintendente do Incra. Me questiona sobre a matéria e diz que o Tolentino ainda mandou uma carta ao jornal. Puto da vida porque não tinha inventado nada, mas que não poderia provar pois a conversa não havia sido gravada, perguntei a Serejo se também poderia escrever uma nota. Ele disse que sim, mas que iria ser publicada junto com a carta do superintendente do Incra. Concordei.

Voltei a Remington e mandei pau. Disse que jamais seria ingênuo de inventar qualquer palavra que não fosse a do superintendente do Incra com relação a mandar os sem-terra saírem da fazenda nem que fosse na base da porrada. Até porque ele pediu a sua secretária para acompanhar a entrevista. Como iria inventar palavras sua se ele tinha alguém para testemunhar a seu favor? Indaguei isso na nota.

A veracidade do que disse na matéria era tão grande que até hoje ninguém do Incra respondeu a minha nota. Ficou o dito pelo não dito. O superintendente do Incra sabia que estava faltando com a verdade quando convocou a coletiva para desmentir o que havia me dito, e com testemunha. Infelizmente o fotógrafo do jornal tinha ido direto para a redação e não me acompanhou na dita entrevista. Mas são coisas que acontecem no jornalismo.

O dia em que recusei o convite de Wilde para trabalhar na campanha de Garibaldi ao Senado

Nas eleições de 1990 o hoje senador Garibaldi Alves (PMDB-RN) concorria a uma cadeira no Senado pela primeira vez. Garibaldi deixara o mandato de prefeito de Natal em 1988. Eleito senador da República para o período de 1º de fevereiro de 1991 a 31 de dezembro de 1998, renunciou ao mandato em dezembro de 1994 para assumir o cargo de governador do Rio Grande do Norte, também pela primeira vez, vindo depois a ser reeleito.

Pois muito bem: Pouca gente sabe, talvez só eu e Wilde, certamente, mas na sua primeira eleição para o Senado, José Wilde de Oliveira Cabral, seu assessor de imprensa, me convidou para trabalhar na campanha do peemedebista. Conhecia Garibaldi desde os tempos em que ele era deputado estadual e eu repórter setorista cobrindo a Assembleia Legislativa pelo Diário de Natal.

Conhecedor do meu trabalho Wilde me convidou então para trabalhar na campanha de Garibaldi para o Senado. Discutimos a proposta, mas não chegamos a um acordo em termos de cifras. Continuei então como repórter do DN e só depois de alguns anos, já no segundo governo Garibaldi, é que viria a trabalhar com Wilde. Fui convidado para ser o chefe de reportagem da assessoria de imprensa do governo. Posteriormente, com a saída de Rubens Lemos Filho da coordenação da assessoria assumi o seu lugar.

O dia em que fui demitido do jornal pelo celular

Era editor de Política do jornal JH Primeira Edição. Me orgulhava de fazer parte de um projeto ousado do professor de “Ética”, jornalista e empresário Marcos Aurélio de Sá. Era uma equipe pequena tendo a frente o colega e amigo Edilson Braga como editor geral do matutino, que em princípio circulava em tamanho tabloide. Braga sempre dizia que o JH Primeira Edição havia revolucionado o jornalismo potiguar. E tinha razão. Fazíamos um jornalismo diferenciado. Ah, não podia deixar de citar o colega e amigo João Ricardo, que também fazia parte dessa equipe.

Lembro que quando fui sondado pelo amigo jornalista Flávio Marinho para ocupar o seu lugar na editoria de Política do JH, logo no primeiro mês do jornal – Marinho estava deixando a editoria para se dedicar a sua empresa de assessoria – não titubiei. Achei que era mais um desafio em minha carreira. Apostei e deu certo.

No primeiro dia de trabalho me reuni com os jovens repórteres Daniela Freire e Alex Viana e disse-lhes: Vamos fazer um jornalismo político diferente. Não quero nada do disse-me-disse. Ou seja: Alguém faz uma denúncia contra outra pessoa e só se repercute com o denunciado no outro dia. Não, a proposta era fazer um jornalismo investigativo e sempre ouvindo as pessoas envolvidas. Deu certo.

O JH Primeira Edição criou credibilidade. Ouvi muitos elogios sobre a forma editorial do matutino ser conduzido. Isso me lisonjeava. Marcos Aurélio no princípio deu carta-branca para se colocar a minha proposta em prática, do jornalismo investigativo, desde que o jornal não assumisse as denúncias. Sempre na boca de alguém e se possível com documentação. Eram raras as matérias que não eram publicadas com fac-símile de documentos conseguidos pelos repórteres nas matérias investigativas. Durante o meu período como editor de Política nunca fomos desmentidos. Questionados sim, por interesses contrariados, mas desmentidos nunca.

Pois muito bem: Um belo dia, uma sexta-feira ainda pela manhã, por volta das 8h30, o meu celular toca. Era o professor de “Ética no Jornalismo”, da UFRN, e dono do jornal, Marcos Aurélio. Foi curto e grosso: “Barbosa a partir de hoje seus serviços não interessam mais ao jornal”. Ponderei, quis saber o motivo, e ele disse que eu estava colocando o seu jornal numa situação difícil. Declarou que já tinha me alertado sobre isso. Marcos Aurélio se referia as matérias contra o governo Wilma que o JH vinha publicando com frequência. Disse-lhe que fazia jornalismo sério sem chapa-branca e que em nenhum momento o jornal dele tinha sido desmentido e que, portanto, acreditava que estava fazendo um bom trabalho. Não adiantou. Cumprí aviso prévio e acabei saindo mesmo do jornal.

O problema que levou a minha demissão foram as pressões políticas e econômicas. Disso não tenho dúvida. Infelizmente fazer jornalismo sério em qualquer lugar do mundo tem dessas coisas. Quando não se agrada aos poderosos de plantão ou você se submete as regras ou cai fora. E como costume dizer que vendo a minha mão-de-obra jamais a minha consciência, perdi o emprego. Mas saí de cabeça erguida! Pouco tempo depois o JH Primeira Edição deixou de existir.

Miranda Sá, um jornalista bonachão que sabe curtir a vida

Conheci Miranda Sá ainda no início da minha carreira profissional como jornalista. Fui apresentado a ele na Assessoria de Comunicação do então governo José Agripino Maia. Era o primeiro governo de Agripino no Rio Grande do Norte. Isso em meados dos anos 1980. João Batista Machado – Machadinho – era o secretário de Comunicação e Miranda Sá o coordenador de imprensa. Fui recomendado por Machadinho que por ser amigo do meu pai mandou avisar a Miranda que se tratava do filho de Barbosa – Francisco das Chagas Barbosa é o nome do meu velho e querido pai (in memoriam).

Pois muito bem: Ao chegar na Assessoria de Comunicação, que funcionava ao lado da antiga sede do Tribunal Regional Eleitoral, próximo a parada metropolitana, centro de Natal, me encaminharam para a sala de Miranda Sá. Não tive trabalho nem de bater a porta, pois estava aberta. Dei boa tarde e me apresentei. Miranda estava com as pernas sobre a mesa lendo um jornal. Cabelos grisalhos, óculos na ponta do nariz, baixou o jornal e foi logo dizendo: Ah, você é o filho de Barbosinha, grande vereador o seu pai, meu amigo! Percebi logo que estava equivocado. Meu pai era diretor comercial do Diário de Natal e não tinha nada com a política.

Disse-lhe que não era filho do vereador e sim de Barbosa que trabalhava no DN. Miranda caiu na gargalhada e se desculpou. Nesse dia batemos um bom papo. Eu que já havia morado no Rio de Janeiro assim como ele começamos a falar sobre a Cidade Maravilhosa. Flamengo como eu, aí foi que o papo rolou frouxo. Desde esse dia passei a admirar Miranda Sá.

Lembro que certa vez pegamos uma discussão – no bom sentido – sobre política. Brizola estava em campanha para presidente em visita a Natal. Era repórter nessa época do Diário de Natal e fui escalado para a cobertura. Lula também era candidato. Por simpatizar com a candidatura petista, já naquela época, fiz algumas críticas ao candidato Brizola, o que Miranda Sá jamais aceitou. Mas tudo numa discussão civilizada.

Numa das últimas vezes que tivemos contato foi quando eu era ainda editor de Política do JH Primeira Edição. Miranda costumava aparecer por lá para bater-papo com Edilson Braga – editor geral –, e pegava altas brigas com Ailton Medeiros, que era o editor de Cultura do jornal. Às vezes entrava na discussão. Era até covardia. Miranda sozinho defendendo o brizolismo e Braga, Medeiros e eu o lulismo. Falar de Miranda Sá me traz boas lembranças do jornalismo.

Bar do Lourival, uma espécie de sucursal do Diário de Natal

O Bar do Lourival nos meus bons tempos de Diário de Natal era uma espécie de sucursal do jornal. Não que eu frequentasse, mas grande parte da redação era de praxe marcar o ponto no final do expediente do sábado. Normalmente por volta das 13h. Era sagrado. Lá estavam Jurandy Nóbrega, Santana, Eneas Peixoto, Pepe dos Santos, entre outros.

Mas houve época em que outro grupo de jornalistas, também do DN, criou a Confraria do Cuxá, um bar sofisticado no Hotel Residence. Da confraria faziam parte Ricardo Rosado, Aloisio Lacerda, Margareth (Meg Rose), Gérson de Castro, e alguns mais. Não que fosse pra competir com o Bar do Lourival, mas porque ali às vezes se levava alguns ilustres convidados para “entrevistas”.

Não fazia parte nem da turma do Lourival nem do Cuxá. Como gosto de bater uma pelada aos sábados optava por outra programação, que depois também passou ao calendário dos jornalistas do Diário, como Edmo Sinedino, Carlos Magno, Luciano Kleiber, Marcos Alexandre, Eduardo Maia e Carlos Silva (esses dois fotógrafos do jornal), entre outros “craques” da bola da Redação do DN. A cerveja, nesse caso, ficava pra depois da pelada.

Mas o que marcou mesmo foi o Bar do Lourival principalmente na década de 1980. Jurandy Nóbrega era uma espécie de “mestre de cerimônia” da turma de jornalistas que frequentava Lourival. Mesmo durante a semana quando saía da Redação batia o ponto no Lourival. Hoje, certamente com a saída do Diário de Natal da Ladeira do Poti, o Bar do Lourival perdeu o seu charme sem a presença de jornalistas, pois que O Diário de Natal e o Bar do Lourival se identificavam.

Jornalista tem que ser crítico desde a pergunta, já dizia Alfredo Lobo

Trabalhava eu na redação do jornal Diário de Natal. O Diretor de Redação era Alfredo Lobo, um jornalista que veio do Correio Braziliense para implementar as reformas que na época o DN estava passando, desde o seu feitio gráfico até a sua linha editorial. Lobo, que já faleceu, era uma dessas pessoas muito exigente. Aprendi muito com ele, apesar de algumas divergências.

Sisudo, Alfredo Lobo costumava dizer que jornalista não pode ficar levantando a bola do entrevistado para ele cortar com as frases mais convenientes. Jornalista tem que ser crítico desde a pergunta. É verdade. Nesse tempo que trabalhei com Lobo – cerca de dois anos – aprendi isso. O repórter ao ir para uma entrevista tem que conhecer profundamente o assunto a ser abordado para na primeira resposta do entrevistado poder questionar, se for o caso. Não se pode aceitar de pronto o que o entrevistado responde. Do contrário é melhor ficar na redação aguardando um release que já vem com a matéria pronta.

Dessas minhas lembranças de redação essa lição de Alfredo Lobo me acompanha até hoje. Me considero um jornalista questionador. Na profissão de repórter a gente tem que está pronto para os questionamentos. Não se pode ficar satisfeito com a primeira resposta do entrevistado.

O professor e jornalista Rogério Cadengue era acima de tudo um Repórter

Nesse meu baú de memórias tem algumas passagens que não poderia deixar de relatar aos leitores. Uma delas está ligada diretamente ao professor e jornalista Rogério Cadengue – já falecido – por quem tinha uma grande admiração como professor e como profissional de jornalismo.

Cadengue como assim o chamávamos era uma dessas pessoas que tinha um papo para varar a noite. Como professor era amigo dos seus alunos e como jornalista era um companheiro para todas as horas.

Me lembro que em Natal tinha um bar chamado Tirraguso. Era de um argentino e ficava alí no pé da ladeira do sol na Ponta do Morcego. Eu e o amigo e colega João Maria Medeiros estávamos certa vez por lá e chegou Rogério Cadengue.

Como estudantes o dinheiro da gente só dava para tomar umas três cervejas. O tira-gosto era amendoim torrado, daqueles vendidos em saquinho. Cadengue sentou-se à mesa para bater-papo com a gente e tomar uma geladinha.

Repentinamente houve um acidente próximo ao Tirraguso. Cadengue que era professor da UFRN e trabalhava no jornal Tribuna do Norte não contou conversa. Saiu da mesa e foi na direção do acidente. Felizmente não houve vítima fatal. Mesmo assim algumas pessoas saíram muito machucadas. Após conseguir todas as informações disse que ia ao jornal tentar colocar a matéria para sair no dia seguinte. Isso já era por volta de umas 9 horas. Fomos – eu e João Maria – com ele até a Tribuna.

O deputado que não perdia a classe, mesmo às vezes estando errado

Paulo de Tarso Fernandes era desses políticos que, digamos, hoje não se faz mais. Homem educado, sempre solícito à imprensa, debatia os assuntos na Assembleia Legislativa em alto nível. Aliás, uma Casa em que se tinha também um deputado do quilate de um Márcio Marinho os debates só poderiam ser de alto nível.

Me lembro bem. Estava no início da carreira de repórter político. Quando Paulo de Tarso, então líder da oposição ao governo José Agripino pedia a palavra, o plenário ficava em silêncio. As galerias como que extasiadas observavam a fala do parlamentar. Mas o bom mesmo era o debate entre ele e Márcio Marinho. Dava gosto presenciar. Quem foi repórter setorista da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Norte naquela época – meados dos anos 1980 – deve lembrar muito bem do que estou falando.

Paulo de Tarso liderava uma bancada onde se tinha também Garibaldi Alves Filho. Todos lhe ouviam. Aliás, Paulo de Tarso foi um dos principais consultores do então senador Garibaldi Alves Filho. Qualquer questão na área jurídica Garibaldi recorria ao seu ex-líder. E não é pra menos. Conhecedor profundo da legislação eleitoral Paulo de Tarso domina o assunto.

As entrevistas com Paulo de Tarso eram sempre boas. Homem de fala fácil e também um grande conhecedor das causas regimentais, qualquer dúvida que os repórteres tinham recorriam logo a ele. Certamente Paulo de Tarso junto com Márcio Marinho foram dois deputados que deixaram saudades na Assembleia Legislativa potiguar.

O dia em que o repórter ouviu um depoimento sobre um escândalo pela janela do MP

O JH Primeira Edição vinha dando ampla cobertura ao escândalo da Fundação José Augusto – Fundação de Cultura do governo do Rio Grande do Norte – que pagou R\$ 1,2 milhão para FC Produções e Eventos sem, no entanto, a empresa ter realizado os shows contratados para carnavais em prefeituras do interior, caso que ficou conhecido como Foliaduto.

Foram denunciados pelo Ministério Público Estadual o empresário Fabiano César Lima da Motta, proprietário da FC Produções; José Antônio Pinheiro, diretor administrativo da FJA; Haroldo Sérgio Menezes, coordenador financeiro da Fundação; Jefferson Pessoa, subcoordenador de Serviços Gerais da entidade; Cícero Duarte, funcionário do setor de Serviços Gerais e Ênio Gomes Ferreira, assistente Técnico Administrativo. Todos estavam sendo acusados de peculato [apropriação do dinheiro público], falsidade ideológica [pelo fato de os shows não terem sido realizados] e formação de quadrilha.

No depoimento de Haroldo Menezes, como editor de Política do JH pautei Alex Viana para ir a sede do Ministério Público para acompanhar. O depoimento estava previsto, salvo engano, para às 15h. Local e hora marcados, Viana se dirigiu ao MP. De lá ele telefona pra redação e diz que a imprensa não ia poder ter acesso ao depoimento. Orientei então que ele aguardasse acabar para fazer uma entrevista com o depoente e o procurador que iria colher o depoimento. As horas passavam e nada de Alex Viana chegar na redação. Por volta das 17h30 liguei pra ele e obtive a informação de que tinha um “material quente” na mão. Perguntei do que se tratava e ele me disse que só podia falar quando chegasse ao jornal.

Passava um pouco das 18h e Viana chega à redação sorrindo. Percebi logo que trazia boas notícias. Era costume ele sorrir quando tinha um bom material na mão. Dito e feito. Ele me chamou na calçada do jornal e disse que tinha gravado todo o depoimento de Haroldo, através de uma janela que descobrira que dava para a sala onde o acusado foi inquerido. Perguntei se tinha mais alguém da imprensa com ele. Alex Viana afirmou que não. Só ele tinha a gravação porque os outros repórteres já tinham ido embora. Aí eu disse. Corre pra redação que isso será a manchete do jornal.

No dia seguinte só o JH Primeira Edição deu o depoimento de Haroldo Menezes graças a astúcia de Alex Viana.

A história da convocação de Nonato

por Rubens Lemos Filho

Nonato parecia Mogli, o Menino Lobo de Walt Disney. Nonato, lateral-esquerdo do Baraúnas, de Mossoró, canelas delgadas e chutes charmosos, bom na marcação e nos cruzamentos. Nonato ganhou as páginas dos jornais brasileiros quando posou numa bicicleta Monareta com a mulher e a filhinha pequena, os três embarcados, rumo ao Estádio Nogueirão a caminho de um clássico contra o Potiguar.

O jogo atrevido de Nonato encantou o torcedor de Natal. Em 1988, o Baraúnas ganhou turno e com gol de Nonato, em cima do América, de falta, por cobertura, enganando o goleiro Eugênio. O América, disparado favorito, teve que ir a um triangular decisivo e conquistou o bicampeonato porque tinha as pernas de condão de Dedé de Dora em seu meio-campo e os gols de Silva no ataque.

O ABC era o mais fraco dos três e conseguiu ser bravo, lutou até o fim e por pouco não roubou o título do rival, oferecendo à frasqueira um time com Tiê de lateral-direito, Divino de quarto-zagueiro, Júlio de Edite de lateral-esquerdo, Dica de camisa 10 e Alencar de centroavante.

O vice-campeonato representou uma Champions League. O América vivia o auge da Era Jussier Santos, tricampeão dando aula em cartola metido a leitor de estratégia de guerra. Se leu, nunca aplicou em favor do clube. Apanhava, apanhava e apanhava a cada clássico.

Nonato foi disputado quase a tapa por ABC e América e, numa zebra, terminou no ABC, catimba do diretor de futebol Leonardo Arruda. Nonato e o volante Alciney se destacaram no fraco time que disputou o equivalente à Série C regionalizada e foi eliminado pelo Campinense.

Nonato ficou para o Estadual de 1989, cabelos mais curtos, postura adequada ao modelo desenhado para o padrão executivo de boleiro e saiu para o Pouso Alegre das Minas Gerais(MG).

Ainda em 1989, empolgado com Nonato, meu pai trouxe um velho amigo, o dirigente do Cruzeiro Pedro Assunção, rico empresário e conselheiro para ver um jogo de Nonato. Papai contratou o cineasta Giovani Rodrigues para filmar jogadas de Nonato e a fita Pedro Assunção levou.

O certo é que em 1990, Nonato estreava pelo Cruzeiro, no Campeonato Brasileiro, contra a Portuguesa de Desportos. Entrava, saía como melhor em campo e ficaria até 1996, na decisão do Mundial Interclubes perdida para o Borussia(Alemanha).

Tornou-se ídolo, nas férias vinha e reunia os amigos, mandava e desmandava na Toca da Raposa. Em 1991, Nonato é convocado pela primeira vez para a seleção brasileira por Carlos Alberto Parreira, que andava preocupado com as

contusões e seguidas expulsões do lateral-esquerdo Branco, e tinha dúvidas se Leonardo, do São Paulo, se readaptaria à posição, dado que virava meia no tricolor, posição certa descoberta pelo mestre Telê Santana.

Cobríamos, eu pela Tribuna do Norte e o repórter Carlos Alberto Barbosa, o Barbosinha pelo Diário de Natal a Câmara Municipal de Natal. Sem TV transmitindo. Tempo de veteranos. Bernardo Gama, Clóvis Varela, Urubatan Maia, Lindalva Maia, Pio Marinheiro, Marcílio Carrilho, Fernando Mineiro, Aluízio Machado. Requerimentos, títulos de cidadania, alinhamento quase unânime à prefeitura.

O presidente era Edmilson Lima, muito tratável, pouco criterioso no vestir. Gravatas espalhafatosas e blazer sem combinar com as distintas. Usava azul com verde florido, por exemplo.

Ficávamos, eu e Barbosinha, a matar o tempo, coçando o saco, caçando notícia de verdade e imitando menino na praia, catando búzios e conchas expulsas pelo mar para transformá-los em brinquedos considerados inúteis pelos adultos.

Havia um funcionário apaixonado pelo ABC, sofrido naqueles tempos de sovas homéricas aplicadas pelo América comandado por Jussier Santos. Todo domingo, o torcedor alvinegro saía do estádio como que de uma missa de corpo presente, em lágrimas, Machado feito imensa necrópole.

O tal funcionário contava, a mim e a Barbosinha, as façanhas de Nonato pelo Cruzeiro, sua válvula de escape das frustrações locais. Os gols, os títulos mineiros, as jogadas e, consagração total, a convocação. Nonato só jogaria com a camisa amarela em 1993, perto da Copa, num torneio contra Alemanha, Estados Unidos e Inglaterra. Jogou mal.

Em 1991, sua convocação parou a Câmara. O servidor parecia estar de camisa amarela da Umbro, fornecedor oficial da época, chuteiras e barriga saliente circulando entre as cadeiras da assistência, desenvolto igual a Nonato no apoio. Ríamos, eu e Barbosinha, da imitação de chanchada. Um dia, o assistente de plenário caprichou.

Saiu até a bancada da imprensa (quase sempre vazia). Paletó bege, camisa amarela, gravata cor de vinho, bom gosto de um Amado Batista, ajeitou uma bola imaginária, apontou para a cadeira da presidência no plenário. Uns 100 metros de distância.

Mãos na cintura, armou uma barreira invisível, correu e bateu com três dedos, de trivela. O sapato escapuliu. “Foi ali, bem ali, quase na cadeira do presidente, que Nonato acertou uma falta contra o Atlético Mineiro! Golaço! Merecia demais ser convocado. Vai ser titular!”.

Enquanto uma ambulância quase é chamada para nos salvar de um ataque de risos, eu Barbosinha observamos o grotesco. O presidente Edmilson Lima, abaixado, quase emparelhado à sua cadeira: “Tive medo que o chute dele me acertasse”, sacaneou depois da sessão.

Devia a história a Barbosinha há 22 anos. A história da convocação de Nonato, hoje funcionário do Cruzeiro, do qual terminou eleito um dos melhores jogadores da história. Para deleite ensandecido de seu fã lá da Câmara Municipal.

O dia em que Lula sem cerimônia trocou de camisa num banheiro público em Natal

Trabalhava no jornal Diário de Natal como repórter de Política. Lula cogitava ainda ser candidato pela primeira vez à Presidência da República e visitava o Rio Grande do Norte. Era um domingo, dia de folga no jornal mas mesmo assim fui pautado pelo editor, o meu amigo Luciano Herbert, para fazer a cobertura de um ato político que o então sindicalista iria participar em Natal. O evento aconteceu no ginásio Sylvio Pedroza, no Colégio Estadual Atheneu Norte-riograndense, em Natal.

Eu e Carlos Santos, repórter fotográfico do DN chegamos ao local onde haveria a reunião política por volta das 11h. Lula ainda não havia chegado. Os organizadores do evento vinham com ele de Mossoró de carro. Antes Lula havia estado na cidade oestana do Rio Grande do Norte. A expectativa era grande com a sua chegada.

Por volta de 12h chega Lula acompanhado dos dirigentes petistas no Rio Grande do Norte. Desce do carro e segue para dentro do ginásio onde é ovacionado pelos presentes. Alguns vestiam uma camiseta escrito Lula Presidente. Antes mesmo de Lula começar a falar, foi lhe entregue uma camiseta destas. Lula então não contou conversa. Perguntou onde ficava o banheiro e foi colocar a camisa.

Por coincidência nesse mesmo momento eu me encontrava no banheiro e percebi que Lula tirou a camisa sem nenhuma cerimônia e vestiu a camiseta que lhe deram. Pena nessa hora Carlos Santos não estar por perto porque sem dúvida era um momento para uma foto.

Muitos dirão que isso não é nenhuma informação relevante. Até concordo, mas o propósito do Baú de um Repórter é levar ao conhecimento dos leitores os bastidores da notícia. Daí, a meu ver a importância de se relatar fatos que não foram notícias.

Hoje, certamente, qualquer ação de Lula os fotógrafos estão atentos, afinal o homem é presidente da República. Na época como era só um sindicalista, apesar de um grande líder sindical, suas ações não fossem tão importantes como essa de trocar uma camisa num banheiro público. Mas o registro está feito, mesmo sem imagem, mas como repórter e dentro das minhas lembranças dos tempos de redação não poderia deixar de falar nisso.

O dia em que fui fazer uma matéria sobre a exploração de mão-de-obra infantil no corte da cana-de-açúcar

Interessado que estava para fazer a matéria liguei para o sindicato para marcar o dia e a hora em que iria junto com um fotógrafo do jornal. Segundo as informações que obtive, os caminhões gaiolas vinham pegar os menores em Goiânia para levar para o campo na divisa do Rio Grande do Norte com a Paraíba pela madrugada, coisa assim de umas 4h. Agendei então com a direção do sindicato para irmos direto ao campo, já que o que interessava era registrar os menores no corte da cana.

Dia e hora combinados lá fui eu e o fotógrafo Carlos Silva fazer a matéria. Chegamos na sede do sindicato por volta das 7h. O presidente do sindicato entrou no carro da reportagem e fomos onde ele indicou que estava havendo o trabalho de menores no corte da cana. Na primeira lavoura não encontramos nada. Prosseguimos a viagem, e quando nos aproximamos de uma outra área onde estava havendo o corte percebemos uma certa movimentação estranha. De longe, no entanto, não dava para identificar se eram menores. Chegamos ao local e só tinha três cortadores de cana, todos de maior. Desconfiamos que ali tinha menores trabalhando. Mas como a área era muito grande e estava coberta de cana-de-açúcar não deu para vasculhar o local.

Decidimos então ir a uma outra lavoura, essa mais próximo ainda da divisa dos dois estados. Pra nossa frustração também não encontramos nenhum menor. Desconfiamos então que alguém vazou a informação de que iríamos fazer uma reportagem sobre a presença de menores no corte de cana em terras do Rio Grande do Norte. Não satisfeito decidi fazer a matéria assim mesmo. Comecei a ouvir os trabalhadores que se encontravam no local. Eles, assim como que com medo de falar alguma coisa respondiam as minhas perguntas pausadamente. A maioria deles disse não saber de nada.

Carlos Silva fez as fotos e antes de voltarmos para Natal ouvi o presidente do Sindicato. Ele confirmou tudo o que havia na carta enviada à redação. Retornando à Natal fui na DRT [Delegacia Regional do Trabalho] para completar a matéria. Lá me informaram que a mesma denúncia havia chegado por lá e que fiscais já estavam em campo para realizar a fiscalização. Não tive dúvida. Com o material que tinha fui direto para a redação. Fiz a matéria que acabou sendo destaque de Economia no dia seguinte no jornal. Infelizmente, depois acompanhei todo o caso mas não resultou em nada. Acho que a reportagem repercutiu e a usina se precaveu e não colocou mais menores para trabalhar na lavoura.

O dia em que Aluizio Alves chorou, mas não houve registro fotográfico

Era eu repórter de Política do Diário de Natal. Fui escalado para cobrir a convenção do PMDB de Natal que homologaria a candidatura do deputado Henrique Eduardo Alves a prefeito. Eu e o fotógrafo Moraes Neto. Era um domingo. A reunião partidária teve início às 9h, mas o grande momento dos discursos estava previsto para o meio dia, quando do encerramento da convenção, quando iriam falar o próprio candidato, Henrique no caso, Garibaldi Alves e, claro, Aluizio Alves, o chefe do clã Alves e líder maior do grupo político.

A expectativa em torno do pronunciamento de Aluizio Alves era muito grande tendo em vista o rompimento político de Ana Catarina para concorrer ao pleito tendo o apoio de José Agripino Maia, maior opositor até então dos Alves no Rio Grande do Norte. A Assembléia Legislativa estava repleta de correligionários do PMDB. A imprensa, apesar de ser um domingo, também estava presente em grande número com repórteres de jornais, televisão e rádio.

Chega o grande momento. Era quase meio dia quando Aluizio Alves subiu à tribuna da Casa para falar. O setor destinado à imprensa ficava junto ao púlpito de onde se percebia qualquer atitude dos que ali subiam para se pronunciar. Qualquer gesto percebia-se claramente.

Aluizio começa o discurso. Os olhos da platéia estavam atentos para o líder maior do PMDB no Rio Grande do Norte. Henrique e Garibaldi sentados um ao lado do outro na Mesa Diretora da Assembléia com os olhos e os ouvidos também atentos ao pronunciamento. Dona Ivone, esposa de Aluizio Alves, já falecida, sentada na primeira fila de cadeiras no plenário da AL.

Nem bem iniciou o seu pronunciamento percebia-se o nervosismo de Aluizio Alves. Ao falar na filha Ana Catarina Alves não se conteve e as lágrimas começaram a cair. Dona Ivone prontamente se levanta, vai até o marido e entrega-lhe um lenço verde – símbolo da campanha de 1960 quando Aluizio Alves chegou ao governo do estado. Os presentes em silêncio assistem a cena que tomou conta de emoção um dos principais líderes da política potiguar.

Vendo aquele cenário tratei logo de saber se Moraes Neto tinha feito a foto. Qual nada. Moraes pensando que a convenção ia ser como uma outra qualquer fez as fotos rotineiras e foi embora. Pensei: Perdemos a grande foto. Olhei para o lado e vi o fotógrafo Luiz Henrique da Tribuna do Norte e perguntei: Fez a foto? Pra minha surpresa Luiz Henrique disse que não porque tinha medo de ser demitido do jornal. Disse-lhe que tinha que ter feito a foto. Se o jornal ia publicar ou não eram outros quinhentos.

A verdade é que os jornais, tanto o Diário de Natal quanto a Tribuna do Norte deixaram de publicar essa que seria a foto das capas dos dois matutinos. Em jornalismo a gente tem que estar preparado para tudo. Num evento dessa natureza pode só acontecer o trivial, mas também pode ocorrer o inusitado. Foi o caso. Aluizio Alves chorou pela filha irmã gêmea de Henrique ter rompido politicamente com ele, e o pior, ter se aliado ao seu maior inimigo na época, José Agripino Maia.

O dia em que deixei Ana Catarina Alves numa “saia justa”

Com o andamento da campanha o Diário de Natal decidiu promover um debate com os quatro candidatos a ser transmitido pela então Rádio Poti. Quatro jornalistas do jornal foram indicados para participar do debate com os candidatos: Eu e mais os colegas Gérson de Castro, André Alves, e Juliano Freire. O mediador foi o jornalista Luiz Lobo, que veio do Rio especialmente para participar do evento a convite do DN. O debate foi realizado no auditório do antigo Cefet [Centro Federal de Ensino Tecnológico].

Marcado para iniciar às 9h, os candidatos e os jornalistas que iriam participar do debate teriam que chegar com uma hora de antecedência ao local para a realização do sorteio para a ordem das perguntas. Cada jornalista tinha direito, salvo engano, a fazer duas perguntas a dois candidatos diferentes que teriam os seus nomes sorteados. Combinamos eu, Gérson, André e Juliano as perguntas que iríamos fazer dependendo do candidato que caísse pra cada um de nós. Lembro como se fosse hoje. Como Ana Catarina tinha rompido politicamente com a família e era candidata com o apoio do senador José Agripino Maia, então adversário político dos Alves, uma das perguntas a ser dirigida a ela era a seguinte: Vereadora – na época Ana era vereadora em Natal –, qual o seu líder maior na política do Rio Grande do Norte? A gente sabia que essa era o tipo da pergunta embaraçosa para ela. Dito e feito. Na hora do sorteio coube a mim fazer a primeira pergunta a Ana Catarina.

O debate, apesar de ser transmitido ao vivo pela Rádio Poti, algumas pessoas tiveram acesso ao auditório. Foram distribuídos convites de acordo com a capacidade do local. Na hora em que fiz a pergunta percebi claramente os buxixos no auditório. Ninguém esperava que fosse feita uma pergunta desse tipo. Afinal, eram dois irmãos que estavam ali, filhos de uma grande liderança do estado, e que naquele momento estavam rompidos politicamente.

Percebi de imediato também que Ana Catarina ficou numa “saia justa”. Demorou um pouco a responder. Raciocinou e disse que para ela no Rio Grande do Norte existiam dois grandes líderes políticos. O seu pai, Aluizio Alves e o senador José Agripino, que naquele momento era o seu líder. Como tinha direito a réplica insisti e disse: Acho que a senhora não entendeu direito a minha pergunta. Vou repetir: Qual o seu líder maior na política do Rio Grande do Norte? Ela balbuciou e repetiu o que havia dito. Luiz Lobo me perguntou então se estava satisfeito com a resposta ao qual lhe disse que não. Que a vereadora não soube responder a indagação, afinal havia perguntado qual o líder maior e não os maiores líderes.

Ao tomar a palavra para responder uma outra pergunta de um colega, o deputado Henrique Eduardo Alves aproveitou a deixa e foi logo dizendo: “Antes de responder a pergunta gostaria de dizer que para mim o Rio Grande do Norte só tem um único líder político. Chama-se Aluzio Alves, meu pai”. A platéia suspirou.

A repercussão da pergunta foi tamanha que soube que no mesmo dia, à tarde, na carreata que Henrique Eduardo Alves realizou nos bairros do Alecrim e Quintas o comentário era um só. O embaraço de Ana Catarina na pergunta dirigida por mim a ela. Soube ainda que Aluizio Alves preferiu não ir ao debate, mas que ficou acompanhando pelo rádio em seu apartamento e que teria ficado irritado com a pergunta. Para quem não sabe Ana Catarina e Henrique Eduardo são irmãos gêmeos.

O dia em que eu e o colega Paulo Roberto “furamos” a segurança de Sarney

Reporto-me hoje a uma façanha envolvendo a minha pessoa enquanto repórter e o colega Paulo Roberto, então repórter da Rádio Cabugi. O cenário foi a Base Aérea de Parnamirim, distante cerca de 15 quilômetros de Natal (RN). Vamos ao fato:

O Plano Cruzado fazia água. A inflação na estratosfera. O presidente Sarney já não tinha mais aquela popularidade do início de seu governo. A Presidência da República evitava que Sarney comparecesse a locais públicos. A agenda do presidente era cuidadosamente analisada. Foi quando marcaram para Sarney vir a Natal prestigiar um lançamento de um foguete na Barreira do Inferno.

Na semana anterior – e exatamente por isso a agenda do presidente passou a ser melhor analisada – o ônibus da comitiva presidencial tinha sido apedrejado no Rio. Sua vinda a Natal foi cercada de todos os cuidados. O esquadrão precursor – aquela equipe que visita as cidades previamente onde o presidente da República vai, tomou todos os cuidados para evitar a aproximação de populares a Sarney.

No dia do lançamento do foguete a BR-101, a avenida Engenheiro Roberto Freire e parte da Rota do Sol, que liga Natal a praia de Pirangi foram totalmente interditadas. Soldados do Exército e da Aeronáutica se postavam nos canteiros para fazer um cordão de isolamento para a comitiva presidencial passar. Entrevista para a imprensa nem pensar. Na Barreira do Inferno os jornalistas que foram cobrir o evento ficaram dentro do que a gente chama no jornalismo de “curral”. Uma área com um cordão de isolamento para evitar a proximidade com o presidente.

Na época trabalhava na extinta EBN [Empresa Brasileira de Notícias] uma agência de notícias do governo federal. Os jornalistas que foram cobrir o evento foram todos credenciados, como de praxe, inclusive eu. Fomos para a Base Aérea aguardar a chegada de Sarney. Eu e o motorista da EBN, Zezinho, era assim que o chamava. O carro era um fusquinha branco, muito bem cuidado, por sinal, por ele. Tratava o carro como se fosse seu, tal o zelo.

O presidente chega com a comitiva, é recebido pelo governador Geraldo Melo, salvo engano, e se dirige para a Barreira do Inferno. Os jornalistas ficam frustrados, pois esperavam que Sarney desse pelo menos uma palavrinha. Nada feito. Os repórteres de fora acompanharam a comitiva presidencial num ônibus fretado pela Presidência da República. Desde a Base Aérea de Parnamirim até a Barreira do Inferno. Lá foi a mesma coisa. Nada de entrevista. Apenas o factual, ou seja, o lançamento do foguete.

Não satisfeito disse pra Zezinho. Vamos sair na frente do presidente e você toca para a Base Aérea. Pensei: sendo da EBN é possível que o presidente conceda uma exclusiva pra mim lá. Chegando na Base Aérea de volta da Barrei-

ra do inferno encontrei com o colega Paulo Roberto, da Rádio Cabugi. Ele tinha uma missão: colocar o presidente Sarney ao vivo no ar. Perguntei a ele: Será que você consegue? Paulo Roberto me respondeu que iria arriscar.

Minutos depois chega Sarney e a comitiva na Base Aérea. O presidente cercado de seguranças. O avião presidencial já estava com as turbinas ligadas. Sarney se encaminha para a aeronave. Eu e Paulo Roberto numa área que dava visão para a pista onde se encontrava o avião. Quando o presidente se aproxima da gente eis que Paulo Roberto corre – e eu junto dele – abre o microfone e vai logo fazendo uma pergunta ao presidente. Os seguranças tentam evitar a aproximação ao presidente, agarra-o, mas Sarney manda soltá-lo e permite que ele faça a entrevista. Me identifiquei e aproveitei para pegar carona na entrevista de Paulo Roberto.

Nesse dia só eu e ele conseguimos falar com o presidente. Graças ao ímpeto e a ousadia de Paulo Roberto. Acho que ele lembra disso.

O dia em que o Rio Grande do Norte conheceu o seu “serial killer”

Eram por volta das 8h30 quando fui chamado pelo Walter Lima para entrar no ar. Ele me deu bom dia e me perguntou o destaque dos jornais. Exatamente na hora a polícia militar e civil estavam na caça de um serial killer, um ex-soldado do Exército que durante um período de 14 horas, matou 17 pessoas em São Gonaçalo do Amarante. Seu nome: Genildo de França, que preferiu o suicídio a ter que se entregar a polícia.

Eu acompanhava toda a operação policial sintonizado na Rádio Cabugí, uma emissora de Natal que deslocou repórteres e técnicos para São Gonaçalo do Amarante para acompanhar direto todo o desfecho do caso. Quando o Walter me chamou dei em primeira-mão para todo o país. O “Revista Nacional” tinha uma grande audiência principalmente em Brasília onde se tem muitas pessoas de vários lugares do país. Walter Lima procurou saber detalhes. Como estava com o rádio ligado na medida em que as informações iam fluindo eu também as repassava a ele. Demorei nesse dia uns 5 minutos no ar. O normal era na faixa de 1 minuto a 1,5 minuto. À tarde o Jornal Hoje da Globo deu em destaque com a matéria sendo complementada no Jornal Nacional. Mas quem acompanhou o noticiário da Rádio Nacional nesse dia já estava sabendo da chacina desde cedo.

O caso marcou tanto na crônica policial do Rio Grande do Norte que acabou virando um documentário. Recentemente a unidade natalense da rede de cinemas Cinemark, instalada no Praia Shopping, promoveu a estréia do documentário sobre Genildo, que se tornou o primeiro “serial killer” do Rio Grande do Norte. A chacina foi notícia até no “The New York Times”.

O dia em que Lula foi saber de Garibaldi sobre o projeto das adutoras

Final do segundo governo Garibaldi. Era início de tarde e o governador estava em casa descansando. Quando menos espera é avisado de que o publicitário Duda Mendonça e o então candidato a Presidência da República, Luiz Inácio Lula da Silva (PT), estão a sua porta querendo falar com ele. Garibaldi manda-os entrar.

Recebe-os no terraço da casa oficial que ficava no bairro Cidade Jardim, onde hoje é uma casa de recepções. Conversa vai conversa vem Lula diz estar interessado em conhecer o projeto das adutoras realizado no primeiro governo Garibaldi. O petista quer saber detalhes desse projeto que foi o “carro-chefe” da campanha de Garibaldi Alves na segunda vez que disputou o governo do estado.

Surpreso com a visita inesperada Garibaldi explica a Lula a idéia do projeto de levar água aos municípios mais longínquos do estado onde o mineral era quase uma raridade. Lula soube do projeto através de Duda Mendonça, mas queria mais informações. Saiu da casa do governador satisfeito com o que ouvira.

No dia seguinte as colunas dos principais jornais da capital falam a respeito dessa inesperada visita que deixou Garibaldi satisfeito com o interesse de um candidato a presidente da República em um projeto de seu governo. Isso é interessante lembrar porque anos depois, após Lula ter sido eleito presidente do Brasil ele colocou pra frente o projeto de transposição das águas do São Francisco, projeto esse também que teve o respaldo do então ministro da Integração Nacional Aluizio Alves, tio de Garibaldi.

O dia em que Aluizio Alves faleceu

Eu era editor de Política do JH Primeira Edição, jornal co-irmão de O Jornal de Hoje. O JH, como era conhecido pelos leitores circulava pela manhã e O Jornal de Hoje a tarde. Eram duas redações distintas. No sábado o JH que não circulava no domingo, mas na segunda-feira, editava todo o seu material à tarde, enquanto o seu co-irmão pela manhã. O ex-governador e ex-ministro de Estado Aluizio Alves se encontrava enfermo e internado no Hospital São Lucas, em Natal. Com 84 anos, seu estado de saúde merecia cuidados. Era exatamente um sábado. As informações da equipe médica que cuidava de Aluizio, já pela manhã, era de que o quadro de saúde do ex-ministro se agravava. Fui então para o hospital por volta das 11h a procura de informações mais detalhadas. Quando lá cheguei encontrei o colega Ricardo Rosado e ele me falou da gravidade do estado de saúde de Aluizio Alves. Percebi um clima tenso. Familiares, amigos e a imprensa se aglomeravam no saguão do hospital à procura também de notícias. Vamos ao fato:

Normalmente chegava na redação do JH no sábado por volta das 15h, um pouco mais tarde do que o de costume durante a semana. Nesse dia como havia uma expectativa muito grande em relação ao quadro de saúde de Aluizio Alves, que se encontrava na UTI, liguei para Edilson Braga, então editor geral do jornal que ainda estava em casa e falei pra ele da situação. Combinamos então que eu aguardasse o desenrolar do quadro no hospital. Isso era por volta das 13h. Às 15h houve uma correria de familiares para a porta que dá acesso a UTI. Não demorou muito familiares do ex-ministro retornam para o saguão do São Lucas chorando. Os médicos tinham acabado de comunicar o falecimento de Aluizio Alves por falência múltipla dos órgãos.

Que fiz eu. Liguei imediatamente para Braga e acertamos que não iríamos trabalhar naquele sábado. Convocaríamos os repórteres para a cobertura do sepultamento do ex-ministro que ocorreria no domingo e fecharíamos o jornal da segunda nesse dia. Tudo acertado, ligo para a redação e falo com Thaísa Galvão, editora geral de O Jornal de Hoje e passo a informação da morte de Aluizio. Ela disse que já tinha conhecimento, mas como eu estava no hospital poderia passar maiores detalhes. O jornal que circularia no final da tarde do sábado ainda não havia fechado à espera de mais informações sobre o estado de saúde de Aluizio. Disse a Thaísa que a equipe médica que cuidara do ex-ministro iria dar uma coletiva e que passaria mais informações depois.

A equipe médica que acompanhou o ex-ministro Aluizio Alves durante as 72 horas de internação na Casa de Saúde São Lucas, em Natal, foi formada pelos médicos Ricardo Bittencourt, Miguel Angel Sicolo, Sérgio Peçanha, Andrei Medeiros e Djacir Dantas e às 16h deu uma coletiva para a imprensa. De acordo com o chefe da equipe, Dr. Ricardo Bittencourt, a parada respiratória provocou, de fato, uma lesão cerebral. Tudo isso veio a desencadear o quadro de falência múltipla dos órgãos. Disse ele que por volta das 10 horas, já tinha informado à família da gravidade do quadro. Uma falência múltipla dos órgãos, na idade dele, tornava o quadro praticamente irreversível. Liguei novamente para Thaísa e passei todas as informações obtidas na coletiva. Já no sábado à noite O Jornal de Hoje dava como manchete a morte de Aluizio Alves.

A perspicácia de dois repórteres fotográficos que conheci

Como jornalista e na condição de repórter ou editor sempre valorizei o trabalho do repórter fotográfico. O repórter fotográfico, diria, é o auxiliar direto do repórter que escreve as matérias. Para uma reportagem sair perfeita tem que haver uma certa cumplicidade no trabalho dos dois. Vamos ao fato:

Quando trabalhei no jornal Diário de Natal conheci Eduardo Maia, um repórter fotográfico dotado de agudeza de espírito. Maia é um desses repórteres que parece pensar no que o escriba vai colocar no texto tamanha é a sua imaginação na hora de fazer a foto. Nem precisava falar com ele que a foto tinha que casar com o texto. Já sabia disso.

Lembro que uma vez em Recife (PE) escalado que fomos – eu e ele – para fazer uma cobertura de uma viagem do então candidato do PT ao governo do Rio Grande do Norte, Salomão Gurgel, hoje prefeito da cidade de Janduís, interior do estado, acompanhamos Salomão numa gravação que teria com Lula, então candidato à Presidência da República.

Chegamos no estúdio pouco antes de se iniciarem as gravações. Eduardo Maia começou a observar o local. A sala era pequena, mal cabia a equipe de gravação e os candidatos que iriam gravar o programa eleitoral do PT. Na hora de Salomão gravar ao lado de Lula, Eduardo Maia não contou conversa. Pegou em primeiro plano o câmara men e em segundo Salomão e Lula. Resultado: uma foto que mereceu destaque no dia seguinte na página de Política do Diário.

Outro fotógrafo que conheci, esse um pouco mais novo do que Eduardo Maia não só na idade, como também na profissão, foi Ney Douglas. Tive a oportunidade de trabalhar com ele quando era editor de Política no extinto JH Primeira Edição. Ney Douglas, que depois foi para o Novo Jornal, sempre foi um profissional que procurava aprender. Acho que até hoje ele é assim. Muitas vezes conversávamos na redação trocando ideias sobre a melhor maneira do repórter fotográfico trabalhar em conjunto com o repórter de texto.

Na cobertura do sepultamento do ex-governador e ex-ministro de Estado Aluizio Alves, Ney Douglas deu um banho. Uma das fotos, lembro bem, foi tirada de cima de uma árvore próximo a sepultura. A foto foi feita de cima pra baixo na hora do caixão baixar. A foto foi única e dei destaque na página de Política do jornal.

O dia em que dei em primeira-mão para todo o Brasil a queda de um Mirage da FAB em Parnamirim

Não lembro o ano, mas nessa época era correspondente da Radiobrás – agência de notícias do governo federal – no Rio Grande do Norte. Era um sábado. Os meus filhos – três – eram ainda crianças. O mais velho tinha salvo engano oito anos e adorava avião. Estava havendo em Parnamirim, mais precisamente na Base Aérea, uma exposição internacional de aviação. Vários tipos de aeronaves de diversos países como EUA, França, Inglaterra e, claro, Brasil estavam expostos para visita pública. Pois muito bem, vamos aos fatos:

Como disse, o meu filho mais velho sempre foi um aficionado por avião. Sabedores dessa exposição internacional aeronáutica em Parnamirim, eu e minha esposa decidimos levar as crianças. Chegamos à Base Aérea de Parnamirim por volta das 15h30. Muitas pessoas já se aglomeravam próximo a pista onde os aviões estavam em exposição. Havia nesse dia uma apresentação da Esquadrilha da Fumaça. Adultos e crianças tiravam fotos junto as aeronaves dos tipos mais modernos.

Antes da apresentação da Esquadrilha da Fumaça pilotos de várias nacionalidades se apresentavam com aviões os mais diversos em voos rasantes sobre Parnamirim Field, era assim como era chamada a Base Aérea na época da Segunda Guerra, quando os americanos aportaram por aqui. Os meus filhos estavam adorando principalmente o mais velho. Queria saber detalhes das aeronaves, algumas chamavam mais a sua atenção como os caças americanos, por exemplo.

A Esquadrilha da Fumaça só iria se apresentar às 17h. Como havíamos chegado muito cedo, as crianças já estavam cansadas. Pensamos – eu e a minha mulher – em voltarmos pra casa antes mesmo de ver a Esquadrilha da Fumaça. Eram por volta das 16h30, não sei precisar. Um caça Mirage da FAB [Força Aérea Brasileira] levanta voo para fazer uma apresentação. Em seguida sobe na vertical e como que em parafuso desce rapidamente e se choca com o solo. Imediatamente uma cortina de fumaça no horizonte se espalha. Carros de bombeiros postados na Base Aérea para qualquer eventualidade são acionados. Uma ambulância da Aeronáutica se desloca para o local onde possivelmente o caça teria caído. As pessoas correm sem saber o que estava acontecendo. As atenções ficam voltadas para a cortina de fumaça no horizonte.

Próximo da gente uma jovem senhora com sua filhinha, que devia ter uns quatro anos, corre em prantos em direção a sala de oficiais da Base Aérea. Deixei a minha esposa e os meus filhos onde estávamos e fui saber o que tinha ocorrido. Como disse anteriormente ninguém sabia o que estava acontecendo. As primeiras informações era de que se tratava de uma simulação de acidente. Não acreditei, pois tinha visto o caça subir e descer em parafuso e depois a cortina de fumaça se abrir. Chequei com vários oficiais e a informação era sempre a mesma. Trata-se de uma simulação de acidente. Mas como – perguntava – se uma senhora ao meu lado correu em prantos para a sala dos oficiais? Não obtinha a resposta verdadeira.

Não satisfeito decidi então procurar uma patente menor. Talvez conseguisse arrancar alguma coisa de mais concreta. Dito e feito. Um soldado da Aeronáutica me disse que se tratava de um acidente real. Um piloto da FAB teria morrido no acidente. Não soube precisar o seu nome, mas adiantou que o piloto era do 1º Grupo de Aviação de Caça, sediado na Base Aérea de Santa Cruz, Rio de Janeiro. Descobri depois que a jovem senhora em prantos era esposa do oficial-piloto morto no acidente. Era o que precisava para confirmar o que já imaginava se tratar. Voltei ao encontro da minha mulher e meus filhos e corri pra casa.

Na época eu trabalhava com um telex. O aparelho era instalado em meu apartamento de onde passava as matérias para a Agência Brasil, em Brasília. Além disso, transmitia matérias para a Rádio Nacional, que pertence a Radio-brás. Quando terminei de passar o texto para a Agência Brasil, com as informações que conseguira, liguei pra Rádio Nacional e pedi para dar um flasch. Como era sábado a emissora estava transmitindo um jogo de futebol. Disse que era urgente e expliquei o motivo. O técnico da emissora pediu para aguardar. Poucos minutos depois entra o locutor e me chama no ar. Dei a notícia em primeira mão para todo o Brasil. À noite o Jornal Nacional da Globo também deu destaque ao acidente levando ao ar um vídeo-amador da queda do avião.



Foto: Orlando Brito

Presidente da República, general Ernesto Geisel, na década de 1970, caminhando na praia do meio com seguranças

O ex-presidente da República, general Ernesto Geisel na praia do Meio, em Natal, de manhã logo cedo caminhando com seguranças em foto que relembra a evolução humana.



Foto: Arquivo

A PRIMEIRA COCA-COLA NO BRASIL

A primeira Coca-Cola não foi "nas asas da Panair", como canta Milton Nascimento. Surgiu em Natal, na base aérea de Parnamirim. O soldado está sendo entrevistado, antes mesmo de tomar o primeiro gole.

A primeira Coca-Cola a chegar ao Brasil entrou por Natal, na 2ª Guerra

A população de Natal foi a primeira a consumir Coca-Cola na América do Sul, em 1942, quando da chegada das tropas aliadas. Neste contexto, a Coca-Cola, em um primeiro momento, foi trazida pelos próprios soldados e posteriormente, produzida em pequenas fábricas móveis que passaram a acompanhar as tropas.



Foto: Arquivo

Nos tempos de faculdade

Essa quem me enviou foi o amigo e colega Marco Pólo, contemporâneo de faculdade e hoje repórter fotográfico do Sebrae/RN. Trata-se de uma foto do fundo do baú na época em que estávamos na UFRN, cursando Jornalismo. Na foto estou de camisa escura. Era o goleiro da turma. A equipe se chamava Equipicão. Compõem a foto Marco Pólo, Carlão, Quinzinho, João Maria – esses dois não exercem a profissão – Adriano de Souza e Moura Neto.



Foto: Arquivo

Garibaldi Alves e Fátima Bezerra apartando uma briga no Senado

**EDITORIAIS
QUE MARCARAM**



Foto: Valéria Costa Menezes Barbosa

Texto produzido em maio de 2019

Um repórter no Velho Mundo e suas impressões

Primeiras observações feitas por um repórter em Paris num tour de 15 dias pelo Velho Mundo com a família. Muitos imigrantes espalhados pela cidade. No trajeto do aeroporto até o hotel observou-se verdadeiros acampamentos sob viadutos e canteiros. O subemprego tomou conta também do primeiro mundo com vendedores ambulantes principalmente em locais turísticos como a Torre Eiffel.

Já no primeiro dia fomos tomados de surpresa ainda com o incêndio na Catedral de Notre-Dame, que estava em obras. Outra constatação. Assim como a polícia inglesa a francesa também é muito violenta. Presenciamos duas cenas de truculência policial. Uma contra ambulantes imigrantes e outra em um café em que estávamos. Uma briga de socos e pontapés que surgiu do nada. Imediatamente policiais truculentos apareceram.

Quatro moças que estavam numa mesa e que conhecia o rapaz agredido saíram do café aborrecidas com a cena e disseram que não iriam pagar a conta. Quase que nos envolveram para pedir depoimento sobre o ocorrido. A sorte foi que por sermos brasileiros nos dispensaram. No mais, Lula Livre sempre lembrado pelos imigrantes quando descobrem que somos brasileiros. O motorista do táxi que nos levou do aeroporto ao hotel, um Sr paquistanês radicado em Paris há 12 anos também lembrou do Lula.

Segundo dia em Paris. A cidade luz continua linda e encantadora com seus prédios antigos e charmosos. No entanto, a globalização levou a que os encantos de outrora cedessem lugar aos problemas de qualquer média ou grande cidade do mundo. Insatisfação com os políticos, subemprego, algumas ruas sujas, protestos o que levam ao vandalismo, como vitrines de lojas com marcas de pedras em vidros trincados, enfim, o cotidiano de toda metrópole, seja ela de primeiro mundo ou não. No entanto, Paris ainda encanta pelos seus cafés, jovens bonitos e principalmente pela politização do seu povo, o que não é nenhuma novidade.

Terceiro dia em Paris. O diário de um repórter registra uma visita ao Palácio de Versalles. Uma riqueza exuberante. Os quadros dos registros em pinturas, já que na época não existia fotografia, sobretudo das batalhas ganhas por Napoleão mostram um vasto acervo histórico daquela época. No entanto, uma coisa me chamou a atenção. A fa-

mosa Batalha de Waterloo, em que Napoleão foi derrotado, não está nestes registros. Percorri todos os salões com os registros da época e não encontrei. Talvez o meu olhar de repórter tenha sido muito criterioso em achar que a França poderia ter um registro de derrota daquele que foi um símbolo do militarismo francês. No mais, Versalles é encantador sob todos os aspectos.

Quarto dia em Paris. O vício de repórter me levou ao rescaldo do incêndio na Catedral de Notre-Dame. A imprensa francesa dando plantão no local, como se observa ao fundo (foto). Até mini estúdios foram montados. Cobertura diária como já era de se esperar. Também visitamos hoje a prisão onde ficou presa Maria Antonieta, que agora virou o Tribunal de Justiça. O meu faro de repórter também me levou a descobrir que FHC se encontrava em Paris. Naturalmente em visita a sua namorada.

Quinto dia do tour pela Europa. Desta vez Milão, a cidade da moda italiana.

A Galeria Vitorina Emmanuelle, ponto alto das grifes como Prada, Ferrari, Victor Hugo, Hugo Boss, Rolex e tantas outras vale ser visitada. Milão é uma mistura de cidade européia com seus prédios antigos de no máximo quatro, cinco andares, com cidade futurista, com edificações modernas e alguns espigões. Outra observação é que, talvez por ser a cidade da moda, com lojas de grifes, o milanês se veste de forma muito elegante. Assim como em Paris a imigração está presente também em Milão, sobretudo, de africanos. O Exército nas ruas foi uma coisa observada por nós.

Agora Veneza. Viagem de trem de Milão pra Veneza. Veneza é uma cidade encantadora e romântica com suas gôndolas, seus canais, ruelas e prédios antigos. Tudo belíssimo. Digna de um cenário cinematográfico.

Florença, linda e encantadora também foi outra cidade no nosso roteiro. Um registro que vale conferir é que as cidades européias são muito parecidas com suas belas e enormes igrejas, castelos, museus, mas cada uma guarda um encanto diferente.

Em Florença tivemos a oportunidade de conhecer uma cidadezinha próxima onde morou Leonardo Da Vinci, chamado Fieosele, e que conta ainda com um sítio arqueológico onde se constata até uma arena da época dos romanos. Lindo o local. A quem visitar Florença sugiro conhecer. A Ponte Vecchio, em Florença, é outro local que se deve registrar. Nesta ponte ficam algumas lojas de grifes.

De lá seguimos para Roma em ônibus. Três horas de viagem com estradas perfeitas e todas privatizadas. Roma é uma dessas cidades que encanta qualquer turista pela sua história. Belos monumentos e que conta um pouco do berço da civilização ocidental. Uma cidade repleta de turistas em qualquer lugar que você vá. As primeiras impressões ao pegarmos o táxi da rodoviária até o apartamento que alugamos não foram boas. Um aspecto de sujeira e com muitas pichações. Mas depois, já no apartamento as impressões começaram a mudar. Aí fomos conhecer um pouco da história da humanidade com uma visita ao Coliseu.

Detalhe: observamos que andar pelas cidades europeias, mesmo não conhecendo, se torna fácil. São ônibus, metrô, VLTs muito bem estruturados e de fácil acesso, com os bilhetes tendo validade a qualquer transporte urbano por um período de até 1 hora.

Observamos que a imigração na Europa tá muito forte principalmente tanto na França quanto na Itália. O curioso é que quando eles percebem que somos brasileiros abrem logo um sorriso. Em Florença, por exemplo um senegalês quando soube que éramos brasileiros nos presenteou com pulseirinhas parecidas com aquelas do Senhor do Bonfim. Como eles vivem do subemprego vendendo bugigangas pagamos a ele o valor das pulseirinhas para ajudá-lo. Em Roma também a presença do Exército nas ruas é muito grande assim como em Milão. Os carabinieri, que é a Polícia Federal italiana também atua fortemente nas ruas. Certamente para prevenir contra o terrorismo.

Lisboa, etapa final da viagem. Como já conhecíamos registramos apenas que a cidade continua linda e segura. Sequer se ver a presença de policiais nas ruas, tamanha é a tranquilidade. Registro também que vale ser feito. Em Lisboa, os portugueses fizeram uma convocação para comemorar os 45 anos da Revolução dos Cravos que tirou o ditador Antônio Salazar do poder, enquanto no Brasil o presidente fascista pedia que os quartéis prestassem uma homenagem a ditadura militar que perdurou durante 21 anos.



Foto: Reproduzida da Internet

“Os poderosos podem matar uma, duas ou três rosas, mas jamais conseguirão deter a primavera inteira”. Lula livre!

A frase acima é atribuída a Ernesto Che Guevara e foi usada no último discurso do ex-presidente Lula na frente do Sindicato dos Metalúrgicos no ABC paulista, antes de se entregar à Polícia Federal. Lula vive, quer queiram, quer não. Prova maior disso é que apesar de todo o poderio “bélico” que estão usando contra ele, entenda-se aí, a imprensa golpista e a ditadura da toga, o ex-presidente lidera em todas as pesquisas de intenção de voto para à Presidência da República, e se a eleição fosse hoje ganharia já no primeiro turno.

Lula representa o povo e isso a elite e a classe média burguesa brasileira não aceitam. É como disse certa vez o escritor Luís Fernando Veríssimo “o ódio ao PT nasceu antes do PT. Está no DNA da classe dominante brasileira, que historicamente derruba, pelas armas se for preciso, toda ameaça ao seu domínio, seja qual for sua sigla”.

E sabe o por quê de Lula ter sido preso, caro leitor? Porque cometeu os seguintes crimes: criou o FIES, o Pronatec, o Prouni, o Ciência sem

Fronteiras, o Mais Médicos, a Farmácia Popular, o Minha Casa Minha Vida, o Bolsa Família, programa de cisternas no sertão nordestino, o Luz para todos, o Água para Todos, o Brasil sorridente, iniciou a transposição do rio São Francisco, criou a política de reajuste do salário mínimo acima da inflação, o Brasil sem Miséria, o Bolsa Atleta, Pontos de Cultura, o SAMU/UPAS, Saúde da Família, o Programa Aprendiz na Micro e Pequena empresa, o Micro

empreendedores Individuais, pagamento da dívida externa ao FMI, retirads pela ONU do Brasil do Mapa da Fome, Reequipagem, valorização e autonomia da Polícia Federal, liberdade para a procuradoria Geral da República, Pré-Sal, aumento exponencial do Parque Eólico brasileiro, expansão das universidades públicas brasileiras, duplicação da BR-101 no Nordeste, proporcionou a que a empregada doméstica tivesse seus direitos trabalhistas, enfim, in-úmero programas e projetos que não agradaram a elite e a burguesia brasileira que ainda vive em regime escravocrata. Estes foram os crimes de Lula.

Bom que se diga que o golpe contra a ex-presidenta Dilma acabando com a prisão de Lula, começou a ser tramado logo após as eleições presidenciais, quando na sua volta ao Senado, após a derrota em segundo turno, o tucano Aécio Neves em discurso foi taxativo:

“Vamos obstruir todos os trabalhos até o país quebrar e a presidente Dilma ficar incapacitada de governar, sem apoio parlamentar. Aí reergueremos o país que nós queremos, independente dos acontecimentos que envolvam o ex-presidente Lula e as ações do judiciário. Sem o Poder Legislativo, nenhum governo se sustenta”.

O golpe foi consumado e fechado com “chave de ouro”, com a prisão do maior líder político deste país nas últimas décadas, Luiz Inácio Lula da Silva, mas não se mata um ideal desta forma. Corações e Mentes sobrevivem e não vão deixar que o sonho de um país verdadeiramente democrático, onde todos possam ter sua vez, morra. A prisão de Lula foi uma prisão puramente política a fim de baní-lo da vida pública. A história está aí para provar.

Como disse o jornalista Kennedy Alencar, “em 1954, Vargas havia escrito que seu nome seria uma bandeira de luta. Agora, Lula à sua maneira, repete a mesma mensagem quando disse que cada um que defende ele será um “Lula” em cada canto deste país.

ARTIGOS QUE MARCARAM



Foto: Portal GZH

O núcleo do bolsonarismo e suas células precisam entender que a democracia venceu

por Carlos Alberto Barbosa

O núcleo duro do bolsonarismo e suas células precisam entender de uma vez por todas que a eleição de Lula no último domingo (30), se elegendo pela terceira vez presidente do Brasil, foi uma vitória, sobretudo, da democracia, e que não há mais espaço para qualquer tipo de questionamento quanto a lisura do pleito. O mundo já reconheceu oficialmente a vitória de Luiz Inácio Lula da Silva, do PT.

Manifestações pontuais como o bloqueio de rodovias federais por caminhoneiros teleguiados pelas células bolsonaristas e a resistência do presidente Jair Bolsonaro em reconhecer a vitória de Lula nas urnas só faz estimular as arruaças em algumas localidades do país, chegando-se ao cúmulo de fanáticos bolsonaristas pedirem a intervenção militar citando, inclusive, o Art. 142 da Constituição Federal pedindo para fecharem o Congresso Nacional e o STF (Supremo Tribunal Federal). Ignorantes que desconhecem a nossa Constituição. É falsa a informação de que a Constituição autorize a intervenção dos militares para fechar o parlamento ou a Suprema Corte.

O Artigo 142 diz que “as Forças Armadas (...) destinam-se à defesa da Pátria, à garantia dos poderes constitucionais e, por iniciativa de qualquer destes, da lei e da ordem”. A menção direta à “garantia dos poderes constitucionais” leva a interpretações equivocadas da norma.

Fato é que o núcleo duro do bolsonarismo e suas células querem tumultuar o processo de transição e a posse do presidente democraticamente eleito pela maioria dos brasileiros, Luiz Inácio Lula da Silva, com mais de 60 milhões de votos digitados e computados nas urnas eletrônicas.

Quando falo o núcleo duro do bolsonarismo e suas células estou falando daqueles (as) que foram instrumentalizados pelo discurso fascista e não daqueles (as) que votaram em Jair Bolsonaro ou por uma postura ideológica ou simplesmente por não gostar do PT.

É onde concordo com o escritor, apresentador do GNT e autor do recém-lançado “O Diálogo Possível”, Francisco Bosco, quando enumera as causas e os efeitos da degradação do debate público no país e afirma que para a retomada do diálogo no Brasil é preciso “desativar as lógicas de grupo”.

E completo:

É exatamente nas lógicas de grupo concentradas principalmente nas redes sociais que o núcleo duro do bolsonarismo e suas células atuam.



Foto: Band/Natal

Qual o real poder de influência dos debates junto aos eleitores (as)?

por **Carlos Alberto Barbosa**

O presidente do Instituto Vox Populi, sociólogo Marcos Coimbra, contestou recentemente em entrevista à TV 247, do portal Brasil 247, o poder dos debates e dos programas eleitorais sobre a influência que exercem sobre os eleitores. Segundo Coimbra, “em lugar nenhum do mundo debate resolve a eleição. Há ampla evidência internacional que mostra que as pessoas que assistem a esse tipo de debate são as que se interessam pelo assunto e exatamente por isso chegam lá decididas.”

Na visão do estudioso no assunto, o reduzido período de campanha midiática reduz as chances de transmitir ao povo informações suficientes sobre os candidatos: “Na televisão, vamos ter uma eleição que vai durar 30 dias, e os candidatos pouco mais de três minutos. Tem sentido isso? É tão limitada que os candidatos mais destacados vão ter 5 minutos. Não há tempo para apresentar os programas de governo, elaborados pelas equipes com antecedência. O fato é que as pessoas vão chegar no dia 2 de outubro sabendo de Lula o que elas sabem hoje. Sabendo de Bolsonaro o que elas sabem hoje.”

De fato, concordo com Marcos Coimbra. Sempre disse aqui neste espaço que debate com mais de dois candidatos acaba virando palanque eleitoral com lavagem de roupa suja e pouca, pouquíssima informação sobre programas de governo. E acaba o candidato que está na frente virando “saco de pancada”. A bem da verdade debate só serve para os marqueteiros aproveitarem os melhores momentos de seus contratantes e os piores momentos dos adversários

de seus contratantes para colocar no programa eleitoral e, evidentemente, as claquas que costumeiramente aparecem nos eventos. Ah, serve também pra render manchetes de jornais, portais e blogs.

Me reporto ao que o presidente do Instituto Vox Populi falou porque a coordenação da campanha de Fátima Bezerra (PT), governadora do Rio Grande do Norte candidata a reeleição, cancelou a sua participação no debate a ser promovido nesta segunda-feira (5) pelo jornal Tribuna do Norte com os candidatos a governador. De acordo com nota distribuída à imprensa na tarde do domingo (4), a coordenação da campanha de Fátima justificou a sua não participação no evento com o argumento do tempo exíguo faltando menos de 30 dias para o pleito decidindo, assim, priorizar o contato direto da candidata com a população em todas as regiões do RN.

Está corretíssima a coordenação de campanha de Fátima Bezerra. E aí repito o que afirmou Marcos Coimbra: “há ampla evidência internacional que mostra que as pessoas que assistem a esse tipo de debate são as que se interessam pelo assunto e exatamente por isso chegam lá decididas.” Faltando menos de trinta dias para o pleito o universo de indecisos é muito pequeno se comparado a quem já decidiu o voto. Não é o debate que vai modificar isso. Melhor mesmo é fazer o corpo-a-corpo junto ao eleitor (a) e mostrar a ele (a) cara a cara suas propostas, até porque Fátima Bezerra já é conhecida do eleitor (a) e se está na frente de todas as pesquisas de intenção de voto é porque o povo confia nela.

A coordenação da campanha de Fátima Bezerra lembrou ainda que “o tempo de campanha é exíguo, de apenas 45 dias, e que a governadora permanece no exercício do cargo à frente do executivo estadual, diminuindo ainda mais sua disponibilidade”. Enquanto isso os seus adversários fazem campanha o dia todo. Portanto...

Só pra concluir faço a seguinte pergunta: porque a Globo decidiu fazer sabatinas com os candidatos à Presidência da República no primeiro turno já há algumas eleições? Porque o horário é propício no Jornal Nacional quando a audiência sobe, deixando o debate para um eventual segundo turno, aí sim, com dois candidatos.

ENTREVISTAS QUE MARCARAM



Foto: Produzida pela mãe

Humor: “Vô, deu vontade de rir com a decisão do STF. É esse mesmo o nome, né?”

O meu neto Dudu, de apenas 1 ano e meio de idade, riu (veja foto) ao escutar a decisão do STF (Supremo Tribunal Federal) sobre o habeas corpus do ex-presidente Lula. Não entendeu nada de nada. Metade foi favorável a medida jurídica para proteger indivíduos que estão tendo sua liberdade infringida, no caso em questão, Lula, e metade foi contrária.

Dudu – Vô, e aquela mulher loira, Rosa Weber, né esse o nome dela mesmo? Por que ela disse que estava votando coletivamente e não conforme sua posição pessoal.

Dudu – Ouvi aqui no meu fone de ouvido, vô, que todos os outros ministros tinham suas convicções na hora de votar e a Rosa não. Será que se ela tivesse votado conforme sua posição pessoal o resultado não seria outro?

Dudu – É vô, sou ainda muito pequeno para entender a humanidade. Isso fica para o Sr que é adulto e jornalista.

Dudu – Quando eu crescer, quem sabe, vou começar a entender melhor o comportamento humano.

Dudu – Desculpa vô, mas que deu vontade de rir ouvindo a sessão, ah, isso deu!



Foto: Arquivo

“O atual modelo de financiamento de campanha está na base da corrupção política brasileira”, diz autor do livro ‘Nobre Deputado’

O blogdobarbosa publica uma entrevista com o juiz Marlon Reis, a quem tive oportunidade de conhecer pessoalmente numa palestra que fez na Reitoria da UFRN (Universidade Federal do Rio Grande do Norte) pouco antes do primeiro turno das eleições o ano passado. De lá pra cá mantemos contatos através do twitter. Hoje brindo os leitores com uma entrevista com o magistrado. Marlon Reis é maranhense, juiz de Direito, membro do Comitê Nacional do MCCE (Movimento de Combate à Corrupção Eleitoral), um dos redatores da Lei Ficha Limpa e autor do livro “Nobre Deputado”. Segue a entrevista:

1-blogdobarbosa – A oposição e parte da sociedade ensaiam movimentos para pedir o impeachment da presidenta Dilma. O Sr. entende que se tem base legal para que isso ocorra?

Marlon Reis – Muito embora para a deflagração do processo de impeachment devam ser observados alguns marcos de natureza técnico-jurídica, esse instrumento possui matriz nitidamente política. Esta a razão pela qual me eximo de responder essa pergunta. Minha condição de magistrado me detém.

2-blogdobarbosa – A corrupção está enraizada na política brasileira. Isso é um fato. O que deve ser feito, no entendimento do Sr., para que essa prática nefasta seja sepultada?

Marlon Reis – É preciso mudar o modo como encaramos o Estado. Ainda não vivemos plenamente em uma república, visto que subsiste uma clara confusão entre o que é público e o que é privado. Essa falha está situada em um campo complexo que envolve aspectos culturais e institucionais. A saída para isso é igualmente complexa, mas possível. Precisamos trabalhar no campo da educação política da sociedade e ao mesmo tempo fortalecer os instrumentos institucionais de combate à corrupção. Nesse último campo tem destaque a reforma política, mais uma vez negligenciada pelo Congresso Nacional.

3-blogdobarbosa – Ficou provado, agora no escândalo do petrolão, que o financiamento de campanha por empresas é, diria, a maior causa da corrupção na política brasileira. Como o Sr. ver, por exemplo, políticos como o deputado Rodrigo Maia (DEM-RJ), relator da reforma política, defender que se continue essa prática?

Marlon Reis – Não existem razões jurídicas, políticas ou éticas para se defender a permanência do atual modelo de

financiamento de campanhas. Ele está na base da corrupção política brasileira. Não é uma das consequências, mas uma das causas do grande volume de desvios de recursos de campanha que devem assolar o Erário. A maioria dos deputados votou pela manutenção do modelo atual. Isso não se dá porque o modelo seja bom, mas, pelo contrário, por ser tão ruim que gerou uma relação de dependência. Os deputados que votaram para que empresas continuassem figurando como doadoras de campanha se preocuparam apenas com a continuidade de suas carreiras políticas. Não pensaram no País. A proibição das doações empresariais atende os interesses das próprias empresas. O empreendedorismo brasileiro está sofrendo com a captura do Estado por um grupo reduzido de corporações que cresceram à custa do dinheiro público. Isso não é financiamento empresarial de campanhas, mas simples tráfico de influência acobertado pela lei.

4-blogdobarbosa – Não é uma incoerência políticos que defendem o financiamento de campanha, alguns deles até com processos no STF, pedir o impeachment da presidenta Dilma alegando a corrupção na Petrobras?

Marlon Reis – É impressionante o número de parlamentares que respondem a processos por crimes contra o patrimônio público. A divulgação de dados alarmantes a esse respeito ocorrida recentemente no site Congresso em Foco teve repercussão internacional. Não é típico das grandes democracias ver pessoas com o histórico pessoal tão comprometido, sequer participando do Parlamento, muito menos opinando sobre questões de relevância nacional.

5-blogdobarbosa – A Polícia Federal acaba de pedir autorização ao Supremo, para ouvir o ex-presidente Lula sobre o petrolão. O Sr. acredita que Lula está envolvido nesse escândalo ou ao menos que sabia do que se passava nos bastidores do seu governo?

Marlon Reis – Não posso responder sobre questões alusivas a fatos concretos em virtude da minha condição de magistrado.

6-blogdobarbosa – Nestes tempos de petrolão, muita gente andou se lembrando de Paulo Francis (in memoriam) e suas denúncias de roubalheira na Petrobras. A história todo mundo conhece: em um Manhattan Connection, num longínquo 1996, Paulo Francis detonou a Petrobras, então presidida por Joel Rennó – governos FHC -, e foi processado por isso. Atribui-se ao processo milionário impetrado em Nova York por Rennó e alguns diretores da estatal o estresse que levou ao infarto de Francis no ano seguinte. No programa, Francis mandou ver. Disse que “os diretores da Petrobras põem dinheiro na Suíça”; que “roubam em subfaturamento e superfaturamento”; e finalizou: é “a maior quadrilha que já atuou no Brasil”. O Sr. concorda com o que disse Paulo Francis?

Marlon Reis – É lamentável o que vimos ocorrer com a Petrobras. Mas isso não discrepa do que acontece todos os dias, mesmo no menor dos municípios, a não ser pelo montante de dinheiro envolvido. O desvio de verbas públicas para a satisfação de vaidades pessoais ou para o abastecimento de campanhas constitui um dado da realidade política brasileira. Os culpados devem ser identificados e punidos, mas o fim desse estado de coisas demanda mudanças que passam por uma efetiva reforma política e por uma grande guinada na educação política do nosso povo.

7-blogdobarbosa – A corrupção está infiltrada tanto no Executivo como no Legislativo, e muitas vezes no Judiciário. O Sr é magistrado e sabe do que falo. No caso agora do petrolão as atenções estão mais voltadas para o impeachment da presidenta Dilma. Não seria o caso das pessoas irem as ruas pedir também a cassação de parlamentares corruptos que levantam a bandeira de paladinos da moralidade?

Marlon Reis – Todos devemos esperar a aplicação da lei de forma igualitária para todos, independentemente do partido a que estejam vinculados.

8-blogdobarbosa – No livro “Nobre Deputado”, de autoria do Sr, por exemplo, é falado das maracutaias das emendas na Câmara dos Deputados. Isso não precisaria ser mais difundido para a sociedade, já que se trata de uma forma de corrupção também com dinheiro público?

Marlon Reis – No meu livro tive a oportunidade de expor de forma clara o modo como a corrupção compromete, já desde o período eleitoral, os futuros mandatos parlamentares. Nunca disse que todos os parlamentares atuam daquele modo, mas é bem verdade que muitos dos que lá estão foram eleitos pela forma como descrevo em O Nobre Deputado. O livro nos convida a fazer algo. Não podemos ignorar as mazelas existentes no Congresso Nacional.

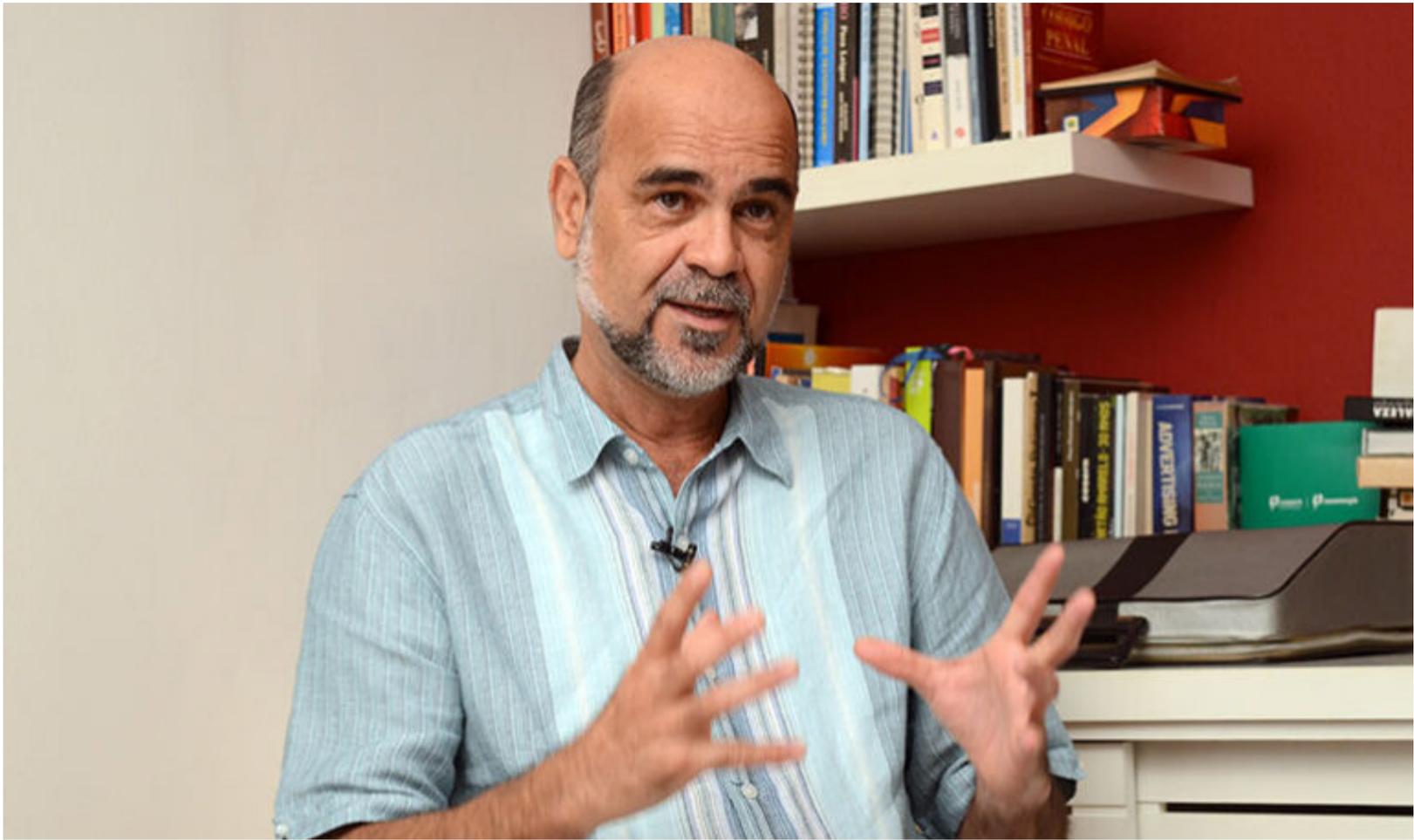


Foto: Arquivo

“A cabeça do eleitor mudou, a do político não”, afirma o marqueteiro João Maria Medeiros

por Stella Galvão,
colaboradora do
blogdobarbosa

Experiência com política faz parte da rotina do jornalista político e marqueteiro João Maria Medeiros há pelo menos duas décadas. Ajudou a eleger, entre outros, Blairo Maggi (MT) e Robinson Faria (RN). Este ano, atuou em São Tomé e Príncipe (África) no braço internacional do seu trabalho com marketing político, para as eleições legislativas de setembro próximo. Nesta entrevista, detalha a percepção que vem reunindo sobre as práticas políticas durante as campanhas eleitorais e as mudanças substanciais do eleitorado, cada vez mais pragmático e racional na hora de escolher seus candidatos. E, claro, arrisca palpites para a Presidência e o Governo do RN em outubro próximo. Se erros qualitativos de comunicação não forem cometidos durante as campanhas no rádio e TV, João Maria aposta em Lula e Fátima Bezerra eleito e reeleito no 1º turno.

1-blogdobarbosa – As campanhas eleitorais, no cenário atual de grande relevância das redes sociais, têm mudado para responder a esta emergência de visibilidade?

João Maria Medeiros – É indiscutível que as redes sociais trouxeram um novo modelo de comportamento das pessoas e isso tem influenciado, mas sob o aspecto do resultado eleitoral, de definição de votos, a grande força ainda

reside no rádio e na televisão. As próprias pesquisas eleitorais mostram isso. E o impacto maior, nesta eleição, ainda será do horário eleitoral gratuito. Ali há uma exposição maior, se pode confrontar propostas. As redes sociais, e a campanha de 2018 mostrou isso de maneira inequívoca, confundiu mais que esclareceu o eleitor sobre suas opções de voto. É um universo que se abre para notícias falsas e destruição de reputações.

2-blogdobarbosa – Foi o que ocorreu em 2018, com farto uso destes recursos e vitória da extrema direita na campanha presidencial. Você acredita que o leitor está mais atento agora?

João Maria Medeiros – Sem dúvida. Apesar do que ocorreu em 2018, é preciso lembrar que campanhas ancoradas em redes sociais esbarram em uma parcela elevada de brasileiros que não tem acesso regular à internet. A bolha da internet resulta na influência de alguns formadores de opinião que impactam na circunvizinhança. A eleição de 2018 é um ponto fora da curva e não foi definida apenas pelas redes sociais. Bolsonaro soube aproveitar o desencanto dos eleitores naquele momento e também foi bastante fortalecido pela facada – a história das eleições no Brasil mostram que qualquer dano sofrido por candidatos impactam nos resultados eleitorais.

3-blogdobarbosa – Falando em sucessão presidencial, você acredita que há chances de definição ainda no 1º turno?

João Maria Medeiros – Sim, considero reais as chances de definição pró-Lula no 1º turno se Bolsonaro não conseguir tirar votos do adversário. Se isso ocorrer nos próximos 60 dias, tempo válido para a propaganda eleitoral, haverá 2º turno. Do contrário, e as pesquisas demonstram isso de maneira muito clara, Lula poderá sair vitorioso na primeira rodada eleitoral.

4-blogdobarbosa -No embate entre tradição e modernidade na política brasileira, os caciques políticos ainda dão as cartas no jogo eleitoral?

João Maria Medeiros – Completamente, e a prova disso é o Centrão [coalização de partidos de centro e centro-direita], que dá sustentação política ao atual governo. Quem administra o Brasil hoje é o Arthur Lira (PP), o orçamento secreto, essa coisa toda. São as velhas raposas dominando o ambiente político brasileiro. É fato que a força política brasileira ainda é estruturada em feudos, sejam grupos familiares, econômicos, políticos. E Bolsonaro, que foi eleito como outsider, se amparou nesta velha estrutura. Mas esta eleição será diferente porque o teste do eleitor não costuma se repetir.

5-blogdobarbosa – Falando agora da eleição estadual, você previu em abril/22 que a governadora Fátima Bezerra enfrentaria problemas para a reeleição decorrentes de erros políticos estratégicos. Mudou a previsão?

João Maria Medeiros – A verdade é que o governo Fátima é um bom governo sem uma grande obra mas com várias obras pontuais. O problema é que isso foi muito mal comunicado à população. Um governante precisa falar com o professor universitário da capital ou de Mossoró, mas também tem que falar com o ‘seu’ Zezinho da zona rural de

Luís Gomes, por exemplo. E isso faltou ao governo atual. Mas Fátima tem condições de ganhar a eleição no 1º turno graças principalmente aos bons resultados de sua gestão. Ela conseguiu resolver problemas graves como a questão da Segurança e do pagamento dos salários dos servidores, que foi regularizado.

6-blogdobarbosa – E as chances da oposição nesta eleição?

João Maria Medeiros – Lamentavelmente para o jogo democrático, o que se observa é que no Rio Grande do Norte praticamente não há oposição desde o primeiro governo Rosalba Ciarlini. Styvenson Valentim, eleito para o Senado como fenômeno, e Fabio Dantas com seu grupo, não conseguem crescer substancialmente porque deixaram para sair candidatos muito em cima da hora. Isso é um erro muito comum no Brasil inteiro. Muitos políticos deixam tudo para a última hora acreditando que tudo se decidirá em menos de três meses de campanha. Então não vejo chances de algum deles derrotar Fátima Bezerra, seja pela boa gestão e também pela força pessoal da governadora.

7-blogdobarbosa -Como avalia a composição da chapa com Fátima e Walter Alves (MDB) como vice?

João Maria Medeiros – Muito bom. Ninguém se elege sozinho. No Rio Grande do Norte, especialmente, as forças políticas são muito esparsas. Então, considero que foi uma grande jogada da governadora. O MDB é um partido muito sólido. Entre os velhos políticos, Garibaldi Alves ainda se mantém muito lembrado pela população. Seja como gestor no governo do RN, quando realizou várias obras estruturantes, seja como presidente do Congresso, ou como parlamentar. É uma chapa muito forte e desse modo Fátima isolou, inteligentemente, partidos que poderiam compor com o MDB, que ainda é uma grande força política no Estado.

8-blogdobarbosa - Qual mudança fundamental você observou na relação entre os políticos e o eleitorado nos últimos anos?

João Maria Medeiros – Nestes anos todos em que atuo com política, tenho observado que a cabeça do eleitor vem evoluindo numa velocidade muito grande. Em contrapartida, a cabeça do político se mantém praticamente inalterada. E falo isso tendo em vista um cenário muito amplo, geograficamente falando e também no espectro político, seja de esquerda, direita ou centro. Mesmo entre os extremistas de direita a prática política é a mesma. Ainda há a compra de votos, apesar do combate permanente da justiça eleitoral, mas também há um eleitor atento para perceber o hiato entre promessa e realização. Ele pensa: o presidente prometeu gasolina barata e grande oferta de emprego no seu governo, e isso não ocorreu. O eleitor é cada vez mais pragmático ao mensurar o que o favorece, a ele e ao seu entorno. Ele é cada vez mais razão que emoção.



Foto: Carlos A. Barbosa

“Nós da família Santa Cruz ficamos indignados com o presidente”, disse Arthur

O blogdobarbosa entrevistou João Arthur Santa Cruz, irmão do desaparecido político Fernando Santa Cruz, pai do então presidente da OAB, Felipe Santa Cruz, sobre a polêmica declaração do presidente Jair Bolsonaro de que, ‘se o presidente da OAB quiser saber como o pai desapareceu no período militar, eu conto para ele’. Arthur, que é pernambucano de Olinda, mas radicado em Natal, onde trabalha como diretor-financeiro da Unicat (Unidade Central de Agentes Terapêuticos), disse que sua família ficou indignada com a forma com que Bolsonaro fez insinuações sobre o desaparecimento do seu irmão, mas nem por isso apelou baixando o nível. Segue a entrevista:

1-blogdobarbosa – Como você e sua família receberam a declaração do presidente em relação ao desaparecimento do seu irmão?

Arthur Santa Cruz – Nós da família Santa Cruz vimos com muita indignação. Após 45 anos um presidente da República vai à TV e apenas por uma questão pífia diz que o pai de Felipe tinha sido morto pelos companheiros. O presidente continua mentindo porque o meu irmão, na época em que foi preso pela ditadura, tinha residência fixa no Rio de Janeiro, era servidor público, então não poderia estar no Rio como clandestino como ele insinuou.

2- blogdobarbosa – O presidente insinuou que sabe como o seu irmão desapareceu.

Arthur – Esperamos que o presidente da República diga ao Brasil o que sabe sobre a morte do meu irmão e onde ele foi enterrado, se realmente foi enterrado, porque o que se sabe é que o seu corpo foi incinerado, para que possamos enterrar ele de maneira digna, pois a minha mãe não teve essa oportunidade, pois morreu aos 105 anos sem poder enterrar o seu filho.

3- blogdobarbosa – A Sra sua mãe, Elzita de Santa Cruz, foi uma guerreira na busca para encontrar o seu irmão. Ela faleceu a pouco sem conseguir o seu objetivo, que era saber o paradeiro de Fernando Santa Cruz.

Arthur – Minha mãe foi realmente uma guerreira. Aos 102 anos de idade ela foi premiada em Brasília com o Prêmio de Direitos Humanos pela procura incansável do meu irmão. Chegou a ter o nome relacionado para o Prêmio Nobel da Paz.

4- blogdobarbosa – A OAB vai provocar o Supremo sobre a declaração do presidente. Qual a posição da família Santa Cruz?

Arthur – A OAB, através de Felipe, vai pedir ao STF para que intime o presidente para que ele diga o paradeiro dos assassinos do seu pai e nosso irmão. Nós, irmãos, junto com a entidades de Direitos Humanos estamos entrando com um pedido junto a Procuradoria Geral da República para que faça o mesmo.

5- blogdobarbosa – Você falou que o corpo de Fernando pode ter sido incinerado e que por isso seus restos mortais nunca apareceram. Em que você se baseia?

Arthur – O ex-delegado do DOPS, Cláudio Guerra, que escreveu um livro sobre a “Guerra Suja”, disse que Fernando, Eduardo Collier e Luiz Maranhão, que inclusive era daqui de Natal, e mais oito estudantes, estiveram presos numa casa em Petrópolis, no qual, ele, o delegado Cláudio Guerra, fora incumbido para levar todos os presos para uma usina em Campos, no Rio de Janeiro, onde foram incinerados numa caldeira.

6- blogdobarbosa – O presidente Bolsonaro insinuou que Fernando Santa Cruz participou da luta armada.

Arthur – Fernando nunca pegou em armas. O crime maior que ele cometeu foi sonhar com um Brasil justo, onde não existisse exploração dos grandes contra os pequenos.

7- blogdobarbosa – Na sua família tem mais alguém que sofreu com a repressão do regime militar?

Arthur – Os meus pais sempre nos deram uma educação com liberdade. Em 1968, Marcelo, meu irmão mais velho fazia o 4º ano de Direito na UFPE (Universidade Federal de Pernambuco), e aí por defender a igualdade das pessoas e seus direitos teve 48 horas para deixar o país, tendo que se exilar em Portugal. Após 1 ano e meio voltou ao Brasil e viveu na clandestinidade no Rio de Janeiro, voltando depois para Olinda em 1971. Uma tragédia se abateu

na família Santa Cruz. Rosalina, minha irmã mais velha, assistente social, funcionária do extinto BNH, foi presa e torturada. Grávida de três meses perdeu o filho. Minha mãe saiu de Olinda e passou 45 dias a procura dela no Dops, nos quartéis, nas delegacias e após esse período um torturador disse onde Rosalina se encontrava. Presa na Ilha das Cobras no Rio de Janeiro.

8-blogdobarbosa – Todos da sua família participaram de uma forma ou de outra na luta contra a ditadura?

Arthur – Todos na minha família participaram da luta estudantil contra a ditadura. Márcia Santa Cruz, outra irmã minha que como militante de esquerda combateu a ditadura emprestando o seu nome para contratar advogados para defender os presos políticos foi outra perseguida pelo regime. Mas a história que marcou mais foi a de Fernando, porque foi tido como desaparecido político. O maior legado que ele deixou foi o seu filho, Felipe Santa Cruz, hoje presidente da OAB. Assim, nós da família Santa Cruz, estamos indignados com a forma que o presidente tratou a questão do desaparecimento de Fernando. Mas em nenhum momento a gente baixou o nível para responder ao presidente.